



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**MARNIELLY BARBOSA CARNEIRO**

**SHOPPING CENTERS, ESPAÇO DE LAZER PARA IDOSOS**

**FORTALEZA**

**2022**

MARNIELLY BARBOSA CARNEIRO

SHOPPING CENTERS, ESPAÇO DE LAZER PARA IDOSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C289s Carneiro, Marnielly Barbosa.

Shopping centers, espaço de lazer para idosos / Marnielly Barbosa Carneiro. – 2022.  
107 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas.

1. Envelhecimento populacional. 2. Idoso. 3. Lazer. 4. Shopping centers. I. Título.

CDD 910

---

MARNIELLY BARBOSA CARNEIRO

SHOPPING CENTERS, ESPAÇO DE LAZER PARA IDOSOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Aprovada em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Clelia Lustosa Costa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Nuno Manuel Sessarego Marques D Costa  
Universidade de Lisboa, Portugal

---

Prof. Dr. Tiago Estevam Gonçalves  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

A Deus.

Aos meus pais, Rosemeire e Marto.

Ao meu marido, Eduardo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar sabedoria, paciência, saúde e perseverança para passar por mais essa fase da minha vida, guiar meus caminhos e me proteger aonde eu for.

Aos meus pais, Marto e Rosemeire, por sempre me incentivarem a seguir meus sonhos e me mostrarem a importância da educação na minha vida. Nunca mediram esforços para me ajudar a chegar aonde fosse. O amor e dedicação deles por mim durante toda a vida sempre serão as minhas maiores inspirações.

Ao meu eterno namorado, agora marido, Eduardo, por acreditar no meu potencial, mesmo quando eu não consigo acreditar. Desde a graduação, sempre foi a pessoa na qual eu me apoiei e aprendi a admirar. Eu não teria me inscrito na seleção do Mestrado se não fosse o seu intenso incentivo, eu não teria passado por toda essa Pós-Graduação com tranquilidade e fé em mim mesma, se não fosse por ele. Serei eternamente grata por tudo que fez por mim.

Ao Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas, por ter sido o melhor orientador que eu poderia ter tido, sempre me guiando e motivando quando necessário. Se eu me senti segura nos momentos mais importantes ao longo do Mestrado, devo isso a ele.

À minha família, pelo incentivo e apoio durante este período, por sempre entenderem minhas ausências e meus estresses.

Aos professores participantes da banca examinadora, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas. Mesmo com toda a minha insistência, sempre foram gentis e simpáticos.

À Coordenação e Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará por estarem sempre dispostos a ajudar e tirar dúvidas com eficiência.

À Instituição Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio durante a Pós-Graduação.

Eu sigo 'moleque'. Eu sei que sou velho, mas estou curioso para experimentar a velhice. A verdade é que, se não houver muitas desvantagens, nunca se é velho: a pessoa que você é ainda é o que você tem sido.

– Caetano Veloso

## RESUMO

O surgimento de novas tecnologias e avanços na ciência promoveram um rápido crescimento populacional, com quedas nas taxas de natalidade, mortalidade e fecundidade e aumento na expectativa de vida. No Brasil, o envelhecimento populacional ganhou mais força a partir da segunda metade do século XX. Buscando garantir uma melhor qualidade de vida para os idosos, muito se tem falado do chamado envelhecimento ativo, em relação ao qual o lazer consiste um elemento essencial permissível de um nível de sociabilização inquestionável que justifica o fortalecimento dos shopping centers brasileiros em centros de lazer especializados. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pautado em pesquisa qualitativa, proceder-se-á análise para apreender o redimensionamento dos shopping centers face à problemática do envelhecimento populacional, ênfase ao delineamento de estratégias, procedimentos e de ações associadas à dimensão dos lazers para idosos em alguns desses espaços de Fortaleza – CE. Grosso modo, se apresenta um gênero de desdobramento já vislumbrado no domínio da cidade, com indicação, da parte do Poder Público, de ações de redimensionamento do usufruto dos espaços públicos pelas populações idosas. Em Fortaleza, este cenário não é diferente, sendo possível perceber a busca por lazer nos espaços privados dos shopping centers da cidade; buscado, em sua maioria, por mulheres, nos dias de semana e no período da tarde. Esses centros comerciais perceberam o aumento da presença deste público e desenvolveram uma série de ações e projetos voltados para a inclusão social e lazer de idoso. Assim, como centro de lazer e espaço inicialmente voltado ao público jovem e adulto, se adaptam ao novo cenário no qual o idoso compõe potencial público consumidor. Do apresentado, construiremos análise a cotejar o fenômeno do envelhecimento populacional no Brasil, no Ceará e em Fortaleza; entender a presença da população idosa de Fortaleza nos shopping centers e, por sua vez, compreendê-los como local de lazer para os idosos, identificando os espaços, projetos e ações implementadas. Esta pesquisa dividiu-se em 4 etapas principais: pesquisa bibliográfica, pesquisa em campo por meio da observação, elaboração e realização de entrevistas e análise das informações obtidas para a redação final da dissertação.

**Palavras-chave:** envelhecimento populacional; idoso; lazer; shopping centers.

## ABSTRACT

The emergence of new technologies and advances in science have promoted rapid population growth, with falls in birth, mortality and fertility rates and an increase in life expectancy. In Brazil, population aging gained more strength from the second half of the 20th century. Seeking to guarantee a better quality of life for the elderly, much has been said about the so-called active aging, in relation to which leisure is an essential permissible element of an unquestionable level of socialization that justifies the strengthening of Brazilian shopping malls in specialized leisure centers. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001, it was based on qualitative research, an analysis will be carried out to apprehend the resizing of shopping malls in the face of the problem of population aging, emphasizing the design of strategies, procedures and actions associated with the dimension of leisure for the elderly in some of these spaces in Fortaleza - CE. Roughly speaking, a kind of unfolding already envisioned in the domain of the city is presented, with an indication, on the part of the Public Power, of actions to resize the usufruct of public spaces by the elderly population. In Fortaleza, this scenario is no different, and it is possible to perceive the search for leisure in the private spaces of the city's shopping malls; sought after, mostly by women, on weekdays and in the afternoon. These shopping malls noticed the increase in the presence of this public and developed a series of actions and projects aimed at the social inclusion and leisure of the elderly. Thus, as a leisure center and space initially aimed at young and adult audiences, they adapt to the new scenario in which the elderly make up a potential consumer public. From the above, we will build an analysis comparing the phenomenon of population aging in Brazil, Ceará and Fortaleza; understand the presence of the elderly population of Fortaleza in shopping malls and, in turn, understand them as a place of leisure for the elderly, identifying the spaces, projects and actions implemented. This research was divided into 4 main stages: bibliographic research, field research through observation, elaboration and carrying out of interviews and analysis of the information obtained for the final writing of the dissertation.

**Keywords:** population aging; seniors; leisure; shopping malls.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Idosos participantes da ação “Academia na Praça” .....	40
Figura 2 - Idosos participantes da ação “Academia na Praça” .....	40
Figura 3 - Idosos participantes da ação "Idoso bom de bola" .....	40
Figura 4 - Idosos participantes da ação "Idoso bom de bola" .....	40
Figura 5 - Hortas Sociais do Projeto Fortaleza Cidade Amiga do Idoso .....	41
Figura 6 - Ação Parque Aquático do Projeto Fortaleza Cidade Amiga do Idoso.....	41
Figura 7 - Idosos participantes do projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade .....	41
Figura 8 - Idosos participantes do projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade .....	41
Figura 9 - População Idosa de Fortaleza por bairro .....	44
Figura 10 - Percentual da população idosa de Fortaleza por bairro .....	45
Figura 11 - Mapa do IDH, por bairro, de Fortaleza – 2010 .....	46
Figura 12 - Mapa de localização dos Shopping Centers em Fortaleza – CE .....	80
Figura 13 - Mapa de Localização dos Shopping Centers do Ceará .....	81
Figura 14 - Praça de Alimentação de um dos Shopping Centers visitados .....	85
Figura 15 - Cartazes de divulgação da programação do Shopping Center .....	86
Figura 16 - Estrutura interna de Shopping Centers de Fortaleza .....	86
Figura 17 - Estrutura interna de Shopping Centers de Fortaleza .....	86

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Pirâmide Etária Cearense – 2010 .....	43
Gráfico 2 - Pirâmide Etária Cearense – 2040 .....	43
Gráfico 3 - Crescimento da população idosa de Fortaleza entre 2001 e 2020.....	47
Gráfico 4 - Evolução da População Brasileira entre 1800 e 2010 .....	49
Gráfico 5 - Projeção da População Brasileira (2010 – 2060) .....	56
Gráfico 6 - Pirâmide Etária Brasileira 2010 .....	57
Gráfico 7 - Pirâmide Etária Brasileira 2040 .....	58
Gráfico 8 - Projeção da Taxa Bruta de Natalidade e Taxa de Fecundidade Total no Brasil entre 2010 e 2060 .....	59
Gráfico 9 - Projeção da Razão de Dependência Jovem e Idosa no Brasil entre 2010 e 2060.....	59
Gráfico 10 - Shopping Centers no Brasil por região (%) .....	69
Gráfico 11 - Os 10 Estados com maiores quantidades de Shopping Centers no Brasil .....	70

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Evolução das principais taxas demográficas entre os anos de 1950 e 2010 .....	50
Tabela 2 - Shopping Centers do Estado do Ceará .....	79
Tabela 3 - Síntese das observações .....	87

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Área Bruta Locável
ABRASCE	Associação Brasileira de <i>Shopping Centers</i>
CNDI	Conselho Nacional de Direitos do Idoso
CNS	Conselho Nacional de Saúde
EUA	Estados Unidos da América
EI	Estatuto do Idoso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IJCPM	Instituto João Carlos Paes Mendonça de Compromisso Social
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PEA	População Economicamente Ativa
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
PNI	Política Nacional do Idoso
RD	Razão de Dependência
STDS	Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social
SUS	Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>O LAZER NA SOCIEDADE E SEU PAPEL NA VIDA DO IDOSO</b> .....	23
<b>2.1</b>	<b>A evolução e caracterização do lazer na sociedade</b> .....	24
<b>2.2</b>	<b>Envelhecimento ativo: o lazer na Terceira Idade em destaque</b> .....	29
<b>2.3</b>	<b>Evolução do lazer em Fortaleza – CE e o lazer para idosos</b> .....	38
<b>2.3.1</b>	<i>Os idosos no Ceará e em Fortaleza: dados e espacialização</i> .....	42
<b>2.4</b>	<b>O envelhecimento populacional no Brasil e seus impactos futuros</b> .....	48
<b>3</b>	<b>SHOPPING CENTERS: NOVAS DINÂMICAS NO ESPAÇO URBANO E A ATRAÇÃO DO PÚBLICO IDOSO</b> .....	62
<b>3.1</b>	<b>Breve histórico: das ruas comerciais aos shopping centers</b> .....	63
<b>3.1.1</b>	<i>Dados e classificações no Brasil</i> .....	68
<b>3.2</b>	<b>A influência na sociedade e no espaço urbano: o papel na criação de centralidades em Fortaleza</b> .....	72
<b>3.3</b>	<b>Shopping Centers de Fortaleza – CE como espaços de lazer para idosos: dinâmicas e estratégias</b> .....	83
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	92
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES</b> .....	108
	<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....	109

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Alves (2018), “entre 1776 e 2016 o crescimento da população foi de quase 9 vezes (de cerca de 850 milhões para 7,5 bilhões de habitantes)”, dado representante de um patamar de crescimento nunca antes visto, em um período de apenas 240 anos. Enquanto a população mundial levou cerca de 1.800 anos (a partir do nascimento de Cristo) para chegar a 1 bilhão de habitantes, demorou apenas outros 220 anos para alcançar a marca de 7,8 bilhões de habitantes (WORLDOMETER, 2020).

Este crescimento populacional foi possível com as melhorias nas condições de vida da população proporcionadas pelos avanços no meio técnico-científico. Assim, observou-se o aumento na expectativa de vida ao nascer e a diminuição na taxa de natalidade em todo lugar onde a “modernidade” chegava, sendo mais notória em países centrais capitalistas. A expectativa de vida cresceu cerca de 145% entre o século XX e os dias atuais; na Europa, por exemplo, em 1900, as pessoas viviam, em média, até os 45 anos e, hoje, as pessoas vivem, em média, até os 80 anos (CUNHA, 2008).

Assim, os avanços na medicina, as melhorias na saúde, na educação e no saneamento básico, o desenvolvimento cada vez maior dos transportes e da comunicação foram peças chaves para que a população mundial crescesse e vivesse por mais tempo. A partir da segunda metade do século XX, o mundo começou a observar um novo fenômeno que chamou a atenção em alguns países: o envelhecimento populacional.

O continente europeu foi o primeiro a vivenciar este fenômeno. Berço das primeiras Revoluções Industriais, a Europa iniciou, antes do restante do mundo, seu processo de modernização, com novas tecnologias, avanços no âmbito científico e melhorias nas condições de vida da população. Com isso, ainda no século XX, as taxas de natalidade (assim como o número de filhos por mulher) e de mortalidade começaram a diminuir e a expectativa de vida começou a crescer (CUNHA, 2008).

Essa mudança de altas para baixas taxas de natalidade e mortalidade é a chamada transição demográfica e ocorreram em ritmos e momentos diferentes em cada país (KANSO, 2013). Usando o exemplo de países como Alemanha e Portugal, na Europa, e Japão, na Ásia, países considerados desenvolvidos, podemos observar tais mudanças. Alemanha e Portugal compõem quadro similar. No século XX (1950), o primeiro país tinha uma população de 70 milhões de habitantes e o segundo 8 milhões de habitantes, dispendo, respectivamente, de um percentual já consideravelmente alto de idosos (60 anos ou mais), na ordem de 14,7% e 10,3%.

No século XXI (2015), tal conformação se consolida, atingindo a população idosa patamares superiores na Alemanha e Portugal, no primeiro 27,5% dos 80 milhões de habitantes e no segundo 26,4% dos 10 milhões de habitantes (POPULATIONPYRAMID.NET, 2020). O Japão se encontra circunscrito em cenário bem diferente. Em 1950, a população total era de quase 83 milhões de habitantes, sendo 7,4% destes idosos com 60 anos ou mais; em 2015, a população alcançou o incrível número de 128 milhões de habitantes, destes 32,8% sendo idosos (POPULATIONPYRAMID.NET, 2020).

A diferença clara entre os cenários apresentados pode ser explicada pelas discrepâncias culturais daqueles países e o nível e velocidade de modernização e avanço técnico-científico. Entretanto, existem algumas similaridades entre estes três exemplos: em todos os cenários, o número de mulheres é superior ao de homens; no ano de 2015, os três países apresentaram um aumento no número de idosos mais velhos, acima de 80 anos (POPULATIONPYRAMID.NET, 2020).

O debate sobre o envelhecimento populacional toma (alcança/atinge) países como o Brasil. Considerado como “em desenvolvimento”, em 1950 tinha pouco mais de 52 milhões de habitantes, destes, 4,24% eram idosos com 60 anos ou mais (IBGE, 1956). Já em 2015, com uma população de pouco mais de 204 milhões de habitantes, a população idosa representava 11,7% deste total (IBGE, 2016). O número de idosos mais que dobrou neste período de tempo, porém, foi um aumento ocorrido de maneira diferente dos países citados acima.

No século XX, houve diversas mudanças estruturais e sociais promovidas pelo advento de modernização empreendido no país e a profitar do vivenciado no Ocidente. Com isso, a urbanização tornou-se cada vez mais intensa, atingindo diversas áreas, principalmente cidades grandes e médias, contribuindo para o crescimento demográfico. O aumento da população nos centros urbanos trouxe novas demandas para a realidade brasileira. Por volta dos anos 80, o Brasil experimentou uma fase de “bônus demográfico”, quando a taxa de fecundidade diminuiu e houve um aumento significativo da população em idade ativa (15 a 64 anos) e, conseqüentemente, a taxa de dependência total diminuiu (número de crianças e idosos dependentes da população economicamente ativa) (WONG; CARVALHO, 2006).

Desde então, o Brasil apresentou uma queda cada vez mais acelerada da taxa de fecundidade: nos anos 1960, a taxa era de 5,8 filhos por mulher; em 1980, esse número caiu para 4,0 filhos por mulher; em 2000, a taxa já era de 2,7 filhos por mulher; e em 2017, a taxa era de 1,7 filhos por mulher (IBGE, 2020). Essa diminuição pode ser explicada por diversos fatores como, por exemplo, a disseminação dos métodos anticoncepcionais e a inserção da mulher no mercado de trabalho (GONÇALVES *et al*, 2019).

Durante este período, também é possível observar uma relativa melhoria na qualidade de vida da população, com avanços na área da medicina e no sistema de saúde, o acesso ao saneamento básico, melhores infraestruturas e melhorias na higiene pessoal, por exemplo. Assim, a partir dos anos de 1980, há diminuição da taxa de mortalidade e também o progressivo aumento da longevidade no Brasil. Observa-se no cenário de diminuição da taxa de fecundidade e no aumento da longevidade a redução do número de crianças e a alta no número de idosos da população brasileira (IBGE, 2020).

Do apresentado, o citado fenômeno já atinge, na contemporaneidade, um maior número de países, impondo a seus governos necessidade de adequação de leis e inclusão de direitos especiais e a consequente realização de mudanças e inovações em diversas áreas da sociedade: a educação, a saúde e o lazer, importantes no patamar de qualidade de vida.

Desde os primeiros anos do século XXI, quando a questão do envelhecimento populacional começou a chamar a atenção dos governos e entidades de países onde este processo já estava bem acelerado, a Organização Mundial da Saúde (OMS) trouxe ao debate uma proposta mais abrangente com o objetivo de tornar o período da velhice mais produtivo, enérgico e feliz: o envelhecimento ativo.

Segundo a OMS (2005, p. 13), o envelhecimento ativo tem como principal objetivo “aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados”. Ao trazer este termo à tona, diversos governos passaram a inserir o envelhecimento ativo nos seus planos e agendas de políticas públicas.

Dado os atuais números de idosos e estimativas populacionais para o futuro, a OMS defende o envelhecimento ativo como algo essencial, a encampar benefícios coletivos e individuais como a melhoria da qualidade de vida da população idosa e a consequente redução de gastos públicos com saúde e medicamentos (JOSÉ; TEIXEIRA, 2014).

Existem alguns fatores determinantes para o envelhecimento ativo, segundo a OMS. Dentre eles, vale destacar os fatores determinantes relacionados a aspectos pessoais. Um destes é o fator psicológico do indivíduo durante o período da velhice, pois influencia na inteligência e na capacidade cognitiva do idoso (OMS, 2005, p. 26). Quando a cognição do idoso não deixa de ser estimulada, ele tende a sentir-se mais confiante, saudável e sociável, e uma das maneiras de manter e melhorar a sociabilidade na velhice é com o estímulo ao lazer.

Assim, dado o cenário de envelhecimento populacional no Brasil, vêm surgindo preocupações com as condições de lazer para os idosos, grupo da sociedade em contínuo crescimento. O lazer é um dos grandes pilares para a sociedade, vem ganhando cada vez mais

espaço na vida dos brasileiros e aparece como uma possibilidade de desenvolvimento pessoal, social e educativo, além de ser considerado um momento de descanso e de divertimento (MARCELLINO, 1995, p. 25). Assim, começou a ganhar importância e a fazer parte da vida da população brasileira, apesar de só ser considerado um direito básico do cidadão na Constituição de 1988.

Considerando as atividades direcionadas para a população idosa, é necessária uma atenção maior às necessidades demandadas por este público, como a acessibilidade, conforto e segurança, pois é preciso considerar alguns fatores comuns nesta fase da vida, como declínio da saúde e da energia, perda de interesse por atividades, ausência de companheiro(a), diminuição de recursos econômicos e declínio da saúde. Neste sentido, os espaços públicos e/ou privados devem se adequar no propósito de estimularem aquela parcela da população a se beneficiar com a prática em foco.

O lazer para idosos, atualmente, é um dos grandes desafios ao país e às entidades privadas. Percebe-se a necessidade de uma mudança ainda mais efetiva para que, ao chegar na fase da velhice, os indivíduos não percam o interesse nos mais variados tipos de lazer potencializadores de um envelhecimento ativo de qualidade. Apesar de ser um desafio, já é possível encontrar iniciativas públicas e privadas a proporcionarem momentos de lazer para este público.

Ao pensar no lazer na contemporaneidade, deve-se levar em consideração o contexto de seu surgimento, de desenvolvimento da sociedade industrial, na qual a tônica basilar do consumo converte, aos poucos, o lazer em mercadoria, algo consumível e desejado. Atualmente, uma grande infraestrutura vem atraindo os fluxos e se destacando como centro de lazer e consumo para a população de maneira geral: os shopping centers. (SILVA; LEME; SANTOS, 2018).

Os shopping centers surgiram nos Estados Unidos da América, chegaram ao Brasil na década de 1960 e ganharam força durante os anos de 1980, quando foram construídos novos shopping em algumas cidades brasileiras (SANTOS; COSTA; CARVALHO, 1996). Já no século XXI, podemos encontrar este tipo de empreendimento em diversos centros urbanos importantes do Brasil.

Os shopping centers são definidos como empreendimentos do setor de serviços que abrigam diversos estabelecimentos comerciais, centralizados arquitetônica e administrativamente (*ibidem*, 1996). São espaços criados para concentrar o consumo de determinada área do espaço urbano. No Brasil, tal empreendimento se popularizou, se espalhando na cidade, em novas áreas, e incorporando novas características, como a de centro

de lazer. Além de um grande centro comercial ao estimular o consumo de seus frequentadores, os shopping centers investem cada vez mais em seus espaços de lazer. São espaços de convivência, praças de alimentação, cinema.

Novas opções de lazer são conformadas às populações idosas nos shopping centers. No caso da cidade de Fortaleza, podemos encontrar um número elevado de modernos e bem equipados shopping centers (14, conforme a Associação Brasileira de Shopping Centers – ABRASCE, 2020) espalhados por todas as áreas da cidade e nos quais podemos verificar algumas questões: com o envelhecimento populacional e o conseqüente aumento da demanda por espaços/práticas de lazer para idosos, os shopping centers possuem potencial atrativo para este público? Atualmente, já existem opções de lazer para este público nos shopping centers de Fortaleza? Para além disso, os shopping centers estão preparados para atender ao público idoso? Quais as ofertas de lazer para este público em shopping centers? Qual perfil do idoso demanda o lazer em shopping? Todos os shopping centers de Fortaleza são frequentados por idosos com a mesma intensidade? O que poderia levar o idoso a procurar lazer neste tipo de ambiente?

A hipótese inicial é a de que os shopping centers têm atraído cada vez mais o público idoso dadas as características desses espaços, como: conforto, acessibilidade e segurança encontrados. Além disso, existe a possibilidade de muitos idosos preferirem este novo tipo de lazer para se manterem mais conectados com os “tempos modernos” e, também, por conta da probabilidade de socialização com as gerações mais novas.

A ideia de realizar tal pesquisa veio a partir de observações cotidianas em shopping centers. Era cada vez mais perceptível a presença de idosos nestes espaços, fazendo compras ou em momentos de descontração na praça de alimentação. Assim, foram surgindo questões relacionadas ao lazer existente para idosos nos dias de hoje e o interesse em saber se este fenômeno estava acontecendo em outros shopping centers. Na sequência, a pesquisa passa a compor o Projeto GRAMPCITY *Moving smartly towards accessible & inclusive urban environments for our elders*, financiado pela FUNCAP e a FCT.

Com o envelhecimento populacional no Brasil, percebe-se a necessidade de novas pesquisas e estudos para a análise de como este processo afeta o país e a sociedade, além de trazer inovações em todos os setores que, diariamente, atendem aos idosos.

Diversas áreas, principalmente a da saúde, já desempenham um papel de grande importância no meio acadêmico, trazendo novas interpretações de conceitos, explicações sobre as necessidades desse público e propostas inovadoras com o objetivo de melhorar a qualidade de vida do idoso. Na Geografia, não seria diferente. Por isso, esta pesquisa aparece como uma contribuição para o saber geográfico e para a população de maneira geral que, muito em breve,

precisará se adequar para atender as demandas da crescente população idosa. A preocupação com a qualidade de vida do idoso de hoje refletirá na nossa qualidade de vida futura.

Assim, o lazer durante esta fase da vida é muito importante, pois melhora diversos aspectos da saúde física e mental do idoso e, por isso, é algo a ser estimulado e, portanto, é necessária a existência de espaços adequados para tal prática. Entender como ambientes tão voltados, a princípio, para o público mais jovem têm se adaptado e atraído o público idoso, fortalece o debate e influencia na melhoria da qualidade deles para este novo público.

No âmbito social e político, esta pesquisa poderá ajudar a dar visibilidade para o lazer de idosos, tanto em locais públicos como em locais privados, e poderá ajudar a melhorar a oferta de lazer para este público em locais como os shopping centers. Como destaca Oliveira (2004), "a adoção de uma vida ativa, que estabeleça a conexão com o mundo através do lazer e atividade social, pode auxiliar tanto na manutenção da capacidade funcional e do bem estar, como na atualização da autoimagem do indivíduo idoso".

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relação entre o envelhecimento populacional e o lazer para idosos em shopping centers de Fortaleza – CE. Além disso, tem como objetivos específicos identificar o envelhecimento populacional no Brasil, no Ceará e em Fortaleza; entender a influência dos shopping centers no espaço urbano e, por sua vez, a presença da população idosa de Fortaleza – CE nestes equipamentos; compreender os shopping centers de Fortaleza – CE como um espaço de lazer para os idosos; e identificar os espaços, projetos e ações para os idosos nos shopping centers.

A pesquisa foi fundamentada em conceitos concentrados no campo da Geografia da População, Geografia Urbana e da Geografia do Lazer, tais como: envelhecimento populacional, transição da estrutura etária (TEE), envelhecimento ativo, lazer, espaços tipos de lazer, além de shopping centers, consumo e as novas centralidades no meio urbano.

Para atingir os objetivos deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, preocupada com os fatos da realidade que não podem ou precisam ser quantificados (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32). Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), uma pesquisa qualitativa permite uma maior aproximação entre o pesquisador e o objeto ou lócus de estudo possibilitando-o uma melhor compreensão dos processos e fenômenos analisados. Além disso, a pesquisa feita para este trabalho pode ser considerada uma pesquisa exploratória, onde a principal finalidade é apresentar mais informações sobre o assunto pesquisado, dando um novo tipo de enfoque à abordagem (*ibid*, p. 52).

Os passos metodológicos e cronograma pensados para a pesquisa, inicialmente, precisaram passar por uma série de alterações por conta do cenário pandêmico, com o vírus

causador da COVID-19, vivenciado em todo o planeta desde o início de 2020 e afetando, com mais gravidade, os idosos. Além disso, para evitar a rápida disseminação do vírus, diversos setores econômicos foram fechados e o isolamento social foi necessário para evitar a sobrecarga do sistema de saúde.

Assim, foi dada maior ênfase na primeira parte da pesquisa feita à distância, no chamado *home office*, a pesquisa bibliográfica. A primeira etapa da investigação consistiu, então, na realização de uma revisão bibliográfica, onde foi feito um levantamento de referências teóricas para oferecer uma visão inicial dos conceitos e categorias de análise que fundamentam as temáticas pesquisadas: envelhecimento populacional, lazer e shopping centers. Este levantamento de referências foi realizado em bibliotecas, sites de busca e gerou um apanhado bibliográfico consistente ao longo da realização da pesquisa.

A segunda etapa foi marcada por uma pesquisa em campo por meio da observação. Dessa forma, foram visitados os shopping centers escolhidos para realizar o estudo e as entrevistas (próxima etapa). A partir da análise de dados demográficos de cada bairro de Fortaleza, os empreendimentos comerciais escolhidos para observação e análise foram os localizados nos bairros com uma quantidade muito elevada ou elevada de idosos em sua população. Uma amostra de 30% dos shopping centers da capital cearense foi selecionada.

As visitas desta etapa tiveram como objetivo a coleta de dados e informações sobre a presença e frequência de idosos nesses locais, além da observação da existência (ou não) de um espaço voltado para este público, se existem ações ou projetos voltados para os idosos e quaisquer outras informações relevantes à pesquisa. Tais visitas foram guiadas por um roteiro de observação (APÊNDICE A) previamente estabelecido, utilizando critérios como acessibilidade, mobilidade, segurança, diversidade de atividades, horários mais frequentados, entre outros, para que fosse possível analisar e observar os mesmos pontos em cada shopping center. Após a visita, as informações obtidas foram analisadas para ajudar na fundamentação da elaboração da entrevista (APÊNDICE B) aplicada com responsáveis pelo setor de lazer nos empreendimentos.

A terceira etapa consistiu, então, na elaboração e realização de entrevistas junto aos gestores ou responsáveis pelo lazer nos shopping centers escolhidos para a pesquisa. Segundo Martins (2018), a entrevista pode ser definida como “um método de coleta de dados que permite ao pesquisador um relacionamento direto com o grupo estudado”. A entrevista teve como objetivo coletar informações sobre o perfil do público idoso visitante de cada shopping center, entender qual a relação deles com o lazer oferecido nesses locais, entender quais atividades ou serviços são mais procurados pelo público idoso, além de buscar informações sobre os projetos,

atividades ou ações existentes nos shopping centers destinadas a esse público e sobre planos e estratégias para atender as demandas futuras.

Por fim, na quarta etapa, foi realizada a análise das informações obtidas na observação do ambiente e das entrevistas realizadas nos shopping centers. Em seguida, os dados e informações obtidas ao longo da pesquisa foram compilados, prezando pelo alcance dos objetivos propostos, para a escrita da dissertação.

Este trabalho está dividido em mais dois capítulos, além da introdução (primeiro capítulo) e da conclusão (último capítulo). Assim, no segundo capítulo é o lazer é o destaque. É abordado o processo de evolução desde o seu surgimento, os tipos existentes e como está presente no Brasil. Além disso, também é abordado o envelhecimento ativo, apresentando sua definição, fatores determinantes e os benefícios trazidos para a vida do idoso. Serão utilizados como principais referências sobre o lazer os autores Joffre Dumazedier (1974; 1976; 1994) e Nelson Carvalho Marcellino (1995a; 1995b; 2002). Também tem destaque o desenvolvimento do lazer na capital cearense e projetos criados para garantir o acesso da população idosa a essas atividades. A relação entre o lazer e o consumo é apresentada neste capítulo, mostrando seus prós e contras.

Além disso, ainda neste capítulo, é abordada a questão do envelhecimento populacional no Brasil, com destaque para o Estado do Ceará e sua capital, Fortaleza. Contém, também, uma análise de como vem ocorrendo o processo de envelhecimento da população brasileira, bem como os impactos deste fenômeno no presente e no futuro. Para tanto, neste capítulo, foram utilizados como referências textos de autoras como Ana Amélia Camarano (2002; 2004; 2016) e Solange Kanso (2013).

Já no terceiro capítulo, o tema principal são os shopping centers, onde é abordada a evolução destes empreendimentos, desde o seu surgimento nos Estados Unidos da América (EUA). Além disso, contém uma análise sobre a sua influência nos dias de hoje, no espaço urbano, com destaque para a cidade de Fortaleza – CE, como a interferência na criação de novas centralidades na cidade. Para tanto, serão utilizados textos de autores como Tiago Gonçalves (2017), Silvana Pintaudi (1992), Valquíria Padilha (2003), Ana Fani Alessandri Carlos (2004; 2007) e Caldeira (2000). Ainda neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos com a pesquisa, desde os aspectos analisados no período de observações e as informações obtidas com as entrevistas realizadas.

## **2 O LAZER NA SOCIEDADE E SEU PAPEL NA VIDA DO IDOSO**

O ócio, o tempo livre, sempre foram algo comum ao longo da história, porém, muitas vezes, não representavam um momento de relaxamento ou divertimento no período do não trabalho. Somente na sociedade industrial surgiu um tempo reservado para relaxar, divertir-se e adquirir novos conhecimentos para a evolução pessoal. O lazer, assim, começa a fazer parte da vida do proletariado e, com o passar dos anos, tornou-se essencial para a qualidade de vida das pessoas de todas as idades. Segundo Marcellino (2002, p. 8), o lazer pode ser considerado como uma “relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade”.

Neste capítulo, será explicada a evolução pela qual o lazer passou, a partir do seu surgimento como direito do trabalhador. As explicações e conceitos de autores como Joffre Dumazedier (1974; 1976; 1994) e Nelson C. Marcellino (1995a; 1995b; 2002) são as principais bases para o entendimento do lazer e do seu papel na sociedade atual. Além disso, são apresentadas as principais características e tipos de lazer, bem como as barreiras encontradas por parte da população para o acesso às práticas de qualidade. O lazer em Fortaleza, área de estudo desta pesquisa, também será apresentado, destacando sua evolução socioespacial na cidade ao longo dos anos.

Além disso, o envelhecimento ativo terá um grande destaque. Será abordado neste capítulo o surgimento desta nova forma de encarar esta etapa da vida, bem como a definição atribuída a este termo por alguns órgãos governamentais. Serão destacados os diversos benefícios trazidos à vida dos idosos ao envelhecer ativamente, bem como serão apresentadas algumas críticas a esta proposta de envelhecimento, para, assim, promover uma rica discussão sobre este tema.

O lazer na terceira idade também terá destaque, com ênfase nos benefícios que a prática de lazer pode trazer para a qualidade de vida e saúde física e mental do idoso. A cidade de Fortaleza terá visibilidade, com exemplos de lazeres praticados por esse público. Além disso, são abordadas questões difíceis do acesso ao lazer pelo idoso, como a questão financeira, a saúde e os preconceitos sofridos por ele ao buscar práticas de lazer consideradas, por alguns, inadequadas para sua idade.

No final, será abordado o processo de envelhecimento populacional no contexto brasileiro, apresentando as causas que levaram ao crescimento da população idosa, além de dados comparativos de diferentes anos a fim de trazer uma discussão sobre este assunto. Além disso, também terá destaque a atual situação demográfica do Ceará e sua capital, Fortaleza.

O envelhecimento populacional, segundo Carvalho e Garcia (2003), está diretamente relacionado à mudança na estrutura etária da população, o que vai gerando um aumento no peso relativo das pessoas acima de determinada idade na pirâmide etária, sendo tal idade o limite definidor do início da velhice. A estrutura etária de um país pode ser analisada a partir de um gráfico conhecido como pirâmide etária onde, neste tipo de gráfico, temos duas colunas, uma representando o sexo masculino e outra o feminino, e barras horizontais demonstrando as faixas de idade.

No Brasil, segundo a Política Nacional do Idoso (PNI), a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, e o Estatuto do Idoso (EI), Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, considera-se idosa qualquer pessoa com idade igual ou superior a 60 anos. Atualmente, os idosos já representam 14% da população brasileira, segundo a Projeção da População de 2020 (IBGE, 2020a). Para este assunto, serão utilizados e discutidos textos e conceitos de autores que estudam o envelhecimento populacional e seus desdobramentos, como Ana Amélia Camarano (2002; 2004; 2016) e Solange Kanso (2004; 2013).

## **2.1 A evolução e caracterização do lazer na sociedade**

Cada vez mais comum e necessário para a qualidade de vida do ser humano, o lazer surgiu recentemente na história da humanidade. Até antes do período industrial, o lazer não existia de fato, pois na sociedade tradicional, de maioria rural, não havia diferença ou separação entre as esferas da vida do homem (MARCELLINO, 1995b, p. 20). Durante esta fase, geralmente, o local de trabalho era o mesmo de moradia, ou era próximo ao local de moradia; e, além disso, o trabalho seguia um ritmo totalmente diferente da sociedade industrial (*ibid*).

Com o advento da era industrial, segundo Marcellino (1995b, p. 21), a forma de organização da sociedade alterou-se, com modificações no comportamento das pessoas, o rápido processo de urbanização e a concentração populacional, por exemplo; e com ela alterou-se, também, a organização e a relação das pessoas com o trabalho, com a divisão social do trabalho, cada vez mais mecanizado, especializado e fragmentado.

Desta forma, surge uma diferenciação entre o tempo de trabalho e o tempo de “não-trabalho” e o lazer começa a aparecer para a população industrial, como explica Dumazedier (1976, p. 52): “não somente todas as modificações inerentes a essa civilização influem sobre o lazer como também ele próprio é uma criação da civilização industrial”. Entretanto, o lazer recém-surgido neste período inicial da sociedade industrial ainda não era como entendemos atualmente, foram necessárias uma série de lutas e reivindicações por parte, principalmente,

dos operários para a garantia do tempo de lazer.

No início da sociedade industrial, a jornada de trabalho era muito longa e os salários eram ínfimos, de modo que os operários estavam sempre sobrecarregados e sem nenhum tempo livre para o lazer, praticado apenas pelas classes mais altas. Assim, a redução da jornada de trabalho foi uma das primeiras reivindicações dos operários, algo acontecido somente no ano de 1864, mas alcançada apenas no ano de 1981, com a limitação da jornada de trabalho em onze horas diárias para mulheres e crianças (DUMAZEDIER, 1976, p. 55 e 57).

Somente no século XX foi delimitada uma jornada de trabalho de 40 horas semanais, férias pagas e contratos trabalhistas. Segundo Dumazedier (1976),

Não é somente uma nova organização que nasce, mas um novo estilo de lazer. (...) A própria palavra 'lazer', até agora usada somente pela burguesia, toma uma ressonância popular e tende a substituir o modesto termo 'repouso'. Muitas das atividades até então praticadas somente pelas classes abstratas são conquistadas e transformadas pelos operários das cidades e também do campo. Na história dos lazeres populares, essa é uma data muito importante. (DUMAZEDIER, 1976, p. 58 e 59).

Assim, o lazer passa a fazer parte do cotidiano de mais pessoas, evoluindo com a qualidade vida e o avanço técnico-científico nas sociedades. Com o aumento dos lazeres, foram surgindo uma série de estudiosos com grandes contribuições para o entendimento do lazer. Um destes estudiosos, Joffre Dumazedier (1976), define o lazer como

Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1976, p. 34).

Este mesmo autor considera importante a diferenciação entre o conceito de lazer e o conceito de tempo livre, pois, para muitos, parecem ter o mesmo significado. Para Dumazedier (1994, p. 141), o tempo livre “é um conjunto de *intervalos* que se dá entre os tempos obrigatórios impostos pela sociedade e que retornam sem cessar a cada manhã ou a cada segunda-feira (...) que são pagas pelo mais importante dos tempos obrigatórios: o tempo de trabalho profissional”. Logo, nem todo tempo livre é sinônimo de lazer.

Dumazedier (1976) considera três funções distintas e importantes do lazer: função de descanso, no sentido de reparar o cansaço físico e mental provocado pelas obrigações cotidianas; função de divertimento, recreação e entretenimento, um lazer movido pelo tédio, onde se busca mudanças de lugar, de ritmo e estilo; e função de desenvolvimento, um lazer para a busca constante da evolução pessoal e da personalidade do indivíduo por meio de atividades como uma maior participação social e práticas culturais, podendo criar uma nova forma de aprendizagem voluntária (DUMAZEDIER, 1976, p. 32 e 33). Para o autor, as três funções são

solidárias e, por mais que pareçam distintas entre si, são complementares e estão presentes em diferentes graus, nas mais diversas situações de lazer. São funções possíveis de coexistirem, acontecerem uma de cada vez ou uma após a outra.

Além da distinção dessas três funções, o autor explica a existência do chamado “semilazer”, caracterizado por atividades possíveis de ocorrerem em diferentes proporções, entre o setor das obrigações e dos lazeres, de forma desinteressada e útil para o indivíduo (*ibid*, p. 36). Como exemplo, temos a prática conhecida como “*do it yourself*” (faça você mesmo), onde o indivíduo realiza uma atividade que não é, de fato, obrigatória, sendo então desinteressada, onde o produto final será algo útil para ele.

Em nossa sociedade moderna, Dumazedier (1976) explica a existência de uma série de determinantes possuidores de grande influência sobre o lazer. Assim, ele destaca três consideradas importantes: a evolução técnica, as persistências tradicionais e a organização socioeconômica. Os determinantes técnicos, presentes com maior força a partir do final do século XIX, aparecem no cotidiano da sociedade com a mecanização dos meios de transporte, popularização dos carros e avanços no setor aéreo; e da comunicação, como a televisão, o cinema e os telefones (*ibid*, p. 66). A evolução técnica alterou as formas de lazer conhecidas até então, mecanizando não somente os transportes e os meios de comunicação, mas também os lazeres, agora dependentes deste processo.

A persistência tradicional aparece como determinante sobre o lazer, pois, como explica o autor, existem barreiras às inovações impostas pelas tradições e estruturas de cada sociedade. Assim, as tradições podem causar uma rejeição, uma desadaptação ou uma adaptação insuficiente dos indivíduos de determinadas sociedades ao lazer moderno, podendo haver uma readaptação do lazer moderno para conferir-lhe um novo significado, equilibrando as novas tendências com as tradições já presentes (DUMAZEDIER, 1976, p. 74).

Já a organização socioeconômica é considerada um determinante para o lazer para Dumazedier (1976) porque as atividades possuem um custo financeiro. O autor explica que, nas classes mais baixas da sociedade, atividades de lazer são consideradas “artigo de luxo”, aparecendo no quadro de despesas das famílias somente após despesas primordiais, como alimentação e habitação, por isso “as atividades de lazer são determinadas por possibilidades e hábitos de consumo” (*ibid*, p. 83). Apesar de os avanços no meio técnico terem contribuído para amenizar algumas desigualdades financeiras, a renda ainda é um fator determinante da prática e do tipo de lazer em cada classe social, pois “as atividades de lazer que ultrapassem tais normas de consumo dificilmente serão praticadas” (*ibid*, p. 84). De todo modo, para Dumazedier (1976),

Na cultura vivida pelas massas, constituem atividades de lazer, em igualdade de

posição, tanto assistir a um espetáculo de teatro, ler uma obra literária, estudar um livro de vulgarização científica quanto passear, fazer consertos domésticos, brincar ou jogar, dançar ou fazer uma viagem turística. Todas essas atividades apresentam as mesmas características de vivência: nenhuma delas obedece a qualquer obrigação básica, como o trabalho que se tem com os filhos ou a educação que se dá a eles; não são organizadas para ganhar dinheiro, mas para sentir prazer e podem ser substituídas umas pelas outras na dependência de determinada situação ou da fantasia de cada um. (DUMAZEDIER, 1976, p. 142).

Outro grande nome nos estudos sobre lazer, Nelson C. Marcellino apoia a definição dada por Dumazedier (1976) e ainda a complementa ao entender que, para conceituá-lo, deve-se considerar sempre as variáveis tempo, atitude e a qualidade das ocupações (MARCELLINO, 1995, p 28), fatores abordados posteriormente. O lazer é resultado do progresso tecnológico que permitiu uma maior produtividade com um menor tempo de trabalho; garantindo, assim, tempo disponível para o lazer; e, para o autor, este termo está envolto em preferências e juízos de valor para cada indivíduo (*ibid*, p. 14 e 19).

Baseado na obra de Dumazedier (1976), Marcellino explica que, por conta de existirem diversas alternativas para a prática do lazer, é importante haver uma distinção. Assim, o autor distingue seis categorias de interesses no lazer: os interesses artísticos, intelectuais, físicos, manuais, turísticos e os sociais (MARCELLINO, 2002, p 18).

Os interesses artísticos são aqueles ligados ao imaginário, às emoções, imagens e sentimentos, abrangendo todas as manifestações artísticas, possuindo conteúdo estético e configurando uma busca pela beleza e encantamento (*ibid*); por exemplo: teatro, música, literatura de ficção, artes plásticas. Nos interesses intelectuais, temos a busca pelo contato com o real, a partir de informações objetivas e explicações racionais, com ênfase no conhecimento vivido e experimentado (*ibid*); por exemplo: leitura de textos acadêmicos e/ou jornalísticos, participação em cursos.

Já nos interesses físicos, temos a busca por superar limites do próprio corpo e, também, o contato com a natureza, onde prevalece o movimento (MARCELLINO, 2002), por exemplo: passeios, trilhas, pesca, ginástica, musculação, prática de esportes. Os interesses manuais são aqueles envoltos na capacidade de manipulação de materiais para a transformação em novos objetos (*ibid*), por exemplo: artesanatos para o uso individual, jardinagem, cuidados com animais.

Nos interesses turísticos, temos a quebra da rotina temporal e espacial a partir da busca por novas paisagens, costumes e pessoas (MARCELLINO, 2002), com fins de relaxamento ou aquisição de novos conhecimentos sobre novos lugares e culturas; por exemplo: passeios e viagens. Por fim, os interesses sociais são aqueles voltados para a busca por relacionamentos interpessoais, contatos face a face e convívio social (*ibid*), por exemplo: festas,

encontro em bares e cafés, jogos com parentes e/ou filhos, participação em grupos ou associações.

Além da distinção dos interesses no lazer, o autor apresenta dois tipos de equipamentos voltados para o lazer: específicos e não específicos. Os equipamentos específicos podem ser divididos em três grupos, de acordo com o porte: micro equipamentos especializados, como um teatro e um cinema; equipamentos médios, como um centro comunitário, cultural ou esportivo; e os macro equipamentos, divididos entre polivalentes, como grandes parques com construções variadas, e de turismo social, urbano ou não urbano, como *campings*, colônia de férias, complexos ecológicos (MARCELLINO, 2002, p. 32). Já os equipamentos não específicos são aqueles construídos sem o objetivo de lazer, mas que, eventualmente, adquirem essa função, como o ambiente doméstico (a casa do indivíduo), as ruas, as escolas (*ibid*, p. 29).

A prática do lazer, conscientemente ou não, proporciona aos indivíduos a possibilidade de crescimento pessoal, podendo estimular diversas áreas do corpo, como a imaginação, o raciocínio, etc. Marcellino (2002, p. 18 e 19) destaca que

O ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses (...). No entanto, o que se verifica é que as pessoas geralmente restringem suas atividades de lazer a um campo específico de interesses. E geralmente o fazem não por opção, mas por não terem tomado contato com outros conteúdos. (MARCELLINO, 2002, p. 18 e 19).

Em muitos casos, o lazer praticado não é aquele desejado, mas sim aquele permitido pelas condições do indivíduo. Ainda existem uma série de barreiras dificultosas da prática adequada de lazer na nossa sociedade, a diferença entre classes sociais é uma delas. O fator econômico é o principal determinante do tempo disponível para o lazer, além de influenciar nas oportunidades de acesso à escola ou a equipamentos específicos, fatores contribuintes para uma apropriação desigual do lazer (*ibid*, p. 23).

Outros pontos destacados por Marcellino (2002, p. 24) como barreiras socioeconômicas para práticas de lazer é o sexo, quando mulheres possuem menos tempo de lazer por conta da dupla jornada de trabalho; nível de instrução, acesso à educação; faixa etária, pois idosos e crianças geralmente não são o público-alvo; acesso ao espaço de lazer, áreas privativas que cobram pela entrada; e a questão da violência urbana cada vez mais crescente. São barreiras limitantes do acesso ao lazer a uma minoria, mais rica, da população, deixando, muitas vezes, espaços e equipamentos não específicos de lazer como únicas opções acessíveis para o restante da população, afetando a frequência e a qualidade.

De todo modo, o lazer é uma peça fundamental para a socialização e desenvolvimento pessoal do indivíduo. A garantia ao acesso às práticas de lazer de qualidade e

com segurança, gratuitamente, para toda a população é de responsabilidade dos órgãos governamentais, com a melhoria e popularização de equipamentos já existentes e implantação de novos em áreas onde exista déficit deste tipo de aparato. É direito de todo trabalhador ter seu tempo de lazer, assim como é direito das crianças e idosos, por isso deve ser ofertado em todas as localidades, sejam urbanas ou rurais.

No Brasil, assim como aconteceu em outros países, o lazer começou a ganhar espaço na vida da população em geral a partir do início do processo de industrialização do país, já tardia em relação a outros países. Neste período, surgiram os primeiros movimentos trabalhistas em busca de direitos, como salário justo, folga, férias etc.; e melhores condições de trabalho. A partir de então, os trabalhadores passaram a ter direito ao tempo livre para o lazer, algo amplamente utilizado com fins políticos em alguns locais por meio de clubes, centros e círculos que ofereciam lazer a estes trabalhadores com a intenção de difundir tendências políticas no local (REQUIXA, 1977, p. 27).

## **2.2 Envelhecimento ativo: o lazer na Terceira Idade em destaque**

Ser idoso nos dias atuais já é bastante diferente do que era ser idoso em um passado recente. A velhice, assim, representa uma nova fase, com novas possibilidades para o indivíduo, deixando, aos poucos, de ser considerada como um momento de fragilidade e de total dependência, se tornando um período de novas conquistas e satisfação.

Por isso, segundo Camarano e Pasinato (2004, p. 10), já é possível encontrar países que passaram a dividir este segmento populacional em dois, chamando-os de terceira e quarta idade. As autoras explicam que não é a quarta idade uma novidade, mas sim a terceira, pois “essa categoria visa classificar os indivíduos que não são mais enquadrados na idade do trabalho (ou segunda idade), porém tampouco apresentam sinais de senilidade e decrepitude. (...) representa um avanço no sentido de reconhecer as heterogeneidades da população idosa” (CAMARANO; PASINATO, 2004, p. 10).

Com o início do processo de envelhecimento populacional em diversos países no mundo, na segunda metade do século XX, surgiram algumas definições sobre qual seria a melhor forma de envelhecer ou o que seria melhor para o processo de envelhecimento do indivíduo. Na década de 1960, surgiu uma primeira definição para a nova visão do envelhecimento, chamada de envelhecimento bem-sucedido, popularizando-se na década de 1980. Esse conceito de envelhecimento tinha como objetivo a prevenção de doenças, a promoção da saúde física e mental e o empenho do idoso para manter-se com uma postura ativa

na vida (GONÇALVES, 2015, p. 650). No mesmo período, surge um novo conceito conhecido como envelhecimento produtivo, um termo criado “em contraponto às imagens negativas frágeis, dependentes e não produtivas, usualmente veiculadas sobre as pessoas idosas” (*ibid*, p. 651).

Estes conceitos sofreram diversas críticas ao longo dos anos por conta de desconsiderar as diferenças socioculturais entre os países, por exemplo, no caso do primeiro conceito, e por assumir um caráter economicista que não considera as aspirações pessoais do indivíduo, por exemplo, no caso do segundo conceito (GONÇALVES, 2015, p. 652). No final do século XX, o movimento sobre a questão do envelhecimento começou a ganhar mais destaque internacional, sendo objeto de debates e congressos. A partir de então, surgiu uma nova definição para o envelhecimento, um conceito mais inclusivo e mais aceito, chamado de envelhecimento ativo.

No ano de 2002, ocorreu em Madri, na Espanha, a II Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento, resultando em um documento representante de uma contribuição ao entendimento e difusão do envelhecimento ativo para que os países possam discutir e formular planos de ação promoventes desta nova visão de envelhecimento. Assim, segundo a OMS (2005, p. 13), podemos definir o envelhecimento ativo como

Processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários. (OMS, 2005, p. 13).

A OMS explica que a palavra “ativo” está relacionada à contínua participação do indivíduo idoso em atividades sociais, econômicas, culturais, civis etc.; e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou contribuindo com uma força produtiva; assim, o objetivo é proporcionar um aumento na expectativa de uma vida saudável, gerando uma qualidade de vida para os idosos (*ibid*, p. 13).

Além disso, o termo “saúde” está relacionado ao bem-estar físico, mental e social, algo a ser promovido cada vez mais por programas e políticas públicas, visto que é algo de grande importância (*ibid*, p. 13). A OMS também destaca a importância do contato e das trocas intergeracionais, pois são de grande contribuição para um envelhecimento ativo.

O documento elaborado em Madri aponta fatores determinantes para um envelhecimento ativo. Cultura e gênero aparecem como fatores transversais, pois estes dois aspectos podem ser tratados de maneira distinta em cada sociedade. A cultura é diferente em

cada local e deve ser respeitada pelos programas e políticas criadas, ao mesmo tempo em que não devem deixar de desmistificar estereótipos ultrapassados e corrigir informações erradas. Já o gênero é considerado um fator determinante por estar relacionado ao fato de, historicamente, a mulher possuir um papel inferior ao do homem na sociedade, tendo acesso mais restrito à educação, melhores salários, além de serem as principais responsáveis pelos cuidados domésticos e familiares.

Outrossim, outros fatores são peças-chave para o envelhecimento ativo, como: determinantes pessoais, econômicos, sociais, comportamentais, ambiente físico, serviços sociais e saúde. Os determinantes pessoais influenciadores no processo de envelhecimento, segundo a OMS (2005, p. 26), são a biologia, a genética e fatores psicológicos; cada pessoa possui um tipo diferente de genética determinante de como será sua velhice, definindo a deterioração funcional progressiva e generalizada.

Os determinantes econômicos, como renda, proteção social e trabalho, são aqueles definidores do grau de vulnerabilidade e dependência do idoso, assim, quanto maior e melhor a renda e a proteção social oferecidas, e quanto melhores são os incentivos e condições de trabalho para a permanência do indivíduo no mercado formal, maiores serão os benefícios econômicos para toda a sociedade. Já os determinantes sociais podem ser desde o apoio social ao indivíduo idoso, o acesso à educação e à saúde, englobando a questão da violência e dos maus-tratos com o idoso.

Segundo a OMS (2005, p. 30), “alguns estudos demonstraram que problemas de emprego entre trabalhadores mais velhos são, em geral, causados por sua pouca alfabetização, e não pelo envelhecimento em si”, por exemplo. Além disso, por conta do estereótipo de indivíduo frágil e dependente, o idoso é mais vulnerável a crimes, como furtos e os mais variados tipos de abusos, e agressões ocorridas em qualquer nível econômico. Por isso, é imprescindível a criação de programas e políticas que visem o aumento da consciência pública e o combate à violência contra o idoso.

Já dos fatores comportamentais determinantes na questão do envelhecimento, pode-se destacar algumas práticas prejudiciais à saúde, como o tabagismo e o consumo de álcool, a prática (ou a falta) de atividades físicas e a alimentação saudável. Maus hábitos adquiridos ao longo da vida aumentam os riscos de doenças redutoras da expectativa de vida do indivíduo. Da mesma forma, a adoção de hábitos saudáveis ao longo da vida, como uma boa alimentação e a prática de exercícios, ajuda a alcançar uma velhice com mais qualidade, podendo, até mesmo, retardar ou evitar o surgimento de doenças e deficiências comuns nesta fase da vida.

O ambiente físico, os serviços sociais e a saúde também são fatores determinantes,

pois, para um real envelhecimento ativo e de qualidade, é preciso acesso à moradia segura, garantindo proteção e apoio para os idosos, principalmente aos que vivem sozinhos, podendo evitar quedas e outros transtornos, além de assegurar o acesso à água limpa e a alimentos saudáveis. Quanto a saúde, a OMS (2005, p. 21) defende que “para promover o envelhecimento ativo, os sistemas de saúde necessitam ter uma perspectiva de curso de vida que vise à promoção da saúde, prevenção de doenças e acesso equitativo a cuidado primário e de longo prazo de qualidade”.

Apesar de o termo envelhecimento ativo ter se popularizado após o documento criado pela OMS, havia sido definido, pela primeira vez, 4 anos antes pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que publicou sua própria definição; no ano seguinte, foi a vez da Comissão Europeia (CE) publicar sua aceção para o termo. Para Veloso (2015, p. 14), cada designação traz em si as preocupações e soluções distintas para a questão do envelhecimento em cada organização.

A OCDE (2000, p.126) define o envelhecimento ativo como

The capacity of people, as they grow older, to lead productive lives in society and the economy. This means that people can make flexible choices in the way they spend time over life – learning, working, and partaking in leisure activities and giving care. (OECD, 2000, p. 126).

Já a Comissão Europeia apresenta como definição para o termo:

Active ageing is about adjusting our life practices to the fact that we live longer and are more resourceful and in better health than ever before, and about seizing the opportunities offered by these improvements. In practice it means adopting healthy life styles, working longer, retiring later and being active after retirement. Promoting active ageing is about promoting opportunities for better lives, not about reducing rights. Adequate income provision and care is a part of the agenda. (EC, 1999).

Veloso (2015, p. 14) destaca que a definição da OCDE “realça a necessidade de prolongar a vida ativa, mas também a importância de contabilizar com as atividades de lazer, advogando uma desvinculação gradual do mundo laboral” e compara com a definição da Comissão Europeia, ao explicar que “a CE advoga que o envelhecimento ativo e a abordagem ao longo do ciclo vital são princípios fundamentais na orientação de respostas políticas inovadoras ao envelhecimento na Europa e constituem uma solução para o futuro” (*ibid*, p. 14).

Sob outro ponto de vista, para José e Teixeira (2014, p. 35), a definição da OCDE de envelhecimento ativo apresenta um discurso de responsabilidade individual, pois “decorre de uma capacidade individual para realizar escolhas e para realizar atividades produtivas”. Da mesma forma, a definição da Comissão Europeia apresenta um conceito de responsabilidade individual em relação ao envelhecimento ativo, mas os autores destacam que esta definição “implica a ‘promoção de oportunidades para uma vida melhor’, a ‘manutenção dos direitos das

peças idosas' e a 'prestação de apoios'. Isto quer dizer que o EA (*envelhecimento ativo*) também é concebido (...) como uma 'responsabilidade coletiva'" (JOSÉ; TEIXEIRA, 2014, p. 38).

Veloso (2015, p. 15) critica as definições apresentadas pela OCDE e pela Comissão Europeia, pois considera que a promoção do envelhecimento ativo para estas duas organizações

Se traduz na preservação de trabalhadores ativos para além da idade legal de reforma ou no desincentivo da antecipação da reforma, uma vez que a sua principal abordagem no prolongamento da vida ativa é pela via do mercado de trabalho, resultando de preocupações de natureza financeira e de sustentabilidade da segurança social e dos sistemas de saúde. (VELOSO, 2015, p. 15).

De maneira geral, as definições da OCDE e da Comissão Europeia foram essenciais para que, alguns anos depois, a OMS publicasse um conceito mais completo e abrangente, destacando tanto a responsabilidade individual para um envelhecimento ativo como a responsabilidade coletiva para o seu alcance, visto que, para o idoso ter um envelhecimento ativo, considerado tão benéfico, são necessárias a adequação do espaço e a colaboração da sociedade às necessidades deste segmento populacional.

Os benefícios promovidos pela opção de envelhecer ativamente, em todos os sentidos, são inúmeros. Para a OMS, a saúde é um dos três pilares do envelhecimento ativo, pois a saúde é determinante e sinónimo de qualidade de vida, em todas as faixas etárias, mas principalmente entre os idosos. Neste caso, não estamos falando apenas de saúde física, mas, também, de saúde mental, pois se complementam.

Por mais que envelhecer seja um processo inevitável, é possível manter um estilo de vida saudável para evitar doenças e complicações nesta fase da vida. Por isso, a cada dia, há cada vez mais estímulos de órgãos governamentais e de entidades privadas à adoção de hábitos saudáveis desde cedo, diminuindo, assim, a probabilidade de doenças e deficiências causadas por maus hábitos, aumentando a capacidade física e mental na velhice e melhorando a socialização, algo essencial para uma boa saúde mental.

O estigma de que a velhice é a fase onde o indivíduo se torna frágil e dependente vem sendo cada vez mais combatido com exemplos dos benefícios trazidos por uma alimentação saudável, prática frequente de exercícios e boa participação social. A atividade física na terceira idade garante mais estímulos e força aos músculos, melhora as condições cardiorrespiratórias, além de ser um exemplo de atividade de lazer, ponto importante para um envelhecimento ativo. Por isso, existe a necessidade de as entidades governamentais promoverem mais políticas de estímulo a uma vida saudável e aumentarem as possibilidades de um envelhecimento ativo para a sua população.

A participação social também possui um grande potencial para um envelhecimento ativo. Desde momentos de socialização entre família e amigos, até a participação na política, “a inserção de idosos em atividades sociais tem sido reconhecida como valiosa para a qualidade de vida deste segmento, com repercussões positivas na saúde” (ASSIS, 2005, p. 11). A sociabilidade deve ter sempre destaque na vida do idoso, pois representa um estímulo cognitivo e evita transtornos como ansiedade e depressão, adversidades, infelizmente, comuns nesta fase.

Além disso, a socialização pode representar uma oportunidade de valorização das vivências e saberes obtidos pelo idoso ao longo da vida, garantido a troca intra e intergeracional. As atividades de lazer aparecem como grandes aliadas na adoção de hábitos saudáveis, como os exercícios físicos, e na socialização. Por isso, é de grande importância o incentivo e apoio políticos por meio de leis e ações que priorizem e garantam o acesso do idoso às atividades de lazer.

A adoção de um estilo de vida saudável é particular e não deve ter um sentido de imposição para o idoso ou para quaisquer pessoas, em qualquer idade. Por isso, são necessários, também, certos cuidados na promoção da saúde e do envelhecimento ativo, como explica Assis (2005, p. 9),

O cuidado de si depende, em alguma medida, da auto valorização de cada pessoa como ser singular e como cidadão. Aqui, igualmente, em se tratando de população idosa sobre a qual recaem estigmas e preconceitos socioculturais bem enraizados, o reforço da auto-estima configura-se como estratégia essencial do trabalho, potencialmente capaz de reagir a estes mesmos preconceitos e contribuir para alterar progressivamente o imaginário social de velhice. (ASSIS, 2005, p. 9).

Apesar dos benefícios de um envelhecer ativamente, este estilo de vida ainda pode ser algo distante para a realidade de muitos idosos, principalmente em países em desenvolvimento, onde a maior parte da população é pobre. São nas diferenças entre as realidades sociais onde encontramos a dificuldade da inserção do envelhecimento ativo na vida das pessoas. Muitos idosos ainda são dependentes financeiramente de seus filhos, parentes ou terceiros, muitas vezes sem ao menos possuir moradia própria (a maioria destes idosos são mulheres, como já explicado anteriormente). Existem casos, ainda, de idosos, geralmente mulheres, assumindo grande parte das responsabilidades domésticas, além do cuidado de netos e sobrinhos, por exemplo. São fatos como estes que acabam desestimulando o idoso a buscar hábitos mais saudáveis.

Outro aspecto dificultador do envelhecimento ativo é a falta ou precariedade das infraestruturas em muitas cidades, como os espaços de lazer e espaços para idosos, que diminui as possibilidades deste segmento, principalmente da população mais pobre. Além disso, a mobilidade urbana dentro das grandes cidades, muitas vezes, desestimula o idoso a sair de casa

para buscar novas atividades por conta da lotação de transportes públicos e o receio de acidentes ou quedas no trajeto, por exemplo.

Muitas cidades no Brasil ainda apresentam uma série de barreiras dificultosas para o trânsito de idosos. Tais barreiras podem ser arquitetônicas, de transporte ou urbanísticas e, muitas vezes, são invisíveis, aumentando os riscos para a saúde e segurança do transeunte, como: estrutura e acabamento inadequado de calçadas, altura, inclinação excessiva, descontinuidade de superfície, falta de sinalização, localização inadequada de pontos de ônibus, dentre outros (ROCHA, 2020, p. 77). Por isso, para Lima (2013, p. 3), “é preciso buscar uma cidade com ambiente sustentável, mantida em condições adequadas que permitam o deslocamento populacional e lazer sem riscos”.

Em 2007, a OMS lançou um documento intitulado Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas para auxiliar as cidades a repensar como tornar a infraestrutura urbana mais adequada para a população idosa. De maneira geral, o Guia indica como as cidades podem “adaptar as suas estruturas e serviços de modo a que estes incluam e sejam acessíveis a pessoas mais velhas com diferentes necessidades e capacidades” (OMS, 2007).

Diante de tudo já exposto, o envelhecimento ativo parece ser uma realidade distante para boa parte dos idosos em muitas cidades brasileiras. Por isso, algumas críticas foram feitas sobre a maneira como este estilo de vida é apresentado. Como aponta Assis (2005, p. 7),

Uma das críticas refere-se aos interesses econômicos subjacentes, seja pela redução de custos com o sistema de saúde, alinhada ao ideário neoliberal contemporâneo, seja pela expansiva apropriação mercadológica do produto “saúde”, muitas vezes produzindo novas dependências de serviços e reafirmando apreensões reducionistas da saúde, centradas no desempenho corporal. (...) pode-se demarcar que a saúde não deve ser vista como um objetivo em si mesmo, mas base da vida cotidiana, instrumento para realização de aspirações e sentimento de satisfação no curso de vida. A utopia, longe de ser a “saúde perfeita” e o culto ao corpo encerrado em propósitos estéticos, individualistas e mercadológicos, é preservar a capacidade de lidar bem com a vida, mesmo na velhice e na presença de doenças e limitações. (ASSIS, 2005, p. 7).

Outra crítica feita é a valorização dos “idosos mais novos” em detrimento dos “idosos mais velhos”, que possuem, geralmente, uma saúde já mais fragilizada (RIBEIRO, 2012). Para este grupo, a forma como as propostas e benefícios do envelhecimento ativo são apresentadas podem representar um gatilho negativo para a saúde mental por sentirem-se excluídos, pois, muitas vezes, são ações consideradas difíceis de serem postas em prática pelos “idosos mais velhos”.

Apesar das dificuldades e críticas, o envelhecimento ativo, como descrito pela OMS, leva em consideração a maior parte dos desafios sociais, econômicos e culturais existentes nas mais diversas sociedades, adequando as orientações para cada realidade. Por isso, atualmente, ele é a principal referência para muitas ações voltadas para o público idoso. Assim, dos pontos

considerados importantes pela OMS para o envelhecimento, o lazer é um dos grandes destaques neste trabalho.

Com o envelhecimento populacional cada vez mais crescente, a atenção sobre a população idosa ganha cada vez mais espaço. No âmbito do lazer não é diferente. A prática do lazer em todas as faixas etárias é de suma importância para o desenvolvimento humano e qualidade de vida. Desse modo, com a chegada da terceira idade, o lazer ganha ainda mais importância, pois proporciona uma série de benefícios para a saúde física e mental do idoso.

O período da aposentadoria é considerado como o momento ideal para o descanso e o lazer, dado o aumento do tempo livre do indivíduo com o fim das obrigações trabalhistas. Assim, os mais variados tipos de lazeres podem se fazer presentes no dia a dia do idoso, como atividades físicas, culturais ou sociais. Para Dumazedier (1994, p. 133), a aposentadoria representa um momento onde podemos ter “um conjunto de atividades que cada qual escolhe para si próprio, para seu descanso, sua distração ou seu aperfeiçoamento em atividades corporais, manuais, artísticas, intelectuais e/ou sociais”.

Apesar de ser o período mais favorável para o lazer, com a aposentadoria, na realidade e na maioria das vezes, chega uma série de outras questões consideradas obstáculos para o lazer na terceira idade. Marcellino (2002, p. 44) explica que, no Brasil, uma série de fatores sociais “trazem como frutos amargos o baixo poder aquisitivo e a conseqüente redução do padrão de vida, provocando todo um clima favorável para a não-vivência da terceira idade”. É, geralmente, nesta fase da vida onde começa a surgir uma série de problemas de saúde que podem dificultar a mobilidade e a socialização, contribuindo para o aumento da tendência de o idoso se isolar de atividades sociais, sofrendo com medos e depressão, preso a uma rotina massiva.

Outra questão dificultosa da prática do lazer na terceira idade é os salários pagos na aposentadoria, pois, muitas vezes, principalmente entre os mais pobres, servem apenas para garantir alimentação e medicamentos. Além disso, alguns idosos acabam sofrendo com preconceitos e estereótipos ao praticarem alguma atividade de lazer por serem “velhos demais” para tal atividade, o mesmo ocorre sobre ações e comportamentos envolvendo a afetividade (MARCELLINO, 2002, p. 45).

Mesmo com as dificuldades apresentadas, já é possível perceber um aumento considerável de idosos em espaços públicos de lazer realizando diversos tipos de atividades, como caminhadas, ginástica, artesanatos. Para Gáspari e Schwartz (2005, p. 74), “gradativamente, o idoso parece estar, também, se conscientizando sobre a importância de adotar hábitos saudáveis (...), convívio social e de buscar por atividades mais significativas

como forma de preservar e melhorar sua vida, sua saúde e seu bem-estar”. Assim, estes espaços representam uma possibilidade de manutenção do prazer de viver e da socialização para estes idosos. Fonseca e Nóbrega (2012, p. 63) destacam que

O papel desempenhado pelos espaços públicos de lazer nas cidades, não deve se restringir apenas a promover momentos de descontração, mas também servirem como incentivo para a uma maior participação social de todas as faixas etárias da população, principalmente dos idosos que são alvos constantes de ações excludentes por parte da sociedade. (FONSECA; NÓBREGA, 2012, p. 63).

Dumazedier (1974), em um de seus estudos, classificou 5 tipos de lazer mais comuns entre a população idosa, são eles: lazer físico, com a prática de esportes e exercícios; lazer artístico, com visita em museus, exposições ou assistir apresentações teatrais e musicais; lazer prático, com atividades manuais, confecção de artesanato e jardinagem; lazer intelectual, através da leitura; e lazer social, com visitas a familiares e amigos, participação em eventos e festejos, por exemplo.

Desta forma, o lazer se torna importante devido às possibilidades apresentadas para os idosos poderem continuar a ter uma vida ativa no tempo de aposentadoria. Com o processo da globalização, o acesso à informação e a participação ativa em diferentes experiências traz para os idosos novas oportunidades de ressignificação de sua existência, sua importância como cidadão detentor de direitos, seu envelhecimento e sua própria velhice (GÁSPARI; SCHWARTZ, 2005, p. 74).

Para o lazer converter-se uma atividade prazerosa e benéfica para os idosos, são necessárias adaptações, manutenções e construções de áreas de lazer; transporte público eficiente e adaptado às necessidades do idoso; e incentivos por parte das políticas públicas para a difusão dos benefícios de um envelhecimento ativo, com destaque para o lazer (LUNARDI; SILVA, 2003, p. 144). Todas as barreiras enfrentadas pelos idosos “podem tornar-se mais amenas, se houver a prática do lazer na assistência e serviços prestados em instituições para isso” (*ibid*, p. 148). Por isso, é importante a promoção da inclusão social dos idosos, tendo o lazer como uma das principais ferramentas. Além disso, Marcellino (2002, p. 50) explica que, para praticamente todos os autores ligados ao estudo desta área, existe no lazer um duplo aspecto educativo, pois

Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; a segunda, que para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. (MARCELLINO, 2002, p. 50).

A criação de ambientes de lazer inclusivos e o desenvolvimento de projetos visando a promoção e a integração social entre os idosos e as demais faixas etárias possuem grande

potencial de socialização para os idosos e de educação para os mais jovens, pois terão contatos com tradições, costumes e histórias repassados, somente, pelos mais velhos. Assim, o lazer se configura como um processo educativo, visto as trocas de informações intergeracionais.

### **2.3 Evolução do lazer em Fortaleza – CE e o lazer para os idosos**

Fortaleza, capital cearense, até o final do XIX, era uma “cidade marcada pelo imaginário interiorano”. Com o passar do tempo, começou a atrair a população interiorana por conta do comércio e dos serviços já ofertados na pequena cidade para a elite da época (DANTAS, 2005, p. 37; SILVA, 2014). Inicialmente, no final do século XIX e início do século XX, o lazer existente na cidade era encontrado em espaços públicos, com destaque para locais situados no Centro da cidade, como o Passeio Público, o Teatro José de Alencar, a Praça do Ferreira, cinemas, entre outros; logo, este era o principal local buscado pelos cidadãos para práticas de lazer, principalmente as classes mais abastadas.

A busca pela sociabilidade e diversão eram os principais motivos para o deslocamento em direção ao Centro. Outro costume muito comum neste período eram as rodas de conversa na calçada de casa, onde podia-se encontrar parentes, vizinhos e amigos para conversar ou jogar jogos (FREITAS, 2004), porém este costume é cada vez menos percebido nas ruas da cidade por conta do aumento da violência e do tráfego de automóveis. As atividades religiosas também aparecem como um tipo de lazer comum deste período, como ir à igreja, cultos, quermesses e festas de paróquias, práticas estas ainda existentes em algumas localidades da cidade (*ibid*, 2004).

Posteriormente, ao surgirem novos espaços de lazer, as áreas mais afastadas do Centro passaram a ser ocupadas pelas classes mais abastadas e, assim, o Centro foi perdendo sua característica de espaço de lazer e se tornou um espaço de compras, frequentado pelas classes menos abastadas. Silva (2014) explica que o Centro “antes era lócus de moradia da burguesia passa aos poucos por um processo de apropriação de outra camada social, passando a exercer, sobretudo, uma função comercial”. Segundo Dantas (2005, p. 52), por conta da especialização funcional ocorrida ao longo do tempo, muitas ruas e praças que antes eram locais de lazer se transformam, progressivamente, em locais de circulação.

Segundo Freitas (2004, p. 139), por volta de 1950, os habitantes de Fortaleza consideravam a cidade como possuidora de poucas opções de lazer, há relatos de “falta de cinema nos bairros, da falta de praças para o convívio, da inexistência de local para o lazer de crianças e das dificuldades de se ir ao centro para quebrar a monotonia que imperava na vida

urbana”. Aos poucos, no Centro, as praças, os parques e os passeios, antes locais muito procurados para o lazer pelas classes mais abastadas, foram perdendo ou reduzindo as suas funções de lazer (SILVA, 2014).

Neste mesmo período, emergiram uma série de clubes sociais e agremiações representantes de um importante lazer para a população, desde as pessoas mais abastadas às mais pobres. Alguns deles eram privados, tornando-se exemplos de espaços privados de lazer convertidos em elementos indicadores de *status* na cidade dentro dos variados níveis da pirâmide social (FREITAS, 2004, p. 142).

Assim, em Fortaleza, como ocorria no país de maneira geral, foram surgindo, ao longo dos anos, preocupações relacionadas à importância e à qualidade do lazer enquanto surgiam novas iniciativas voltadas para tal, promovendo a difusão e o acesso ao lazer (REQUIXA, 1977, p. 42-43). Segundo Silva (2018, p. 20), entre 1940 e 1970, a orla da cidade começou a ser valorizada, fortalecida pelo afastamento em direção à área leste da cidade por parte da elite, que começou a se apropriar das praias nesta área para atividades de lazer, despertando a especulação imobiliária e consolidando a orla leste como área de lazer.

Como uma forma de responder às classes menos abastadas, a Prefeitura de Fortaleza, já na década de 1980, construiu polos de lazer em áreas litorâneas na parte oeste da cidade (DANTAS, 2005, p. 66), que passaram a ser valorizadas como espaço de lazer; a valorização das praias promoveu cada vez mais investimentos, como a construção e renovação de calçadas na orla, e políticas públicas, colocando Fortaleza no fluxo turístico e de lazer nacionalmente. As praças ainda estão muito presentes no espaço urbano da cidade, embora não tão procuradas para fins de lazer como antes, sendo uma parte delas públicas e outra parte ambientes privados ou sob responsabilidade de empresas privadas (SILVA, 2014).

Algumas praças e parques da cidade foram revitalizados ao longo dos anos, passando a ter uma melhor infraestrutura e equipamentos específicos de lazer para a população. Diversas ações e projetos sociais foram criados a fim de promover o lazer nesses espaços, sobre isso, as ações e projetos voltados para o lazer de idosos terá destaque, pois é um dos focos deste trabalho.

Em 2015, foi criado o projeto Fortaleza – Cidade Amiga do Idoso, por meio de uma parceria da Prefeitura de Fortaleza, empresas privadas e sociedade civil (entidade), com o objetivo de promover ações incentivadoras do envelhecimento saudável e a qualidade de vida entre os idosos (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2021). Segundo o site do projeto, seus conceitos norteadores são

A disseminação da prática esportiva de baixo impacto, atividades físicas em espaços

públicos, inserção no mundo digital, vínculos intergeracionais familiares ou fraternais, empreendedorismo, integração social, segurança alimentar, difusão de ações e informações positivas sobre o envelhecimento. (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2021).

Dentre as ações promovidas, a chamada “Academia na Praça” conta com mais de 3.000 inscritos e promove exercícios físicos de baixo impacto (FIGURAS 1 e 2), incentivando os cuidados com o corpo, guiados por profissionais da Educação Física (*ibid*). Várias praças na cidade recebem esta ação com a finalidade de levar alegria e bem-estar aos participantes. Durante o período da Pandemia de COVID-19, esta ação aconteceu por meio de *lives* nas redes sociais do projeto, promovendo, assim, a inclusão digital dos idosos.

**Figuras 1 e 2 – Idosos participantes da ação “Academia na Praça”**



Fonte: PREFEITURA DE FORTALEZA (2021).

Outra ação com bastante participação é o “Idoso Bom de Bola” que reúne idosos e adultos (FIGURAS 3 e 4), promovendo uma interação e socialização intergeracional (*ibid*). Os inscritos na ação ganham camisetas do time, e têm acesso a um torneio com transmissão ao vivo, narradores, arbitragem e campo profissionais, além de equipe médica disponível.

**Figuras 3 e 4 – Idosos participantes da ação "Idoso bom de bola"**



Fonte: PREFEITURA DE FORTALEZA (2021).

Outros exemplos de ações do projeto incluem horta sociais em três estufas mantidas pelo projeto, estimulando a agricultura urbana e a alimentação saudável (FIGURA 5); a ação

Parque Aquático oferece natação e hidroginástica tanto para idosos como para pessoas de outras idades, com a orientação de profissionais (FIGURA 6); e o programa de rádio Fortaleza 6.0, com debates sobre o envelhecimento ativo e saudável.

**Figura 5** – Hortas Sociais do Projeto Fortaleza Cidade Amiga do Idoso



**Fonte:** PREFEITURA DE FORTALEZA (2021).

**Figura 6** – Ação Parque Aquático do Projeto Fortaleza Cidade Amiga do Idoso



**Fonte:** PREFEITURA DE FORTALEZA (2021).

Um outro exemplo de projeto direcionado para o público idoso, que promove o envelhecimento ativo, é o “Saúde, Bombeiros e Sociedade” (FIGURAS 7 e 8). Criado em 2003, de forma voluntária, pelo Corpo de Bombeiros de Fortaleza, o projeto se popularizou e foi institucionalizado em 2019, tornando-se oficialmente um programa do Governo do Estado do Ceará, com núcleos na capital, na Região Metropolitana de Fortaleza e em várias cidades do interior do Estado. Segundo o Governo do Estado do Ceará (2019), mais de 21 mil pessoas em 18 cidades do Estado participam do projeto. O programa oferece atividades voltadas ao bem-estar de pessoas idosas, a partir da integração social e da prática de atividades físicas, além de fornecer esclarecimentos sobre a prevenção de acidentes domésticos e incêndios.

**Figuras 7 e 8** – Idosos participantes do projeto “Saúde, Bombeiros e Sociedade



**Fonte:** GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ (2021).

É possível observar o oferecimento e a promoção de uma série de projetos e/ou ações gratuitas, voluntárias ou não, para idosos em Fortaleza. Eles, geralmente, ocorrem em espaços públicos com um grande número de idosos participantes, trazendo para a rotina desta população momentos de interação, sociabilidade e diversão. Entretanto, desde o final do século XX, novos espaços com oferta de lazer foram ganhando cada vez mais relevância na cidade, espaços privados antes voltados para o consumo de produtos direcionaram suas atenções, também, para a obtenção do lazer: os shopping centers.

### ***2.3.1 Os idosos no Ceará e em Fortaleza: dados e espacialização***

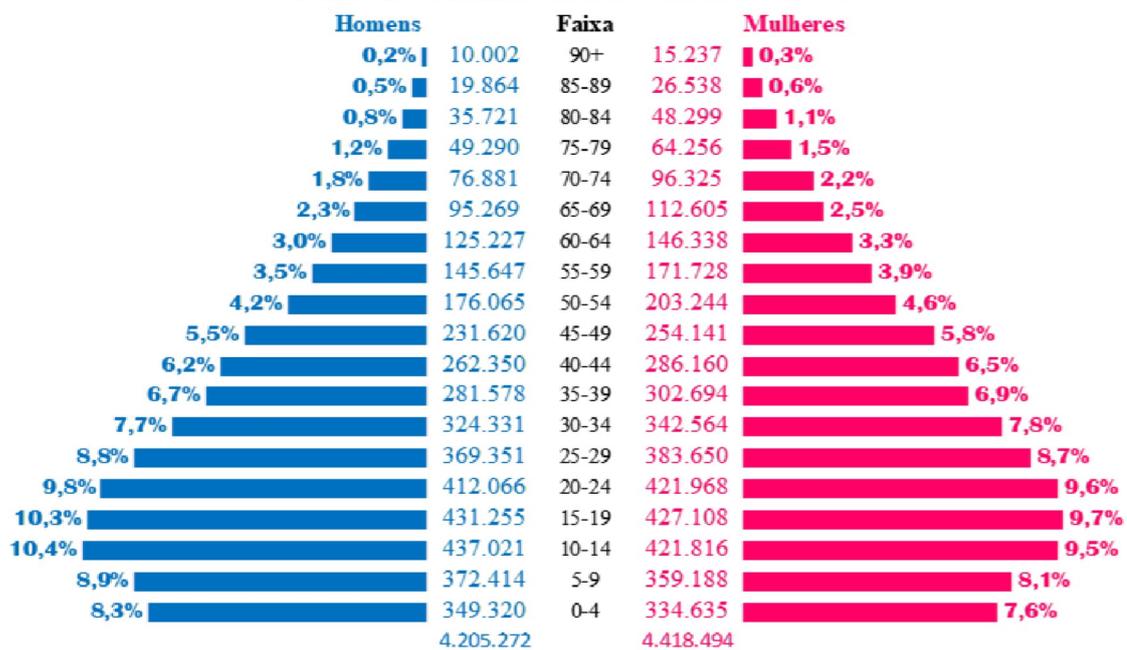
Analisando dados referentes à questão demográfica no Ceará, Estado da Região Nordeste do Brasil, observamos um cenário similar ao encontrado no cenário nacional. A população cearense, segundo o Censo de 2010, do IBGE, era de 8.452.381 habitantes, deste total, 12,6% eram idosos. Entre os anos de 2000 a 2010, o crescimento da população idosa no Ceará foi de, aproximadamente, 61%. Em 2019, uma pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) revelou um crescimento de 8,4% da população total cearense desde o último Censo realizado, totalizando 9.166.913 habitantes, com crescimento da população idosa do Estado, representando, atualmente, 16,2% da população cearense, ainda menor que o grupo etário das crianças e jovens de 0 a 14 anos (20,3%) e o grupo etário de 15 a 59 anos (63,5%) (IPECE, 2021).

Estes dados nos mostram o envelhecimento populacional no Estado seguindo a mesma tendência verificada no Brasil. Tanto o Ceará como sua capital, Fortaleza, apresentam projeções de envelhecimento populacional, com a diminuição da população jovem e crescimento do grupo de idosos. Segundo o IPECE (2019), a população cearense crescerá até 2041, após isso começará a declinar, já com a sua estrutura etária ganhando uma nova configuração (GRÁFICOS 1 e 2). Além disso, a expectativa é a de que, em 2034, a população idosa já ultrapasse a população jovem (<14 anos) no Estado, com 18,59% de idosos e 18,53% de jovens.

Já na capital do Estado, Fortaleza, a população total em 2010 era de 2.452.185 habitantes, sendo 9,7% idosos, com um crescimento da população idosa de 48,3% entre 2000 e 2010. Estima-se que a população total da cidade já tenha chegado a 2.686.612 de habitantes em 2020 (IBGE, 2021). A população idosa de Fortaleza concentra-se nos bairros mais antigos e tradicionais, mas também está presente em maior proporção nas populações de alguns bairros mais periféricos (FIGURA 9).

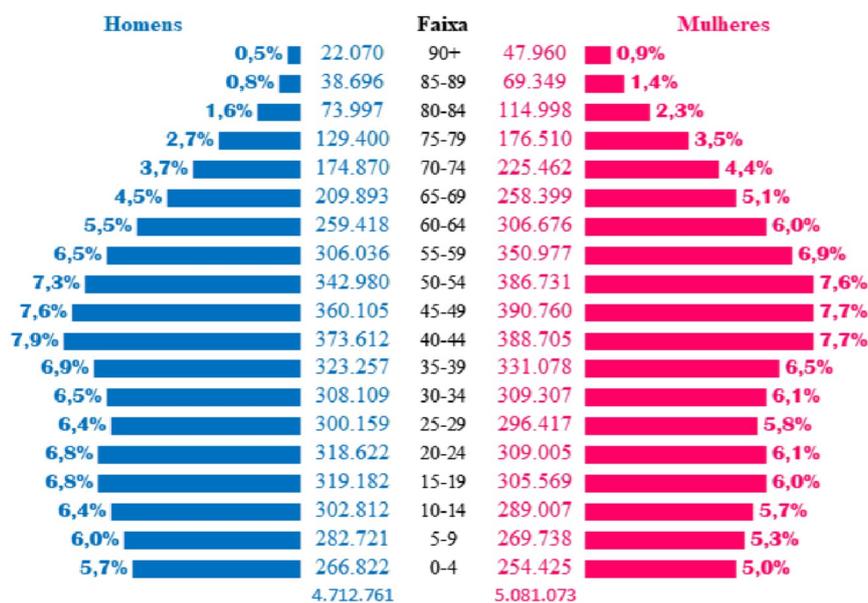
Ao observarmos a população total de cada bairro de Fortaleza, encontramos nos bairros mais nobres uma concentração populacional média/alta, enquanto em vários bairros mais periféricos existe uma concentração populacional grande. Entretanto, ao destacarmos a porcentagem da população idosa em cada bairro da cidade, vemos a maior parte concentrada nos bairros mais nobres ou mais antigos, bairros que, em sua maioria, não possuem grande concentração populacional, onde temos um percentual maior de idosos dentro da população residente (FIGURA 10).

**Gráfico 1 – Pirâmide Etária Cearense – 2010**



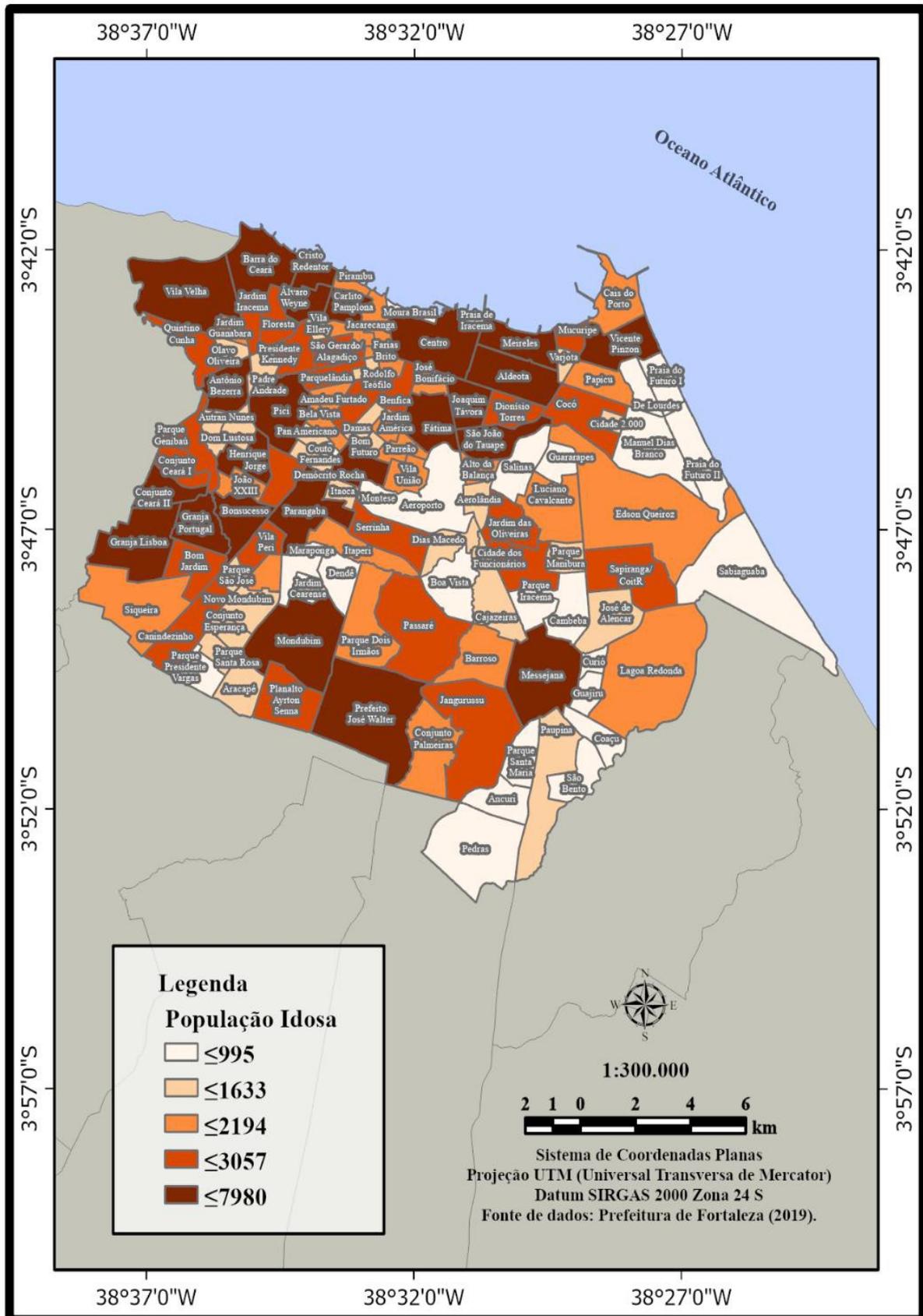
Fonte: IBGE, 2020. Elaborado pela autora.

**Gráfico 2 – Pirâmide Etária Cearense – 2040**



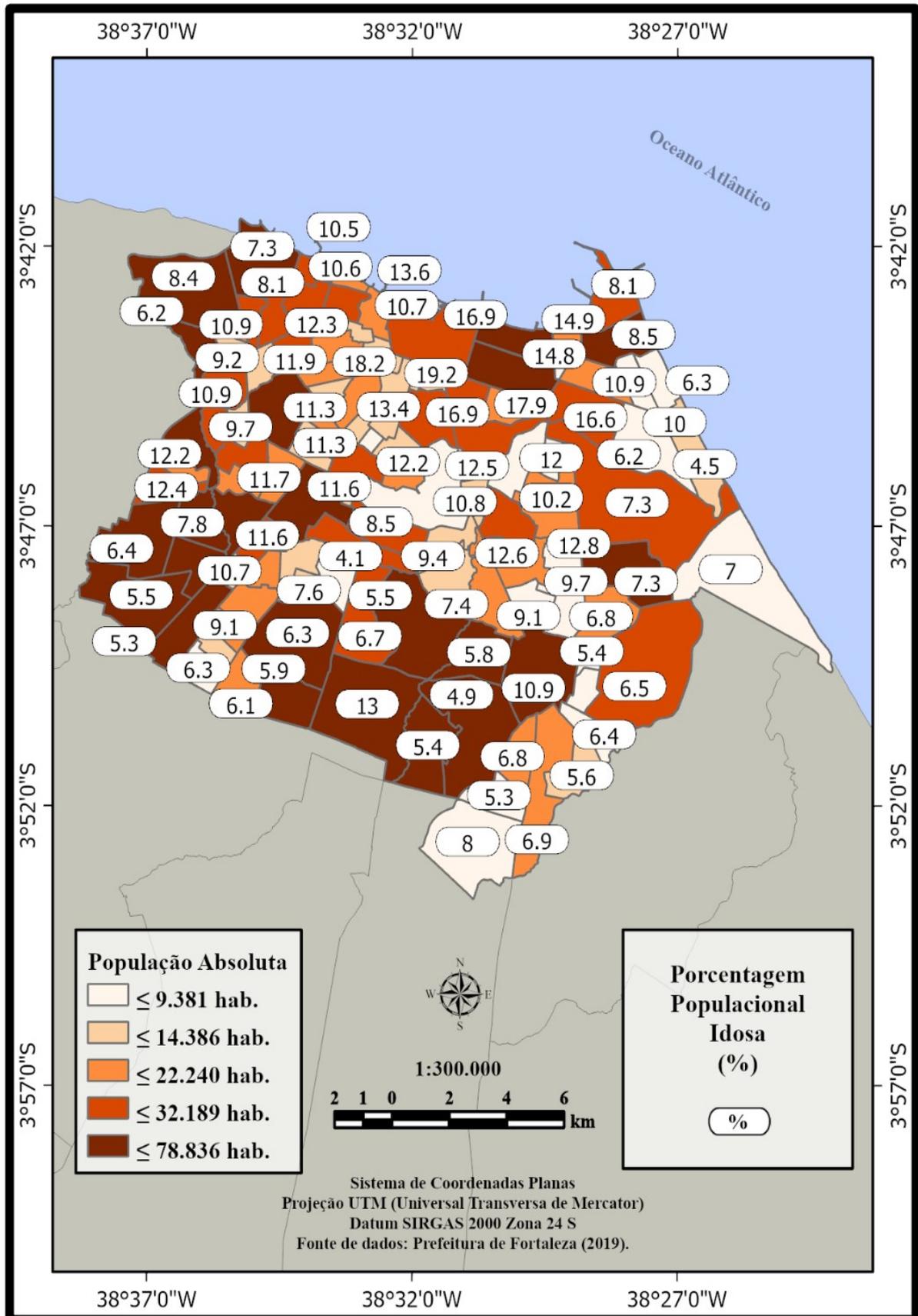
Fonte: IBGE, 2020. Elaborado pela autora.

Figura 9 – População Idosa de Fortaleza por bairro



Fonte: Elaborado pela autora.

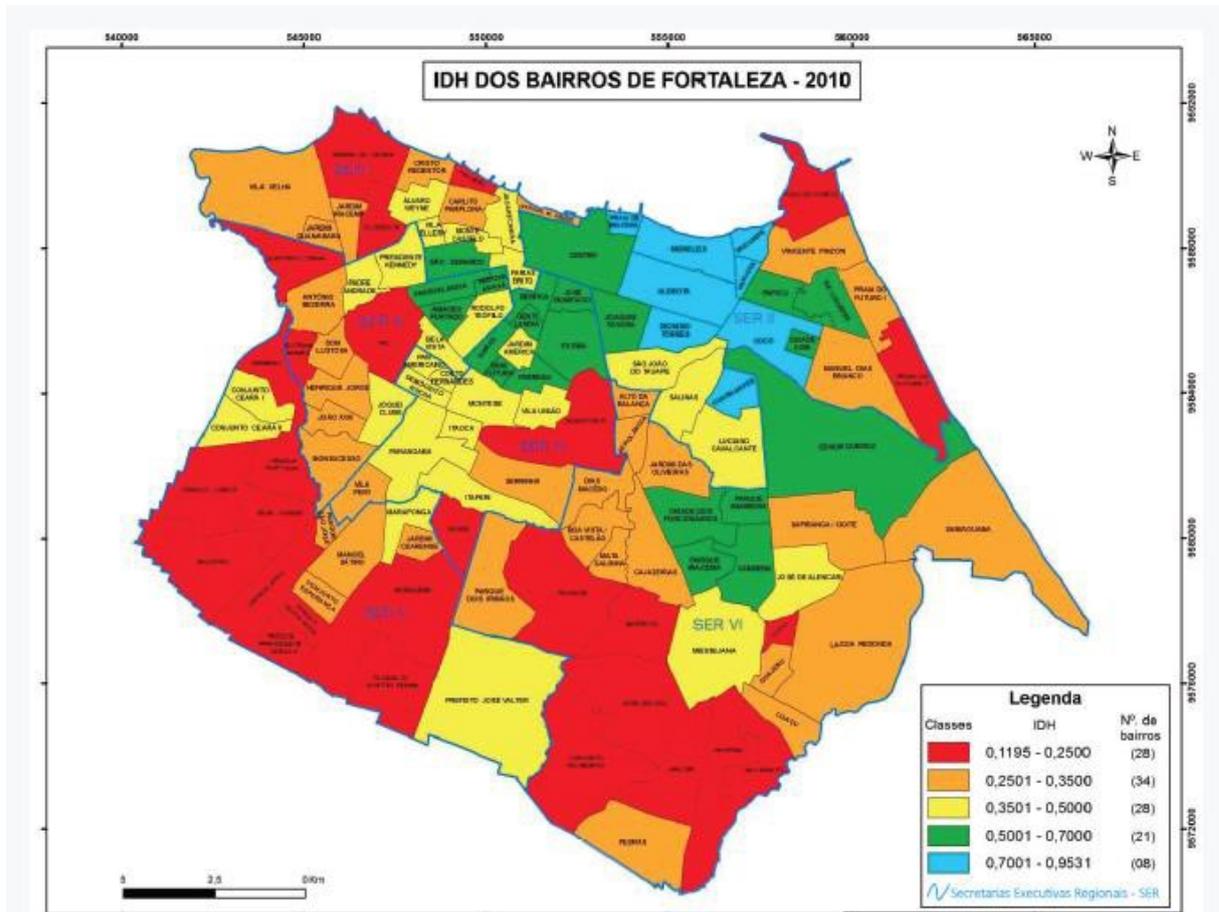
**Figura 10** – Percentual da população idosa de Fortaleza por bairro



Fonte: Elaborado pela autora.

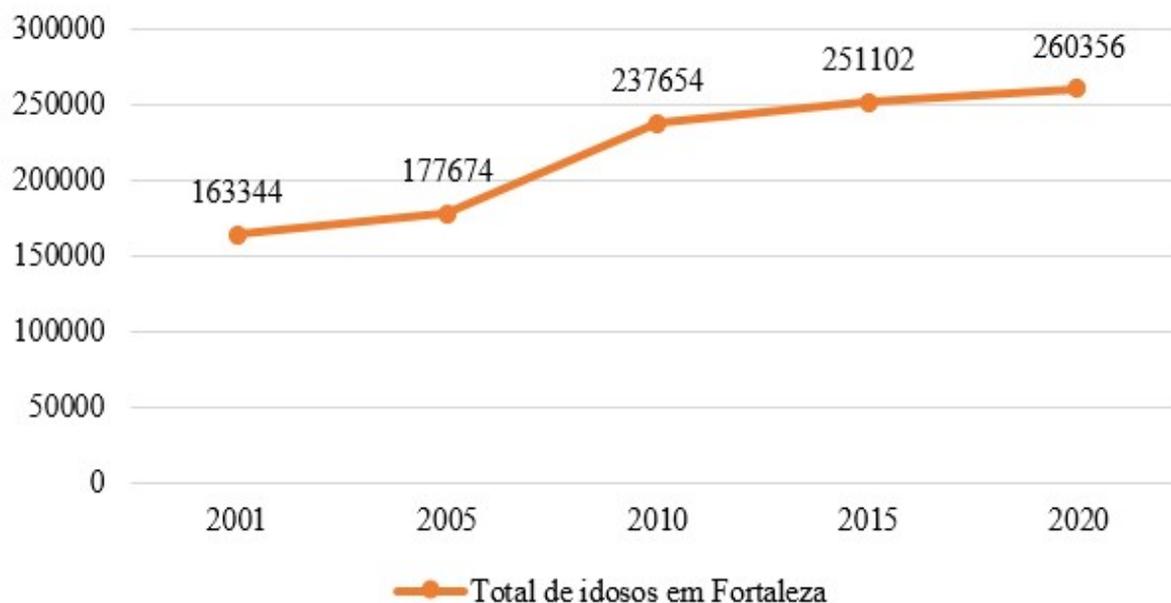
O fator renda é um dos principais indicadores de desenvolvimento humano e, para os idosos principalmente, facilita o acesso a melhores serviços de saúde, moradia, lazer e mobilidade, por exemplo; garantindo uma qualidade de vida melhor, diferente dos idosos mais pobres, e possibilitando uma expectativa de vida, muitas vezes, acima da média. Em Fortaleza, segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal, os bairros com os melhores IDHs são: Meireles, Aldeota e Dionísio Torres; e os bairros com os piores IDHs são: Conjunto Palmeiras, Parque Presidente Vargas e Canindezinho (FIGURA 11).

**Figura 11** – Mapa do IDH, por bairro, de Fortaleza – 2010



**Fonte:** SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (2014).

Ainda assim, apesar das diferenças no IDH entre os bairros da cidade, a população idosa de Fortaleza cresceu consideravelmente desde o início do século XXI (GRÁFICO 3), apresentando um aumento de 59,3% em duas décadas (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2021b). As melhorias na qualidade de vida, na saúde, no saneamento básico e abastecimento de água, assim como ocorreu no Brasil, contribuíram para este rápido crescimento deste segmento populacional na capital cearense.

**Gráfico 3** – Crescimento da população idosa de Fortaleza entre 2001 e 2020.

**Fonte:** PREFEITURA DE FORTALEZA (2021). Elaborado pela autora.

Com o aumento, a cada ano, da população idosa, a Prefeitura de Fortaleza lançou, em 2016, o projeto “Fortaleza 2040”, possuindo diversos eixos, como eixo urbanístico, social, ambiental, econômico e de mobilidade. Este é um plano de desenvolvimento traçador de estratégias para curto, médio e longo prazo, tendo 2040 como o ano final para o alcance de todos os objetivos propostos. O site oficial do projeto explica que:

O Plano Fortaleza 2040 tem como principal objetivo a transformação de Fortaleza em uma cidade mais acessível, justa e acolhedora; o incremento da oferta de oportunidades apoiadas pela boa ordenação da rede de conexões de seus espaços públicos e privados; e a obtenção de controle eficiente do seu crescimento econômico. (FORTALEZA, 2021).

Quanto à questão do envelhecimento populacional, o Plano objetiva garantir direitos e acessibilidade social, a fim de promover uma melhoria real na qualidade de vida da população idosa. Assim, os objetivos do Plano para a população idosa foram baseados e guiados pelo conceito de envelhecimento ativo defendido pela OMS e traçam estratégias para a criação, articulação e/ou integração de políticas públicas direcionadas às prioridades e necessidades básicas deste segmento da população (FORTALEZA, 2021).

Com 7 eixos integralizados, o plano Fortaleza 2040 prevê ações concretas, com uma série de políticas públicas, visando melhorar a qualidade de vida da população idosa na cidade. Desde a criação da PNI e do Estatuto do Idoso, Fortaleza vem criando leis asseguradoras de uma série de programas, ações e direitos aos idosos fortalezenses, como: a Política Municipal do Idoso, o Programa de Envelhecimento Ativo, o Fundo Municipal dos Direitos da Pessoa

Idosa do Município de Fortaleza (FORTALEZA, 2021).

O objetivo principal do eixo voltado para os idosos é “garantir o pleno direito do idoso, assegurando instrumentos e meios para a efetivação da política de atenção e assistência ao idoso tendo como suporte a Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa – RENADI” (*ibid*). Para isso, foram definidas 5 linhas de ação: linha 1 – promoção e assistência social; linha 2 – Educação, Cultura, Arte, Esporte e Lazer; linha 3 – Saúde e Justiça; linha 4 – Trabalho, Empreendedorismo e Previdência; e linha 5 – Moradia, Acessibilidade e Qualidade de Vida; todas com uma série de ações, como criação de programas, projetos, campanhas e centros que atendam a todas as demandas e beneficiem toda a população idosa de Fortaleza.

A adoção e implementação de novas medidas adequadas ao novo perfil populacional que Fortaleza, e todo o Brasil, irá adquirir devem ser iniciadas nos dias de hoje para o alcance dos resultados a médio e longo prazo. A população idosa continuará crescendo e necessitará de serviços de qualidade, seja na saúde ou na educação, além de ter a garantia de respeito a seus direitos e a de que seus benefícios estejam sempre disponíveis e façam jus à suas necessidades, pois “será ainda mais necessário definir as fontes e os mecanismos de financiamento para a saúde, previdência social pública e os cuidados junto à população idosa” (OLIVEIRA, 2016, p. 17).

#### **2.4 O envelhecimento populacional no Brasil e seus impactos futuros**

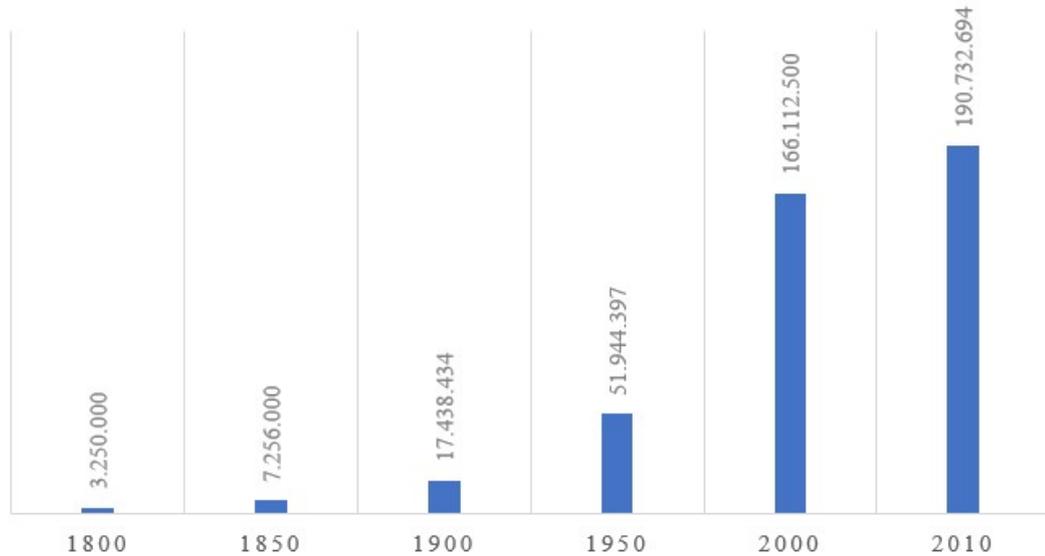
O envelhecimento populacional em Fortaleza é reflexo de um cenário maior, vivenciado em todo o país, e vem recebendo cada vez mais atenção. A população brasileira cresceu aceleradamente a partir do século XX, devido a uma série de fatores, como melhorias na saúde e no saneamento básico. Observando o crescimento populacional brasileiro entre os anos de 1800 e 2010 (GRÁFICO 4), é possível perceber qual foi o principal período de crescimento.

Até o início do século XX, a população brasileira manteve um ritmo mais lento de crescimento, apresentando pouca diferença ao longo dos anos. Entretanto, entre os anos de 1900 e 2000, triplicou a cada 50 anos, sendo o século XX, portanto, o período de maior crescimento populacional já registrado no país.

A pirâmide etária brasileira foi ganhando um novo formato, com uma base bastante alargada, indicando um grande número de crianças e jovens na população, e o topo mais fino. Na década de 1950, por exemplo, a população brasileira era composta por 70% de crianças (0 a 14 anos) e jovens (15 a 29 anos), 25% de adultos entre 30 e 59 anos e 5% de idosos com idade

acima de 60 anos (IBGE, 1956). Uma população extremamente jovem. Neste ano citado, a taxa bruta de natalidade era de 43,5‰ (por mil) habitantes, a taxa bruta de mortalidade era de 19‰, a esperança de vida era de 52 anos e a taxa de fecundidade total era de 6,2 filhos por mulher (IBGE, 2020).

**Gráfico 4** – Evolução da população brasileira entre 1800 e 2010



Fonte: IBGE, 2000

A partir da década de 1960, o mundo passou por uma série de avanços em diversas áreas, avanços estes que trouxeram uma série de implicações para a configuração da população de diversos países, incluindo o Brasil, que começou a passar por um rápido, e novo, processo de transformação. Apesar do grande crescimento populacional na segunda metade do século XX, as mudanças ocorridas neste período foram as principais responsáveis pelo início do declínio nos indicadores demográficos do Brasil.

Uma das principais influências para o declínio começar a ganhar força no país foi o papel da mulher e pode-se destacar três fatores para isso: o crescimento da escolarização de meninas e mulheres, permitindo a elas o seu planejamento familiar; a difusão da pílula anticoncepcional, que deu às mulheres a possibilidade de ter o controle sobre a questão da natalidade dentro de sua família; e a inserção no mercado de trabalho, permitindo autonomia e independência financeira à mulher em relação ao homem.

Vale destacar que os três fatores apresentados não foram vivenciados de maneira homogênea neste período. Isso porque, segundo Gonçalves *et al* (2019), “o controle da fecundidade começou entre as mulheres mais escolarizadas e de classes econômicas mais privilegiadas, que teriam sido as pioneiras no planejamento do número de filhos tidos ao longo do seu ciclo de vida”. A queda da taxa de fecundidade, definida pela quantidade de filhos por

mulher de uma área, somente ocorreu quando as mulheres de classes mais baixas (correspondentes a maior parte da população) tiveram acesso às políticas de informação sobre o planejamento familiar, por isso foi um processo ocorrido de maneira desigual no país.

Desta forma, a queda do número de filhos por mulher no Brasil contribuiu para que, conseqüentemente, a taxa bruta de natalidade, referente ao número de nascidos vivos a cada mil habitantes de determinado local, também diminuísse ao longo dos anos. Outros pontos contribuintes para o declínio de alguns dos indicadores demográficos no país foram os avanços na medicina e na tecnologia e as melhorias na infraestrutura do Brasil.

Na década de 1960, ainda, foram descobertos novos tratamentos para doenças e outros mais antigos foram aprimorados. Desta forma, cada vez mais doenças eram tratadas e remediadas, evitando possíveis complicações ou até mesmo a morte do paciente. Assim, a taxa de mortalidade por doenças começou a declinar, primeiramente nas áreas mais ricas e desenvolvidas do país e, em seguida, foi alcançando as áreas restantes.

Além disso, as melhorias na infraestrutura de vários pontos do Brasil, ao longo deste tempo, contribuíram para a redução da taxa bruta de mortalidade, relacionada ao número de óbitos a cada mil habitantes de determinado local, como a melhoria do saneamento básico em muitas cidades. Com isso, muitas doenças puderam ser evitadas e, assim, a qualidade de vida da população brasileira, aos poucos, começou a mudar.

Durante o período apresentado (1950-2010), o Brasil passou pela chamada transição demográfica, ocorrida quando há uma queda nas taxas de natalidade, mortalidade e fecundidade de um país. Conforme a TABELA 1, que reúne os dados apresentados anteriormente, podemos visualizar e comparar com maior clareza a queda nas taxas e o aumento na expectativa de vida.

**Tabela 1** – Evolução das principais taxas demográficas entre os anos de 1950 e 2010

	1950	1980	2010
<b>Taxa bruta de natalidade (‰)</b>	43,5	31,8	15,88
<b>Taxa de fecundidade total (filhos por mulher)</b>	6,2	4,1	1,8
<b>Taxa bruta de mortalidade (‰)</b>	19	8,8	6,03
<b>Esperança de vida (anos)</b>	52	64	73

Fonte: IBGE, 2020.

A transição demográfica experimentada pelo Brasil não ocorreu de forma simultânea em todas as regiões, dadas as grandes desigualdades socioeconômicas entre elas nos

anos analisados. A mudança de população majoritariamente rural para majoritariamente urbana também teve um papel fundamental na transição demográfica do Brasil. Segundo Vasconcelos e Gomes (2012), quando a população era em sua maioria rural, as famílias eram numerosas e o risco de mortalidade infantil era alto, diferente dos arranjos familiares cada vez mais comuns no ambiente urbano, que possuíam taxas de mortalidade infantil bem inferiores.

O declínio na taxa de fecundidade total ao longo dos anos reflete diretamente na taxa bruta de natalidade, pois ambas possuem uma relação direta. Com isso, o número de crianças e adolescentes passou a cair, chegando a ficar abaixo da taxa de reposição necessária para o país. Entende-se por taxa de reposição a quantidade necessária de filhos por mulher para equilibrar os números populacionais.

No Brasil, a taxa de reposição necessária é de 2,1 filhos por mulher, porém já nos encontramos bem abaixo deste número (IBGE, 2020). Este fato poderá ser um problema no futuro, pois a População Economicamente Ativa (PEA) será bem menor do que a população dependente financeiramente dessa população, podendo trazer para o país problemas econômicos e/ou sociais.

O aspecto determinante de uma população mais jovem ou mais velha é a média de idades dos indivíduos desta população; assim, quanto menor é a média, mais jovem é a população; quanto maior é a média, mais velha é a população. No Brasil, a idade média da população, atualmente, é de 32,6 anos (IBGE, 2020). Desde o final do século XX, já era possível perceber o aumento da idade média da população brasileira e que logo o Brasil poderia se tornar um país envelhecido e seria necessária a criação de novas políticas públicas para atender às demandas deste crescente grupo populacional. Até então, as políticas voltadas para a população idosa no Brasil tinham uma predominante visão de vulnerabilidade financeira, fragilidade e dependência desse segmento populacional (CAMARANO, 2016, p. 21).

Somente na década de 1980 essa visão começou a mudar, tendo como primeiro marco a nova Constituição brasileira de 1988. A Constituição do Brasil, no art. 230, determina que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988).

Assim, o Governo atuante e a sociedade tinham o dever de assegurar os direitos da população idosa, garantindo-lhes o acesso à saúde de qualidade, ao tratamento digno e à previdência social. No âmbito internacional, antes da nova Constituição brasileira ser definida, a Organização das Nações Unidas (ONU), no ano de 1978, convocou a primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, onde foi redigido um documento de grande influência para a

criação de uma política para idosos no Brasil. Este documento ficou conhecido como I Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento.

Após seis anos da definição da nova Constituição do Brasil, foi criada uma política específica para o idoso visando garantir seus direitos. Sob a influência deste grande debate internacional sobre a questão do envelhecimento populacional, no ano de 1994, foi criada a Lei nº 8.842/1994, conhecida como Política Nacional do Idoso (PNI), quando, aproximadamente, 8% da população brasileira era composta por idosos (ALCÂNTARA; CAMARANO; GIACOMIN, 2016, p. 13).

A PNI tem como principal objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. A Lei definidora da PNI tem como diretrizes, encontradas em seu art. 4º, a viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações e a participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos, por exemplo (BRASIL, 1994).

Em 2002, foi instituído o Conselho Nacional de Direitos do Idoso (CNDI), por meio do Decreto nº 4.227. O CNDI, segundo o site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2020), inicialmente, possuía caráter consultivo, permanente e sem paridade. A partir de então, iniciou-se uma série de estudos e observações sobre a PNI, buscando encontrar inconsistências para promover melhorias na política para o idoso. Assim, no dia 1º de outubro de 2003, foi criada a Lei nº 10.741, instituidora do Estatuto do Idoso no Brasil.

O Estatuto do Idoso foi um grande acontecimento na luta pelos direitos dos idosos. Como um reforço à PNI, o Estatuto trouxe uma política mais completa, objetivando garantir os direitos deste segmento populacional nas mais diversas áreas da sociedade. Um dos primeiros artigos do Estatuto, o art. 3º, define que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Logo, é obrigação de todos garantir o acesso do idoso aos seus direitos (BRASIL, 2003).

A partir do Estatuto, ficou definido uma série de órgãos e entidades públicas responsáveis por garantir os direitos dos idosos, como Conselhos do Idoso, Sistema Único de Saúde (SUS), Sistema Único de Assistência Social (SUAS), Poder Judiciário, Defensoria Pública, Ministério Público; o idoso, então, depende do efetivo e eficiente funcionamento dos órgãos e entidades.

Com o constante crescimento da população idosa no país, as políticas públicas se mostram cada vez mais essenciais para garantir um futuro digno para a população. Apesar dos avanços, ainda existe bastante a ser feito. Cabe ao Governo elaborar leis mais abrangentes dadas as mudanças sociais frequentes pelas quais nosso país sempre passa. Uma vez que a população idosa caminha para se tornar um dos maiores segmentos populacionais do Brasil, quanto antes nos prepararmos para esta nova fase, menos impactos nosso país sofrerá.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) de 2017, a população idosa brasileira chegou a 30,2 milhões, ou seja, já representava 14,6% da população total naquele ano (PARADELLA, 2018). O processo de envelhecimento populacional já se iniciou no Brasil e, a cada ano, o número de idosos aumenta, enquanto o número de nascidos continua caindo. Para Wong e Carvalho (2006), é surpreendente a velocidade deste processo, pois

Sabe-se que a maior parte dos países europeus levou quase um século para completar sua transição da fecundidade. Suécia e Inglaterra, por exemplo, levaram cerca de seis décadas (aproximadamente de 1870 a 1930) para diminuir em torno de 50% seus níveis de fecundidade. O Brasil, por sua vez, experimentou um declínio similar em um quarto de século. (WONG; CARVALHO, 2006).

Ao observarmos o envelhecimento populacional no Brasil, um fenômeno ocorrido de forma acelerada, é possível identificarmos algumas características definidoras da população idosa do país. Uma destas características é a chamada feminização, que ocorre por conta da diferença entre o número de mulheres e homens idosos presentes na população.

A tendência à feminização da população idosa no Brasil já pode ser considerada como fato, pois já é possível perceber este fenômeno nos dados demográficos. Segundo a PNAD de 2017, do total acima apresentado da população idosa do país, 56% eram mulheres (16,9 milhões), enquanto 44% eram homens (13,3 milhões) (PARADELLA, 2018). A grande diferença entre os gêneros na população idosa se dá por alguns fatores e, segundo Camarano, Kanso e Mello (2004, p. 29), quanto mais idoso for o segmento, maior será a proporção de mulheres em relação a de homens.

A feminização na população idosa brasileira pode ser explicada pela mortalidade diferenciada por sexo. Um dos fatores que explicam essa diferença é a tendência de as mulheres serem mais atenciosas com a questão da saúde e outros cuidados diários em relação aos homens. Desta forma, as mulheres tendem a viver mais. Por alcançarem uma maior esperança de vida, sofrem mais com questões biológicas, como doenças crônicas e deficiências físicas, enquanto os homens tendem a morrer antes (NOGALES, 1998 *apud* CAMARANO, 2002, p. 4). Este fato

implica em uma maior demanda de mulheres idosas por políticas públicas, principalmente nas áreas da saúde, seguridade e previdência social.

A longevidade feminina também influencia na diferença do estado conjugal na velhice. Camarano (2002, p. 8) explica que, por conta das normas sociais e culturais vigentes na nossa sociedade, os homens tendem a casar-se com mulheres mais jovens, enquanto muitas mulheres idosas tendem a não voltar a casar, caso já tenham sido casadas ou sejam viúvas.

A viuvez é, também, muito maior entre a população feminina, o que influencia no número de mulheres idosas vivendo sozinhas ou dependendo de outros, em situação econômica menos vantajosa, pois muitas destas mulheres possuem baixo grau de escolarização, reflexo de um passado onde o acesso das mulheres à educação era muito inferior e mais difícil em comparação aos dias de hoje.

A questão da dependência é outro fator a ser considerado ao analisarmos o envelhecimento populacional brasileiro. Segundo a Rede Interagencial de Informação Para a Saúde (2008, p. 72), a dependência, ou Razão de Dependência (RD) é definida como a:

Razão entre o segmento etário da população definido como economicamente dependente (os menores de 15 anos de idade e os de 60 e mais anos de idade) e o segmento etário potencialmente produtivo (entre 15 e 59 anos de idade), na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado. (REDE INTERAGENCIAL DE INFORMAÇÃO PARA A SAÚDE, 2008, p. 72).

Segundo Wong e Carvalho (2006), o contingente populacional dependente (com menos de 15 anos e com mais de 60 anos) em meados dos anos 1970 era quase metade da população total, sendo quase 90% da RD composta por crianças e jovens. Desde então, este cenário vem sendo alterado por conta da diminuição da população mais jovem e o aumento da população idosa.

Meio século depois, segundo o IBGE (2020), no ano de 2020, a RD no Brasil é de 50,9%. Desse valor, 20,6% são idosos e 30,3% são crianças. A alteração na distribuição dos dependentes na RD confirma a transição demográfica sofrida pelo Brasil e o envelhecimento da população, com o aumento do número de idosos e a diminuição no número de crianças dependentes.

Vale destacar que esta dependência é maior entre as mulheres, pois a mortalidade é maior entre os homens, principalmente por conta de casos de viuvez. Este ponto pode ser explicado pelo fato de ser “possível que boa parte desse último grupo não tenha experiência de trabalho no mercado formal, seja menos educada, o que requer uma assistência maior tanto do Estado quanto das famílias” (CAMARANO, 2002).

No âmbito da saúde, o acesso ao SUS é garantido e deve ser um serviço gratuito e de qualidade, por isso, o Governo deve assegurar ao idoso tratamentos, remédios, consultas e tudo mais que ele precise. Entretanto, no ano de 2016, foi promulgada a Emenda Constitucional 95, conhecida como lei do teto de gastos, definidora de limites para o investimento em diversas áreas, incluindo a saúde e os outros componentes da seguridade social. Segundo o Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2020), desde a aprovação da Emenda, o orçamento destinado à saúde vem diminuindo cada vez mais, chegando a ter uma redução de 15% em 2019.

Segundo Miranda, Mendes e Silva (2016), “as mudanças ocorridas na estrutura demográfica acabaram por aumentar a pressão sobre os sistemas de proteção social, principalmente em virtude da queda da relação entre o número da população que contribui e o aumento crescente daqueles que se aposentam”, por isso, a questão da previdência social, também, é um ponto passível de atenção.

Assegurada pela Constituição, a previdência social já recebeu inúmeras propostas de reformulação desde 1988. Muitos estudiosos já identificavam possíveis problemas econômicos que poderiam surgir caso a previdência social não fosse reformulada, pois o envelhecimento populacional já era visível.

O regime previdenciário adotado no Brasil é a repartição simples, onde a atual população economicamente ativa (PEA) garante o pagamento da aposentadoria da população idosa, por meio de suas contribuições previdenciárias, esperando das futuras gerações o mesmo. Por conta do crescente aumento da população idosa, a proporção entre a PEA e a população idosa começou a ficar discrepante e o equilíbrio das contas públicas começou a ficar prejudicado.

Assim, no Governo do Presidente Michel Temer (2016-2018), começou um novo debate sobre uma nova reforma da previdência no Brasil. Em 2019, no Governo do Presidente Jair Bolsonaro, por meio da Emenda Constitucional nº 103, foi promulgada a Nova Previdência, como ficou conhecida.

As novas regras da previdência causaram polêmica entre parte da população, pois foi alterado, dentre outros pontos, a questão da idade e do tempo mínimo de contribuição para a aposentadoria e a questão das pensões. Embora tenha sido apresentada como uma reforma justa visando o equilíbrio das contas do Governo, a reforma da previdência de 2019 dificultou o acesso de alguns trabalhadores à aposentadoria enquanto não retirou privilégios do setor militar, por exemplo, que tiveram uma proposta elaborada separadamente do restante dos outros setores.

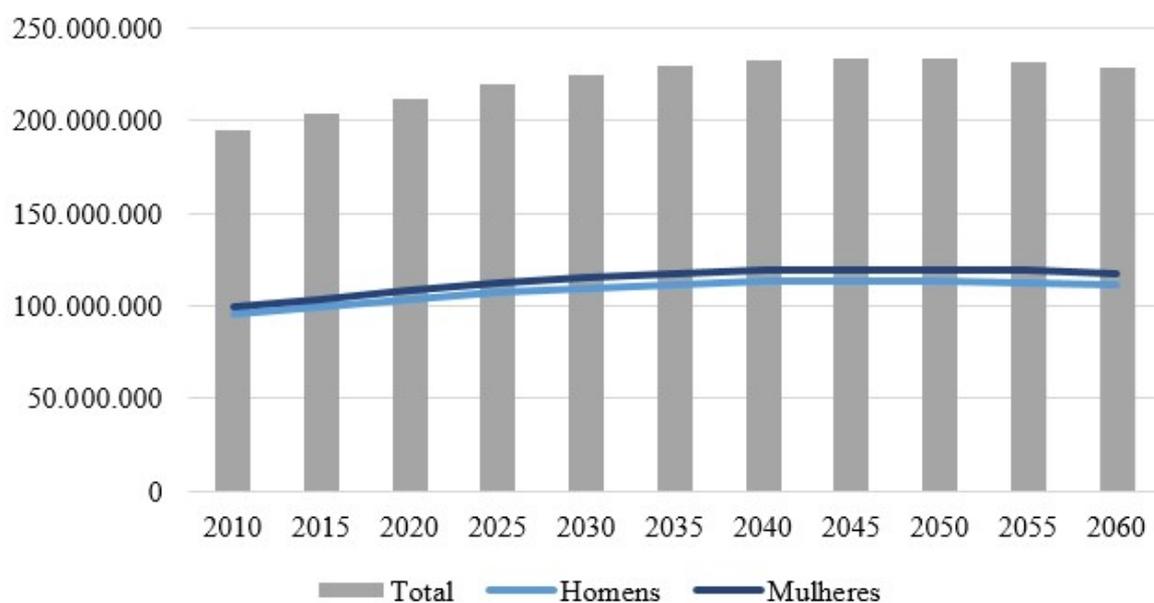
Para Lobato, Costa e Rizzotto (2019), “a reforma é mais radical e perversa com os trabalhadores do setor privado, trabalhadores rurais, mulheres e pobres”, isso porque os novos critérios para a aposentadoria são duros com a população mais vulnerável, levando em conta as diferenças de expectativa de vida entre as regiões brasileiras.

Apesar de necessária, dado o envelhecimento populacional no país, a reforma desconsiderou diversas questões sociais existentes. “Os malefícios são óbvios, com riscos de agravamento das condições de vida de idosos e beneficiários da previdência, de mulheres em especial” (LOBATO; COSTA; RIZZOTTO, 2019), pois as mulheres são a maioria na população, com tendência à feminização no processo de envelhecimento populacional.

Os resultados e efeitos da reforma da previdência de 2019 só poderão ser percebidos e analisados a médio e longo prazo, mas com o segmento idoso aumentando a cada ano, já é possível tecer algumas previsões para os anos vindouros. O envelhecimento populacional brasileiro influenciará diversas áreas da sociedade e vem sendo um processo direcionado para confirmar características demográficas já previstas. Wong e Carvalho (2006, p. 13), preveem, por exemplo, que “as demandas (...) dos idosos poderão se tornar tão grandes que recursos de outros programas precisarão ser alocados para este segmento populacional”.

As previsões demográficas do IBGE para o Brasil revelam um cenário similar ao de países europeus. A população total continuará crescendo, porém em um ritmo mais lento, até chegar próximo do ano de 2045, quando o número começará a declinar (GRÁFICO 5).

**Gráfico 5 – Projeção da População Brasileira (2010-2060)**

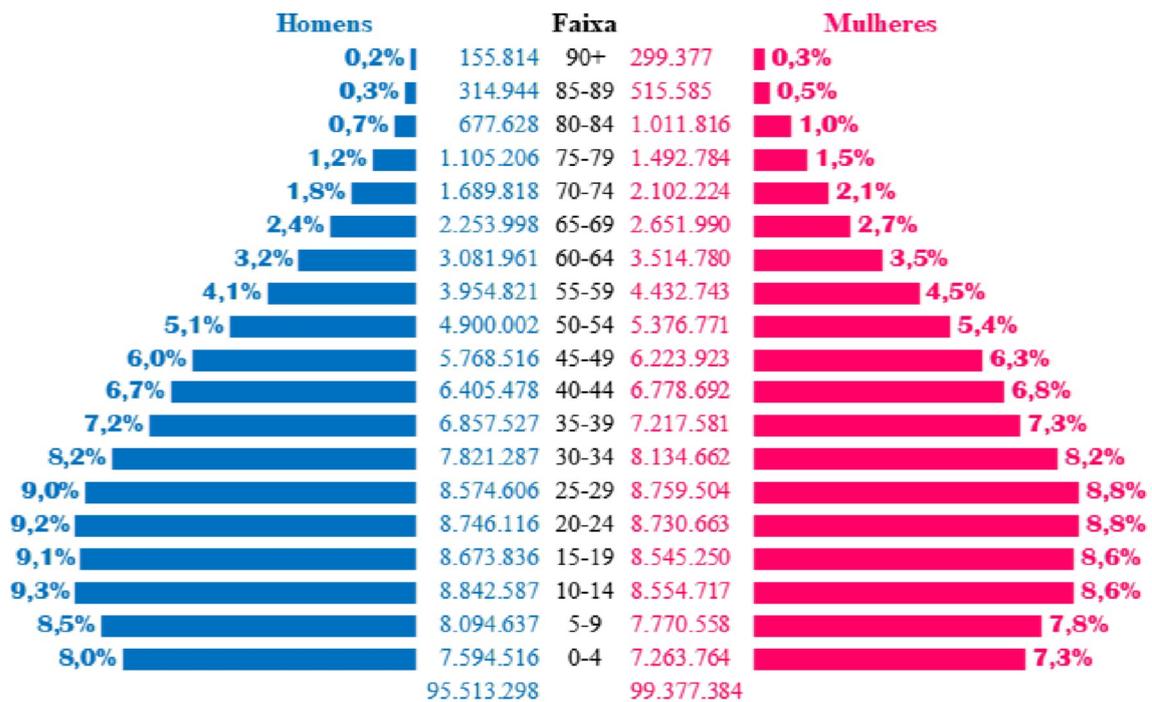


Fonte: IBGE, 2020. Elaborado pela autora.

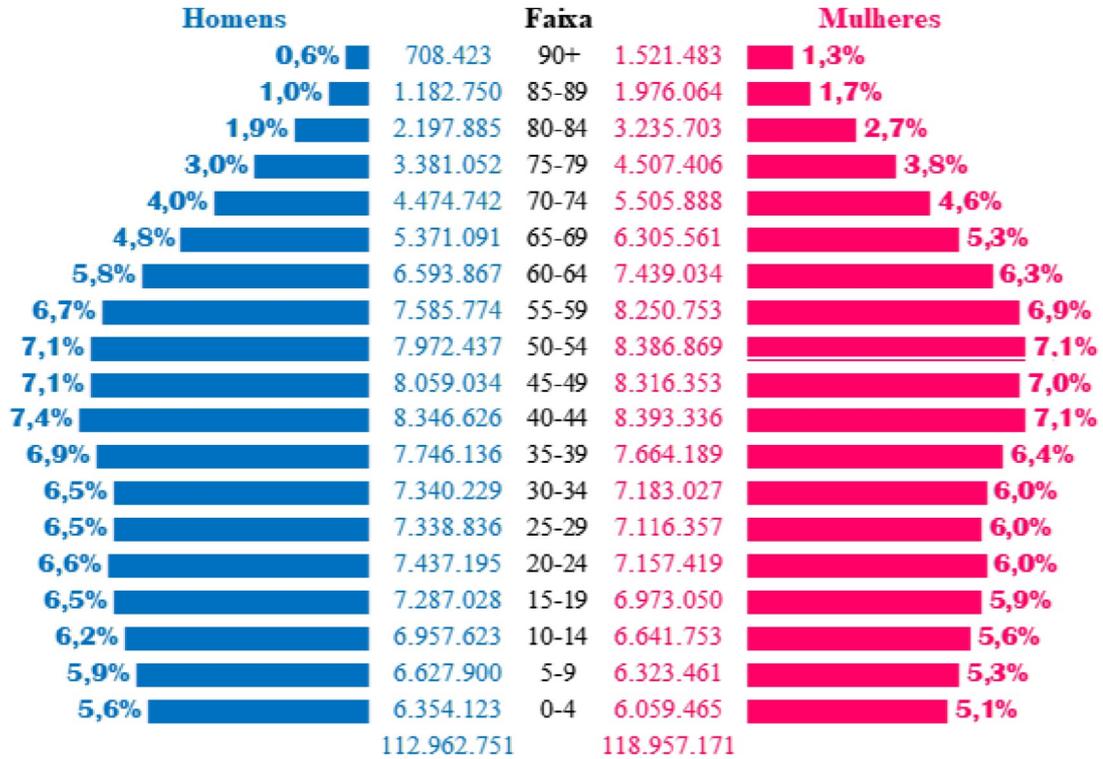
Ainda assim, a população crescerá 17% até 2060 em comparação com a população total de 2010. Em todos os anos, observa-se a quantidade de mulheres sendo superior à de homens, levando o Brasil a ter uma população de maioria feminina que influenciará, também, na feminização da população idosa.

Comparando a pirâmide etária brasileira criada a partir dos dados do último Censo, realizado em 2010, com as projeções para o ano de 2040 (GRÁFICOS 6 e 7), pode-se perceber a mudança em seu formato. Com a progressiva redução da taxa bruta de natalidade, a pirâmide etária brasileira, até então possuidora de um formato triangular, com a base mais larga e o topo mais fino, passará a sofrer alterações, ganhando um formato mais retangular, característico de populações mais envelhecidas.

**Gráfico 6 – Pirâmide Etária Brasileira - 2010**



Fonte: IBGE, 2020. Elaborado pela autora.

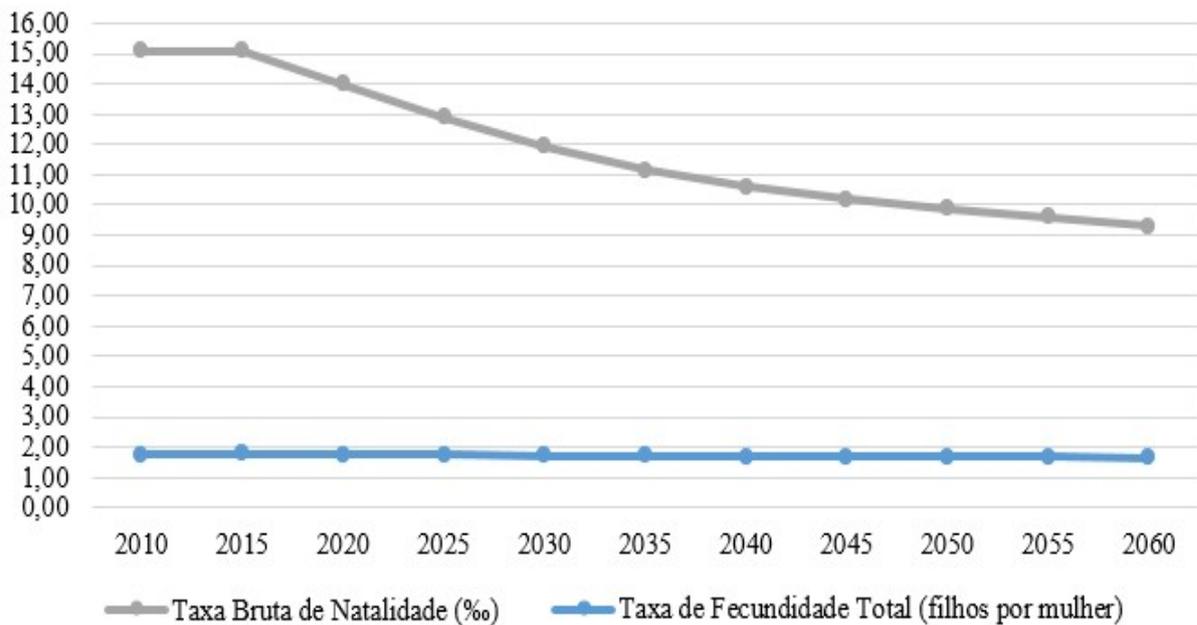
**Gráfico 7 – Pirâmide Etária Brasileira – 2040**

Fonte: IBGE, 2020. Elaborado pela autora.

A taxa de fecundidade total e, conseqüentemente, a taxa bruta de natalidade seguirão em declínio, ficando cada vez mais abaixo da taxa de reposição populacional necessária para um país como o Brasil (GRÁFICO 8). Uma quantidade menor de crianças na população, por um lado, pode promover melhorias no sistema educacional público e privado por conta da menor demanda por vagas, pois “a curto e médio prazos, o tamanho menor das gerações de crianças possibilita, em princípio, um maior retorno dos recursos nelas investidos” (WONG; CARVALHO, 2006, p. 9).

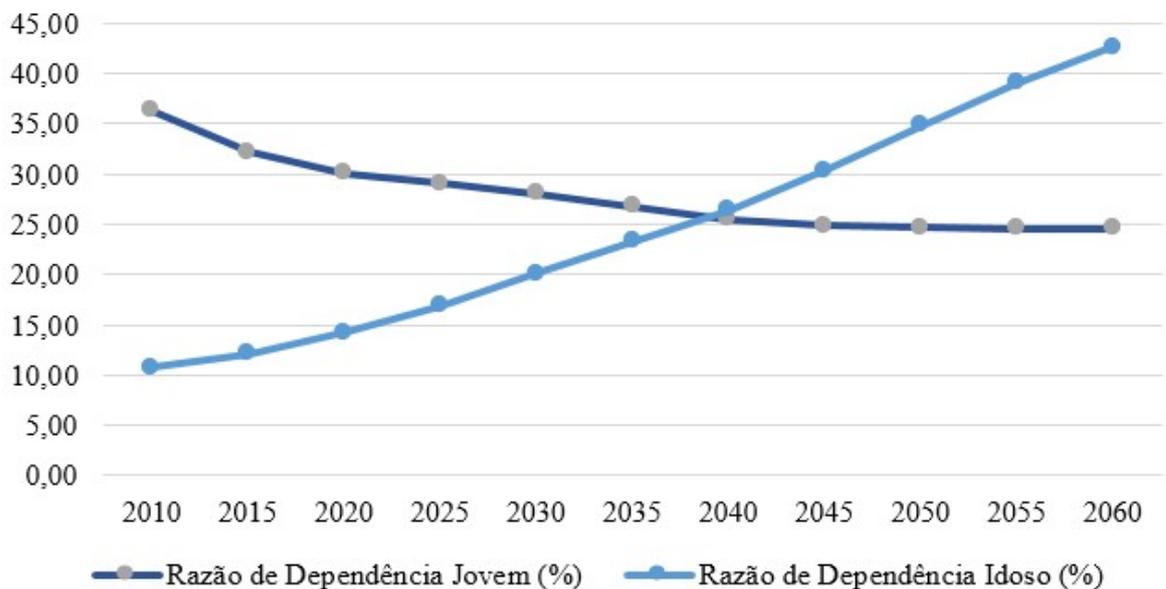
Wong e Carvalho (2006, p. 10) destacam que a razão de dependência de idosos subirá cada vez mais a partir de 2020 e explicam a necessidade, cada vez maior, de investimento nas crianças de hoje, pois no futuro elas serão a PEA e quanto mais qualificada ela for, mais retorno econômico ela trará para o país. A futura PEA será a principal responsável por garantir uma vida digna para a população idosa, por isso é essencial investimentos na saúde e educação das crianças.

**Gráfico 8** – Projeção da Taxa Bruta de Natalidade e Taxa de Fecundidade Total no Brasil entre 2010 e 2060.



Fonte: IBGE, 2020. Elaborado pela autora.

**Gráfico 9** – Projeção da Razão de Dependência Jovem e Idosa no Brasil entre 2010 e 2060



Fonte: IBGE, 2020. Elaborado pela autora.

Segundo projeções do IBGE (2020), a razão de dependência de jovens (<15 anos) será maior que a de idosos até o ano de 2038, chegando a ser, praticamente, a mesma nos dois segmentos no ano seguinte, mas a partir do ano de 2040, a razão de dependência de idosos ultrapassará a dos jovens e seguirá aumentando nos anos seguintes (GRÁFICO 9). Como

reflexo do processo de envelhecimento populacional, a idade mediana da população brasileira aumentará, passando de 33,4 anos em 2020 para 45,6 anos em 2060.

Pensar em soluções para possíveis problemas econômicos e sociais surgidos com o envelhecimento da população, deve ser uma estratégia e uma responsabilidade a ser assumida pelos governos a fim de evitar uma série de complicações socioeconômicas futuras. Segundo Oliveira (2016, p. 9), algumas políticas populacionais que podem amenizar o impacto da diminuição da PEA e o aumento da população idosa dependente dos mais jovens é o incentivo à natalidade e à migração de estrangeiros para trabalharem no país ou a combinação de ambas políticas.

O incentivo à natalidade garantirá a taxa de reposição adequada para as necessidades do país, mas para isso os órgãos governamentais precisam promover melhores condições sociais para que as famílias se sintam mais confortáveis em terem mais filhos. Algumas medidas possíveis de serem tomadas, como uma forma de incentivar a natalidade, (aumentando, assim, a taxa de fecundidade) são, por exemplo: melhorias relacionadas à saúde da mulher, à saúde sexual e reprodutiva, à reprodução assistida e a programas de planejamento familiar; melhorias na infraestrutura de cuidado e atenção às crianças, principalmente no âmbito da educação, como a construção de mais creches para que as mulheres possam trabalhar; maior equidade nas relações de gênero, principalmente na esfera do trabalho, pois as mulheres ainda ganham relativamente menos que os homens; e incentivos facilitadores de aumento da participação dos homens nos serviços domésticos, como uma maior licença paternidade (OLIVEIRA, 2016, p. 15).

A implementação de políticas de atração migratória aparece como outra opção para o aumento da PEA. Entretanto, será necessária a mudança na visão sobre o papel do imigrante no país, visto como uma ameaça à paz nacional. Oliveira (2016, p. 15) explica que

Para que as políticas de atração migratória tenham algum sucesso é preciso superar essas restrições legais que, por exemplo, estabelecem que o estrangeiro só pode trabalhar no território nacional a partir da demanda da empresa que deseja empregá-lo ou trazê-lo para o país, o que limita muitíssimo a atração da força de trabalho migrante. (OLIVEIRA, 2016, p. 15).

Além disso, é de extrema importância maiores investimentos para a melhoria do SUS, pois o Sistema ainda apresenta falhas, deixando inúmeras famílias desamparadas. Apesar de ser apresentado como um Sistema universal, ainda existem “muitos vazios geográficos na oferta dos serviços de média e alta complexidades, não anima enfrentar as morbidades que se farão ainda mais presentes num cenário de aumento da população idosa” (OLIVEIRA, 2016, p. 12). Por isso, serão cada vez mais necessários novos recursos e uma nova forma de gerir e

fiscalizar a implementação destes, para que haja uma saúde de qualidade para toda a população brasileira.

Os impactos atuais e futuros do envelhecimento populacional no Brasil não acontecem, e não acontecerão, de maneira igual em todas as regiões do país, pois sabemos das diferenças culturais e desigualdades sociais existentes no nosso território. Os desafios já estão postos, é preciso garantir uma boa qualidade de vida para toda a população, independente de sexo ou idade, como defendem Camarano, Kanso e Mello (2006, p. 103) ao afirmarem que

O desafio colocado para as políticas públicas é complexo: investir na continuação do aumento da esperança, mas levando em conta o desafio proposto pelas Nações Unidas, que é o de 'adicionar vida com qualidade aos anos de vida que foram adicionados'. Isso implica não só melhoria e ampliação dos serviços de saúde para todas as idades como também melhor qualidade de vida no sentido mais amplo. (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2006, p. 103).

### **3 SHOPPING CENTERS: NOVAS DINÂMICAS NO ESPAÇO URBANO E A ATRAÇÃO DO PÚBLICO IDOSO**

O estilo de vida moldado desde o século passado, incentivando cada vez mais o consumismo na população, foi influenciando no surgimento de um novo tipo de empreendimento agrupador de, em um só lugar, lojas e equipamentos de diversos tipos, criando um ambiente diferente do vivenciado no dia a dia: os Shopping Centers (SCs).

Nas médias e grandes cidades de um país, atualmente, é certa a existência de, pelo menos, um empreendimento deste tipo, alterando a configuração urbana a partir da sua influência econômica e social. Os SCs são o atual centro de tendências e de socialização no meio urbano, fortificado pela estrutura ampla e pelo conforto e segurança oferecidos em seu interior. Assim, garantem um público fiel que movimenta e intensifica o surgimento de novas atividades voltadas para todas as idades.

Em pouco tempo, os SCs logo se tornaram os principais ambientes de compra e consumo de serviços na maioria das cidades onde existem. Para além de centro de compras, estes empreendimentos perceberam seu grande potencial como centro de lazer dentro do espaço urbano e logo se apropriaram deste tipo de atividade.

Neste capítulo, será abordado o surgimento dos SCs, como foi a sua chegada no Brasil, nos anos 50, e a distribuição no território nos anos seguintes. Será destacada a evolução dos SCs ao longo do tempo, suas características e a busca por criar um ambiente onde o consumidor se sinta fora do espaço-tempo usual.

O crescimento da indústria cultural também será abordado para a explicação da aproximação cada vez mais crescente entre o lazer e o consumo. Com isso, surge o debate sobre a passividade e a atividade no lazer e as características de cada um. Esta aproximação fez surgir novos espaços de lazer, antes voltados, exclusivamente, para o consumo e, agora, voltados à atenção para o lazer.

Outro destaque neste capítulo será a influência dos SCs no espaço urbano das cidades onde estão inseridos. A transformação em centro de consumo e também de lazer foi um ponto bastante importante para que os SCs atraíssem mais frequentadores, esvaziando e contribuindo para a desvalorização de antigos locais de consumo e lazer nas cidades e influenciando no surgimento de novas centralidades nos espaços urbanos. Além disso, será abordado como os SCs, por seu poder atrativo, influenciaram em diversos aspectos estruturais e sociais dos espaços urbanos.

Uma série de autores foram utilizados para apoiar e enriquecer o debate sobre estes temas, como: Lefebvre (1999; 2001), Castells (1983), Sposito (1988), Pintaudi (1992), Reis (2006), Costa (2009), Dantas (2009; 2011). Será discutido, também, como estes empreendimentos podem ser caracterizados como enclaves fortificados, conceito abordado por Caldeira (2000); e como espaços privados com coletividade isolada, como destacam Gonçalves e Carneiro (2012). Além disso, terá destaque a presença dos SCs no Ceará, estado do Nordeste brasileiro, e em sua capital, Fortaleza, área de estudo desta pesquisa, apontando como a evolução e surgimento dos SCs ajudaram a capital cearense a deixar de ser uma cidade monocêntrica tornando-a uma cidade policêntrica.

Por fim, serão relatados os resultados da pesquisa em campo feita em alguns SCs de Fortaleza, com o auxílio de um Roteiro de Observações (APÊNDICE A) e das entrevistas (APÊNDICE B) feitas com os responsáveis pelo setor de lazer dos SCs, a fim de entender e discutir como estes empreendimentos estão lidando e como pretendem lidar com o envelhecimento populacional já perceptível na capital cearense, visto que o público idoso é cada vez mais frequente nestes espaços.

### **3.1 Breve histórico: das ruas comerciais aos shopping centers**

No século XX, em meio a um contexto de transformações no mercado, nas tecnologias e no modo de vida de vários países, surgiu nos EUA o primeiro empreendimento que deu origem ao conhecido, atualmente, como *Shopping Center*. A geógrafa e pesquisadora Silvana Maria Pintaudi (1992, p. 16) define o SC como

Um empreendimento imobiliário de iniciativa privada que reúne, em um ou mais edifícios contíguos, lojas alugadas para comércio varejista ou serviços. Distinguem-se umas das outras não somente pelo tipo de mercadoria que vendem (...) como também por sua natureza distinta (...). A estrutura e funcionamento do empreendimento são controlados por um setor administrativo (...). Além disso, está a presença de um parque de estacionamento, cujo tamanho depende do porte do empreendimento e da sua localização. (PINTAUDI, 1992, p. 16).

Até chegar no formato de hoje, houve uma série de mudanças contribuidoras para que estes empreendimentos como os SCs se tornassem o principal centro de compras na maior parte dos locais onde existem. Com o surgimento dos primeiros princípios capitalistas, na Europa, o lucro passou a ser a principal motivação do comércio, antes focado na subsistência e na troca simples (SILVA; LEME; SANTOS, 2018, p. 89). As transformações comerciais, principalmente no setor terciário (serviços), e nos hábitos de consumo da população possuem, como explica Gonçalves (2017, p. 99), “uma relação estreita com o processo de modernização e do próprio desenvolvimento urbano”.

Desde o surgimento das primeiras aglomerações urbanas, o comércio esteve presente. A venda de mercadoria excedente tornou-se cada vez mais comum e as primeiras “ruas comerciais” foram aparecendo, evoluindo, posteriormente, para praças de mercado, graças ao aumento da população urbana nestas áreas (GONÇALVES, 2017, p. 100). Os primeiros mercados, então, eram em locais públicos e a céu aberto, onde qualquer cidadão poderia vender sua produção. Além disso, possuíam outras funções além da comercial, eram espaços voltados para atividades sociais associadas à religião, à política, à cultura e à diversão, entre outros (MARINHO; OLIVEIRA, 2018, p. 155).

Com o crescimento e popularização destas praças de mercado, o setor de serviços começou a crescer e a área transformou-se em um espaço para atividades sociais. “Na praça de mercado, juntamente com as cerimônias, festas populares e eventos, aconteciam o recrutamento de mão de obra, o empréstimo de dinheiro, enfim, uma grande concentração de atividade coexistindo em um espaço urbano concentrado e central” (ARGAN, 1996, p. 62, *apud* GONÇALVES, 2017, p. 101). Com o passar do tempo, os mercados públicos transformaram-se e deram origem às chamadas galerias, um novo modelo de comércio, como explica Gonçalves (2017, p. 101):

O avanço da tecnologia permitiu a cobertura de grandes vãos e conduziu os mercados, que antes eram ao ar livre, para o interior das edificações. Dessa forma, a condição de o comércio se realizar num espaço público por excelência começou a perder força. Embora com a permanência de mercados populares, houve uma diversificação de tipologias com o surgimento de mercados voltados ao luxo e à ostentação, apesar de persistir o desenvolvimento das mesmas atividades antes exercidas: conversar, comer, divertir-se, fazer negócio e política. (GONÇALVES, 2017, p. 101).

Para Marinho e Oliveira (2018, p. 158), foi o estabelecimento das atividades de comércio e serviços no espaço urbano que impulsionou o surgimento de espaços voltados para estas atividades, influenciando, também, a concentração de pessoas na área urbana. A partir deste ponto, os mercados passaram a ser sinônimo de riqueza, fazendo as pessoas menos favorecidas se sentirem desconfortáveis ao frequentar estes espaços, distanciando, assim, este público. A dicotomia entre espaço público e espaço privado começou, então, a ficar mais forte e as primeiras grandes galerias comerciais surgidas na Europa no século XVIII, precisamente na França, tornaram-se verdadeiros espaços luxuosos em áreas centrais da cidade com pátios e corredores internos que davam acesso às lojas (GONÇALVES, 2017, p. 101 e 102).

Com a chegada da energia elétrica e de equipamentos cada vez mais modernos, como elevadores e escadas rolantes, a estrutura destas galerias foi se modificando, adequando-se para atrair mais consumidores, enquanto as lojas ficavam maiores, com vitrines e produtos em exposição; assim, foram sendo incorporadas mudanças no comércio e no convívio social

(GONÇALVES, 2017, p. 106). O crescimento nas estruturas das lojas fez com que algumas delas conseguissem se sobrepôr em relação às outras menores, provocando o fechamento destas. Assim, entre o final do século XIX e início do século XX, estas lojas tornaram-se as chamadas lojas de departamento, surgidas com o foco na diversidade de produtos, preço baixo e incentivo ao consumo, principalmente, do público feminino (GONÇALVES, 2017, p. 107).

O consumo passou a ser incentivado inconscientemente no mercado consumidor criando a chamada “cultura do consumo” que se fortificou nos anos seguintes. Padilha (2003, p. 60) explica que

Com as novas lojas de departamentos nas capitais, até as pessoas da classe média e os trabalhadores podiam comprar artigos que antes nem sonhavam em ter. Na verdade, esta nova forma de comércio provoca o consumo de coisas supérfluas ou inúteis, o que dava aos compradores a sensação de estar participando dessa padronização das mercadorias. (PADILHA, 2003, p. 60).

Como Silva, Leme e Santos (2018, p. 92) bem destacam, em concordância à ideia anterior, foi neste momento que

A relação do indivíduo com a mercadoria deixa de estar na esfera das necessidades e no plano econômico, mas passa a ser uma relação de significados, uma imagem ou um status dentro de um grupo. Neste âmbito, pode-se afirmar que o indivíduo não compra apenas um objeto, mas o símbolo que ele carrega. (SILVA; LEME; SANTOS, 2018, p. 92).

Desta forma, o comércio alcançou um novo patamar, alterando e reorganizando suas estruturas para atender aos novos e, cada vez maiores, fluxos e demandas. A variedade de mercadorias provocou “novas necessidades de consumo, culminando com a criação de novos espaços, fazendo assim com que o consumo pudesse ser mantido e expandido continuamente” (GIL, 2007). Este novo cenário relacionado ao consumo foi fundamental para o surgimento, nos EUA, do primeiro Shopping Center (SC).

Nos anos seguintes, após a Segunda Guerra Mundial, os EUA vivenciaram um período de crescimento econômico e difundiram pelo mundo seu “*american way of life*” (estilo de vida americano, tradução livre), baseado no consumismo. Assim, na década de 1950, surge o primeiro modelo de SC como conhecemos hoje; ele possuía uma importante característica: o estacionamento para os consumidores, dado o crescimento automobilístico no país (GONÇALVES, 2017, p. 128).

Assim, logo este modelo se popularizou em seu país de origem e se espalhou pelo restante do mundo nas décadas seguintes. Atualmente, além de ofertar produtos e serviços, os SCs representam “um lugar onde se criam necessidades de moda, alimentadas pelas vitrines que expõem suas mercadorias de forma elegante e atrativa, sob o apoio de estratégias sofisticadas de propaganda e publicidade” (GIL, 2007).

Por mais que os SCs sejam o principal centro de consumo do mundo pós-moderno, eles acabaram por se tornar, também, um centro de lazer. Isto ocorreu, como explica Padilha (2003, p 32), porque “o *shopping center* constitui-se, na sociedade capitalista, num espaço privado de consumo individual que oferece estrategicamente o lazer como importante atrativo”. Assim, a centralidade lúdica existente nos SCs ganhou força e fez com que estes empreendimentos investissem cada vez mais em um espaço de convivência, promovendo a sociabilidade procurada pelos consumidores, principalmente o público jovem (FRÚGOLI JR, 1992, p. 78).

Segundo Lemos (1992, p. 105), este fenômeno ocorreu como uma resposta antecipada a algumas reivindicações da sociedade ao urbanismo atual: a recuperação de espaços públicos de lazer, espaços de sociabilidade. Gil (2007) explica que os SCs se tornaram uma espécie de cidade desejada, com o planejamento melhor frente a situação caótica dos centros urbanos atuais. Como explica Marcellino (1995b, p. 59),

Nas grandes cidades atuais sobra pouca ou quase nenhuma oportunidade espacial para a convivência, pois da forma pela qual são constituídas e renovadas, o vazio que fica entre o amontoado de coisas é insuficiente para permitir o exercício mais efetivo das relações sociais e produtivas em termos humanos. Os equipamentos urbanos para o lazer, quando concebidos, quase sempre são assumidos pela iniciativa privada que os vê como uma mercadoria a mais para atrair o consumidor. (MARCELLINO, 1995b, p. 59).

Assim, nos centros urbanos, os empreendimentos privados dos SCs conseguiram atrair um público fiel, em busca das mais variadas opções de atividades ofertadas além do consumo. À medida em que os países se urbanizavam, os SCs se faziam presentes. Nos países emergentes ou em desenvolvimento, não foi diferente; o Brasil, por exemplo, já é o segundo país com mais SCs da América Latina, ficando atrás somente do México (TERRA, 2018).

Um dos fatores atrativos nos SCs nos dias de hoje é a oferta do lazer, considerado um elemento importante para a qualidade de vida. A partir do momento em que o lazer se tornou popular e comum na vida das pessoas, uma mudança de visão sobre as práticas de lazer e seu potencial lucrativo foi percebida pelo mercado e, assim, consumo e lazer começaram a se relacionar. A mercantilização do lazer, iniciada nas primeiras décadas do século XX, criou uma verdadeira indústria, onde o lazer vem sendo mediado cada vez mais, e, como explica Taschner (2000, p. 39), existe uma dimensão do consumo no lazer e uma dimensão do lazer no consumo. Pode-se entender o consumo como “a aquisição, a posse e/ou o uso (incluindo a exibição) de bens ou serviços, (...) refere-se sempre ao varejo e ao consumo final” (TASCHNER, 2000, p. 39).

A publicidade e o marketing foram essenciais para o desenvolvimento deste

mercado, onde o lazer se tornou o principal produto, principalmente nos países desenvolvidos, com destaque para os EUA. Com o processo de globalização, o lazer como mercadoria chega aos consumidores por meio de serviços e produtos provenientes de um mercado de massa, voltado para o público seduzido por produtos oferecidos e propagandas feitas com a finalidade de captar ou manter um consumidor deste lazer (TASCHNER, 2000, p. 44). É fácil perceber este mercado do lazer nos dias de hoje com as tendências de práticas esportivas surgidas e que fazem o público querer segui-la, como o *crossfit*; com a indústria do cinema lançando, anualmente, centenas de filmes e instigando o público a consumi-los; são exemplos de lazeres convertidos em produtos de consumo.

O crescimento da indústria cultural (FACCHINI, 2011) nas últimas décadas alterou o modo como alguns tipos de lazer, como os voltados para interesses artísticos e intelectuais, são apresentados para a população. Assim, para Marcellino (1995b, p. 46), “as atividades deixaram de ser valorizadas pela satisfação que proporcionam em termos da sua prática, (...) e tendem a sê-lo cada vez mais pelo grau de perfeição atingido no seu desenvolvimento”.

Fatores como as barreiras socioeconômicas e o baixo nível educacional contribuíram para o surgimento desta indústria, pois como a maioria do tempo disponível para o lazer é usufruída nos próprios locais de moradia da maioria das famílias, propiciou o fortalecimento de um “público cativo” à televisão, por exemplo; estes fatores, somados ao crescimento urbano, acabam colaborando para o crescente desaparecimento de manifestações culturais, como festas lúdico-religiosas e/ou lúdico-folclóricas (MARCELLINO, 2002, p. 21). Por isso, é possível afirmar, como explica o autor já citado, que as condições sociais atuais estão sendo cada vez mais favoráveis ao consumo frente a criação cultural.

A relação entre lazer e consumo já vem sendo estudada por diversos teóricos, Dumazedier (1976) e Marcellino (2002) explicam e discutem tal relação com a existência de um lazer passivo e um lazer ativo. Dumazedier (1976, p. 257) esclarece que a atividade de lazer não é, em si, ativa ou passiva, mas que tudo depende da atitude do indivíduo assumida frente à atividade de lazer. Segundo o autor, os níveis de participação da pessoa envolvida podem ser classificados como: elementar, tendo o conformismo como principal característica; médio, quando predomina a criticidade; e superior ou inventivo, quando a criatividade é a principal característica (MARCELLINO, 2002, p. 20).

Desta forma, o lazer passivo e o ativo podem ser associados ao consumo e à prática do lazer, respectivamente. O lazer passivo, ou o consumo, pode ser exemplificado com uma ida ao cinema, ao teatro, onde o indivíduo assume uma postura passiva em relação ao lazer. Como a atividade e a passividade no lazer é determinada pela atitude do indivíduo e os níveis onde é

vivenciado, até mesmo o espectador de um lazer passivo pode ser mais ativo do que o praticante de tal lazer (MARCELLINO, 1995b, p. 45).

O lazer ativo, a prática, por outro lado, pode favorecer o desenvolvimento de uma cultura social no indivíduo. Uma atitude ativa no lazer, ao menos periodicamente, implica uma participação consciente e voluntária na vida cultural e social, além da busca por um progresso pessoal particular, utilizando seu tempo livre em equilíbrio entre repouso, distração e desenvolvimento pessoal (DUMAZEDIER, 1976, p. 257-258).

É possível identificar na sociedade certos preconceitos em relação aos lazeres considerados passivos, como destaca Marcellino (1995b, p. 45), “essa divisão é acompanhada, via de regra, por juízos de valor que colocam a prática como altamente desejável e o consumo como algo a ser superado ou menosprezado”.

Com cada vez mais intensidade, o lazer e o consumo se entrelaçam nos dias de hoje. O principal exemplo são os empreendimentos, inicialmente voltados para o consumo, investindo no lazer em seus ambientes, como os SCs, por exemplo, os atuais e principais representantes do consumo mais utilizados para o lazer. Isso acontece, pois, para muitas pessoas, o ato de sair para fazer compras é uma atividade bastante prazerosa e, assim, o lazer e o consumo se aproximaram na virada para o século XXI (TASCHNER, 2000, p. 44).

Com um grande potencial de centro de compras e de lazer, os SCs se destacam, nos dias de hoje, e já oferecem atividades e serviços que atendem às demandas dos mais variados grupos etários. O espaço urbano, assim, ganhou uma nova dinâmica com a difusão desses empreendimentos. De jovens a idosos, o público consumidor dos SCs se tornou fiel e tende a crescer cada vez mais, garantindo a eles um lugar de influência e destaque dentro da sociedade.

### ***3.1.1 Dados e classificações no Brasil***

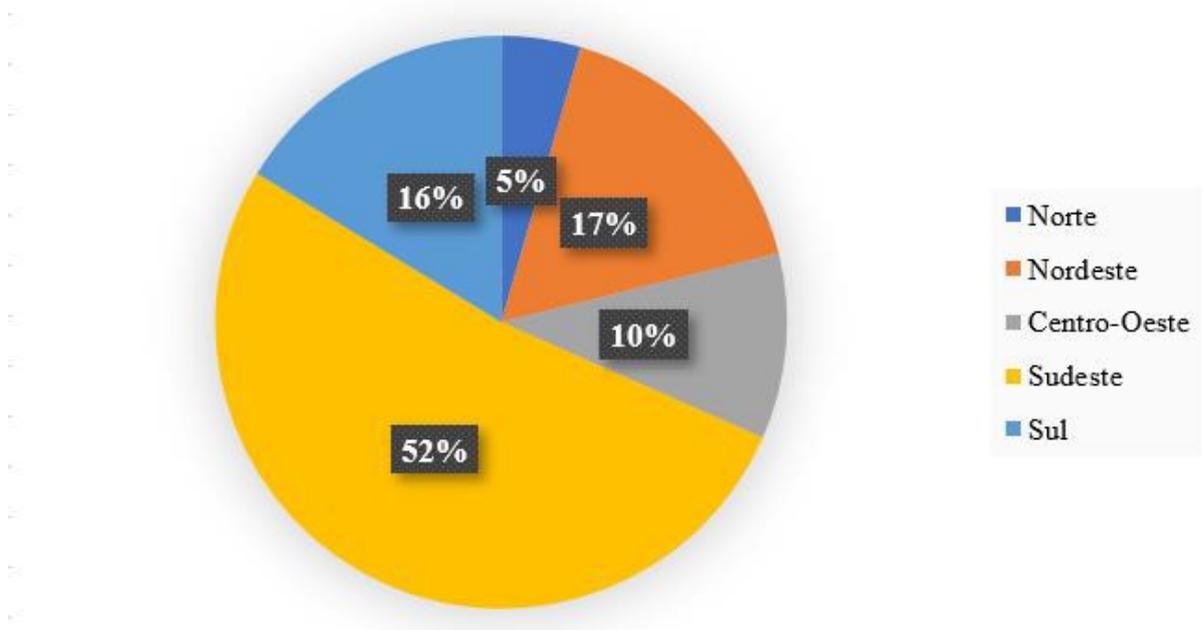
No Brasil, o primeiro SC foi inaugurado em 1966, na cidade de São Paulo. Em funcionamento até os dias de hoje, o SC Iguatemi São Paulo, do grupo Iguatemi Empresa de Shopping Centers S.A. pertencente à empresa cearense Grupo Jereissati, seguiu os padrões dos empreendimentos estadunidenses com grandes dimensões e lojas âncoras (lojas possuidoras de um tamanho maior que as lojas comuns, podendo ser conhecidas nacionalmente ou internacionalmente).

A partir deste período, os SCs espalharam-se pelo Brasil, pois, sendo empresas de grande capital, começou a existir condições de desenvolvimento do capitalismo, necessário ao

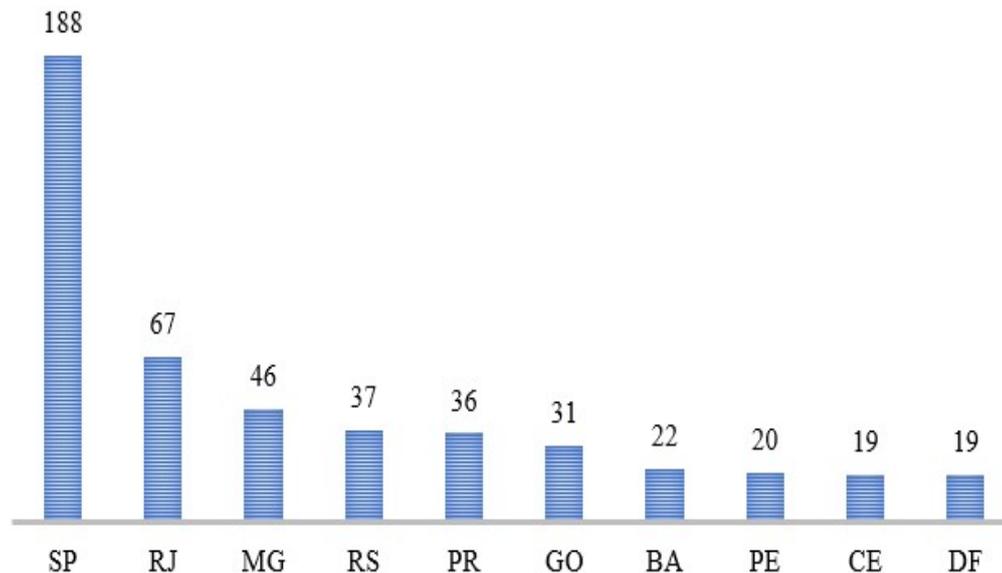
monopólio do espaço para a reprodução contínua e ampliada do capital (PINTAUDI, 1992, p. 16). Assim, a partir da década de 1980, mais precisamente, os SCs começam a se expandir no país, sendo implantados cada vez mais empreendimentos deste tipo em vários outros estados brasileiros, fazendo com que, a cada nova década a partir deste período, aumentasse o número de SC no Brasil.

Segundo dados da Associação Brasileira de Shoppings Centers (ABRASCE), atualmente, existem 601 shopping centers no Brasil, com um total de 16.981.444 m<sup>2</sup> de área bruta locável (ABL); além disso, há a estimativa de construção de outros 13 SCs no ano de 2021 (ABRASCE, 2021). Segundo dados da Associação, do total de SCs existentes no Brasil, mais da metade deles concentram-se em apenas uma região brasileira: o Sudeste; dentro desta região, mais da metade dos SCs concentram-se em apenas um estado: São Paulo, como mostram os gráficos 10 e 11 abaixo:

**Gráfico 10** – Shoppings Centers do Brasil por região (%)



**Fonte:** ABRASCE (2021). Elaborado pela autora.

**Gráfico 11** – Os 10 Estados com maiores quantidades de Shoppings Centers no Brasil

**Fonte:** ABRASCE (2021). Elaborado pela autora.

Esta concentração de empreendimentos em uma única região, e dentro desta região em um único estado, pode ser explicada pelo fato de o Sudeste, com destaque para o estado de São Paulo, desde muito tempo ser o maior polo econômico brasileiro. A prerrogativa para a implantação de um SC, inicialmente, era o aproveitamento de áreas que já contassem com infraestrutura de equipamentos dentro do centro urbano (GONÇALVES, 2017, p. 135), algo já existente em São Paulo, por exemplo. Além disso, como explica Pintaudi (1992, p. 26), a intensa urbanização, o acelerado processo de industrialização, o crescimento populacional e, conseqüentemente, o maior mercado consumidor na região Sudeste, no século XX, também foram uns dos principais pontos considerados para a implantação dos primeiros SCs do Brasil nesta região.

Com o maior número de pessoas vivendo nas cidades e com o processo cada vez mais acelerado de industrialização, os hábitos de consumo nesta região começaram a mudar. Santos (1987 p. 34) explica que

Numa sociedade tornada competitiva pelos valores que erigiu como dogmas, o consumo é o verdadeiro ópio, cujos templos modernos são os *shoppings centers* e os supermercados, aliás, construídos à feição das catedrais. O poder do consumo é contagiante, e sua capacidade de alienação é tão forte que a sua exclusão atribui às pessoas a condição de alienados. (SANTOS, 1987, p. 34).

Nos dias de hoje, podemos encontrar diversos tipos de SCs ao redor do mundo. No Brasil, a ABRASCE, principal associação do setor, possui convenções e definições para melhor entender e categorizar cada tipo de SC brasileiro. Assim, é considerado um SC pela ABRASCE

(2021):

Os empreendimentos com Área Bruta Locável (ABL), normalmente, superior a 5 mil m<sup>2</sup>, formados por diversas unidades comerciais, com administração única e centralizada, que pratica aluguel fixo e percentual. Na maioria das vezes, dispõe de lojas âncoras e vagas de estacionamento compatível com a legislação da região onde está instalado. (ABRASCE, 2021).

Quanto à classificação, para a Associação, existem dois tipos de SC: o tradicional e o especializado. O tipo tradicional pode ser dividido em quatro categorias de acordo com o porte do empreendimento: pequeno, com ABL de até 19.999 m<sup>2</sup>; médio, com ABL de 20.000 a 29.999 m<sup>2</sup>; grande, com ABL de 30.000 a 59.999 m<sup>2</sup>; e mega, com ABL acima de 60.000 m<sup>2</sup>. No tipo especializado, tem-se os SCs do tipo *outlet*, *Life Style* ou temático e também podem ser divididos quanto ao porte em três categorias, com medidas distintas do tipo anterior: pequeno, com ABL de até 9.999 m<sup>2</sup>; médio, com ABL entre 10.000 e 19.000 m<sup>2</sup>; e grande, com ABL acima de 20.000 m<sup>2</sup>.

É possível encontrar outras classificações em estudos, como a classificação quanto ao porte, à finalidade e ao formato, de Mattar (2011, p. 77). O autor estabelece que, quanto ao porte, os SCs podem ser classificados em: vizinhança, atende até um raio de 5km, possui um tamanho entre 3 e 15 mil m<sup>2</sup>; comunidade, atende até um raio de 10km, possui um tamanho entre 15 e 40 mil m<sup>2</sup>; regional, atende até um raio de 20km, possui um tamanho entre 40 e 80 mil m<sup>2</sup>; e super-regional, atende mais de um raio de 20km, possui um tamanho acima de 80 mil m<sup>2</sup>.

Quanto à finalidade, os SCs podem ser classificados em: especializado/temático, outlet/fábrica, power, desconto, festival, rotativo e atacado. Quanto ao formato (distribuição das lojas em relação ao corredor principal), os SCs podem ser classificados em: I, C, L, Triângulo e Y, Retângulo, Complexo e Galeria (MATTAR, 2011, p. 78-79).

Os SCs foram arranjados e planejados detalhadamente para se tornarem o principal local de consumo atual, onde se vende e se compra de tudo; onde aliou-se estrategicamente mercadorias, serviços, lazer e cultura (PADILHA, 2003, p. 23). Além disso, os SCs influenciaram na rápida obsolescência dos produtos, tanto quanto ao estilo como quanto à durabilidade (GAETA, 1992, p. 55), pois o consumo foi (e é) cada vez mais estimulado e, através de propagandas e publicidades, o consumidor se sente atraído à ideia de “estar na moda” apresentada pela cultura do consumo.

O crescimento desses empreendimentos nos centros urbanos aumentou, ainda mais, a influência e monopolização do comércio e do lazer. Com o aumento populacional e uma relativa melhora no poder aquisitivo de parte desta população, principalmente a partir do início

do século XXI, os SCs passaram a ter cada vez mais influência no espaço urbano onde eram instalados, a ponto de se tornarem o motivo de modificações ou construções de vias e infraestruturas de apoio para o seu funcionamento. Assim, as cidades começaram a se adequar e a se modelar de acordo com a necessidade criada por cada SC ao seu redor.

### **3.2 A influência na sociedade e no espaço urbano: o papel na criação de centralidades em Fortaleza**

O crescimento da população urbana no Brasil trouxe uma série de alterações no espaço com a finalidade de adequar o espaço urbano às novas demandas surgidas. Em muitas cidades, “tornaram necessárias políticas públicas de controle dos usos do solo urbano, programas habitacionais e demais infraestruturas urbanísticas” (SANTOS, 2012).

Como explica Lefebvre (2001, p. 16), as cidades passaram por um duplo processo entre “urbanização e industrialização, crescimento e desenvolvimento, produção e vida social”. Com velocidades e intensidades diferentes, algumas cidades se destacaram neste processo, atraindo fluxos e influenciando cidades menores, fortalecendo, assim, a hierarquia urbana, fenômeno resultante da “articulação entre os lugares, que permitiu a constituição da rede urbana” a partir da “interdependência entre as cidades, que provocou, ao longo do tempo, a subordinação de umas às outras” (SPOSITO, 1988, p. 54).

Como as cidades sempre reuniram as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo (*ibid*, p. 64), foi-se criando uma centralidade em torno do consumo, dando às cidades a característica de lugar de consumo onde há, também, o consumo do lugar (LEFEBVRE, 2001, p. 130). A partir disso, os centros urbanos se desenvolveram e passaram a ser considerados a principal área de uma cidade. O centro urbano, para Castells (1983, p. 313), representa uma “parte da cidade onde estão implantados serviços que se endereçam ao maior número de consumidores ou a usuários específicos, e a proximidade espacial não intervém absolutamente na utilização dos serviços oferecidos”.

As funções, estruturas e formas do centro urbano são, então, as principais forças para a manutenção dessa centralidade, atraindo tudo para si, não criando nada, apenas centralizando (LEFEBVRE, 1999, p. 109), além de conectar certas funções ou atividades que possuem um papel de comunicação entre a estrutura urbana e seus elementos (CASTELLS, 1983, p. 314). Assim, toda a organização socioespacial da cidade passa a girar em torno desta área central, podendo até atrair fluxos de outras cidades menores. Entretanto, ao longo da constituição desta centralidade, como explica Lefebvre (1999), “a concentração sempre enfraquece e se rompe. É preciso, então, um outro centro”.

A partir disso, o autor, então, nos apresenta a ideia de policentralidade, uma ruptura do centro, onde há a tendência orientadora da constituição de centros diferentes, tanto para a dispersão como para a segregação (LEFEBVRE, 1999, p. 110). Este fenômeno foi acontecendo, inicialmente, nas grandes cidades, devido à desconcentração da função comercial a partir da criação de centros de troca mais periféricos que servem a determinadas áreas do espaço urbano ou que se aproveitam de uma situação na rede de fluxos cotidianos da cidade (CASTELLS, 1983, p. 321). Assim, alterou-se a configuração inicial das cidades, que passaram a ter mais de uma área central, e redefiniu o desenvolvimento urbano, pois,

Dependendo destes centros comerciais periféricos serem puramente funcionais ou se introduzirem no tecido das relações humanas, eles podem impulsionar o desenvolvimento urbano em duas vias diferentes. (...) A desconcentração geográfica da função comercial exprime, a nível da implantação, o desaparecimento do pequeno comércio, sua substituição pelas cadeias de grandes mercados, com divisão técnica social e espacial da gestão e da venda, padronização dos produtos e um espaço quadricular em termos de distribuição. (CASTELLS, 1983, p. 321).

O surgimento de novas centralidades dentro de uma mesma cidade tornou-se cada vez mais comum nas médias e grandes cidades, em especial nas cidades brasileiras que passaram por uma rápida alteração no meio urbano, principalmente a partir da segunda metade do século XX, quando empreendimentos como os SCs chegaram ao país e espalharam-se por todas as regiões.

Como foi explicado anteriormente, o primeiro SC do Brasil foi inaugurado em São Paulo, Estado brasileiro com melhores índices financeiros, confirmando a explicação de Pintaudi (1992, p. 29) sobre a importância da escolha da localização estratégica para a instalação destes empreendimentos para a reprodução do capital financeiro. Segundo a autora, “os lugares escolhidos (...) sempre implicaram situações estratégicas do ponto de vista espacial (geográfico). Os SCs não fogem a esta regra, e o êxito deste empreendimento é sempre atribuído à sua localização” (*ibid*).

Assim, os SCs tornaram-se elementos de grande influência no tecido urbano. Pode-se definir o tecido urbano como

O modo pelo qual se definem as relações entre espaços públicos e espaços privados, entre espaços de uso privado e de uso coletivo, sejam esses de propriedade pública ou de propriedade privada. (...) O tecido é, portanto, uma definição geométrica de relações de propriedade e uma definição social das formas de uso. É no tecido urbano que se concretizam as formas de desigualdade na apropriação e uso dos espaços, as formas de segregação social e apropriação dos valores econômicos produzidos pelo uso social. E se concretizam também os espaços de uso coletivo e suas formas de organização. (REIS, 2006, p. 59-60).

Para o autor, os espaços de uso coletivo são aqueles adequados para a organização de atividades coletivas (REIS, 2006, p. 62) e os SCs são um exemplo deste tipo de espaço, pois

essa coletivização adquire um caráter comercial, porém é um espaço de uso coletivo extremamente controlado, visto que impõe regras ao público frequentador deste espaço (REIS, 2006, p. 65).

Como o próprio nome indica, shopping center é um centro de compras (tradução livre). Um centro de compras surgido como um dos novos elementos integrantes do espaço das metrópoles, criado e instalado estrategicamente para atender camadas socioeconômicas específicas da nossa sociedade (PINTAUDI, 1992, p. 43). Onde é instalado, o SC promove a valorização das áreas circunvizinhas, aumentando o lucro de proprietários de terrenos próximos, e atraindo grupos específicos de pessoas, tornando-o um espaço de segregação (*ibid*).

De acordo com Santos Júnior (1992, p. 63), os SCs são considerados como o atual, e às vezes até principal, lugar de consumo, por isso são planejados e construídos pensando nos mínimos detalhes para influenciar o ato da compra nos consumidores. Além disso, segundo o mesmo autor,

Sua concepção busca recriar, na essência, um centro urbano idealizado e atemporal: aquele que concentra várias opções de consumo, tornando-se um ponto de referência da cidade tradicional e consagrando-se como um ponto de encontro, local de reunião. (...) A primeira delimitação do SC apresenta-se em relação à cidade. Constitui-se como uma cidade dentro da cidade, refletindo a segmentação da sociedade em classes. São espaços apartados, destinados aos que podem consumir, sem as perturbações causadas pela massa urbana sem posses e onde a ocorrência de eventos casuais característicos do viver urbano possa ser suprimida. (SANTOS JÚNIOR, 1992, p. 63).

Estas características estão presentes em todos os SCs, em maior ou menor intensidade, dependendo do público para o qual ele é destinado, e somente são possíveis pelo controle rigoroso destes empreendimentos sobre seu espaço, onde promovem uma harmonização dificilmente encontrada na dinâmica urbana geral (GAETA, 1992, p. 58). Assim, os SCs influenciam no surgimento de “novas condições de produção da forma urbana” a partir, por exemplo, da “criação de bairros residenciais, de novos centros de serviços e o aproveitamento das grandes vias de circulação” (*ibid.*).

Entretanto, Pintaudi (1992, p. 32) destaca que a instalação destes SCs promove alguns impactos consideráveis nas cidades, tanto no sentido territorial (desmatamento de áreas verdes, alteração no sentido de vias de circulação, aumento no fluxo de veículos e de pessoas, entre outros) como no sentido social (alteração na forma de consumir, fechamento de pequenos comércios vizinhos por conta da concorrência, segregação socioeconômica, entre outros).

Os SCs acabam produzindo novas identidades para os locais onde estão instalados, como explica Carlos (2007, p. 67):

A questão da produção da identidade na metrópole moderna passa pela construção de uma identidade abstrata movida pela constituição de valores novos - uma identidade

que se refere, cada vez mais, ao mundial – dentro dos parâmetros de constituição da sociedade urbana – em detrimento dos parâmetros locais fundados em uma cultura específica e diferenciada. Esses espaços atestam o movimento de passagem do ‘espaço de consumo para o consumo do espaço’, redefinindo a segregação espacial a partir do uso que atrai o consumidor diferenciado e constituindo uma ‘centralidade móvel’, associada a monofunção de lazer. É assim que os novos lugares de consumo se referem, ao mesmo tempo, ao consumo do lugar; (...) Esse processo revela a extensão, no espaço, do valor de troca tornando estes lugares razão e pretexto das reuniões de segmentos diferenciados da população. Assim se constitui, especialmente na metrópole, de um lado, o adensamento dos negócios constituindo os lugares concentradores das novas atividades econômicas, e de outro, a dispersão da sociedade num espaço fragmentado pelas estratégias dos empreendedores imobiliários associada a realização do valor de troca. (CARLOS, 2007, p. 67).

Apesar de ser essencialmente um centro de consumo, os SCs desenvolveram-se, também, como um centro de lazer a partir da demanda dos próprios consumidores. Propositamente, os SCs se tornaram ambiente de ócio, lazer e diversão, concentrando cada vez mais tipos de lojas e serviços e oferecendo atividades lúdicas, recreativas e culturais com o objetivo claro de atrair e incentivar a permanência e o consumo dos frequentadores (GRAÇA, 2012).

O processo de produção e reprodução urbana promoveu, principalmente nos grandes centros urbanos, um esvaziamento de locais antes utilizados para lazer e socialização, e, neste contexto,

O espaço público se transforma – esvaziando-se de sentido porque limita e coage os modos de apropriação – o uso das ruas, por exemplo, modifica-se profundamente e elimina os pontos de encontro e, com isso, rompe as possibilidades do próprio encontro, enquanto a expulsão de parte dos moradores e a mudança das funções das construções rompem com as antigas relações de vizinhança, propiciando a perda da sociabilidade. (CARLOS, 2007, p. 66).

Com isso, observou-se a apropriação de espaços privados para fins de lazer, como os SCs, por parte de alguns segmentos da população, fato que tornou estes empreendimentos um exemplo de espaço privado de uso coletivo, a partir da influência de toda segurança, conforto e comodidade já oferecidas nos SCs. Assim, lugares privados de lazer se tornaram maiores e mais presentes no cotidiano da população urbana, como os SCs, visto o esvaziamento dos antigos e tradicionais espaços públicos de lazer. Com este fenômeno, o lazer passou a ser tratado como mercadoria nestes espaços, criando um cenário no processo de reprodução da sociedade a partir do mundo da mercadoria, onde o consumo deixa de ser apenas de objetos e passa a ser, também, do espaço, o que acaba redefinindo o uso e o modo de organização do tempo de uso nestes espaços (CARLOS, 2007, p. 84).

Com um destaque cada vez maior no espaço urbano, o entendimento do espaço dos SCs se tornou um grande ponto de debate, visto ser um espaço privado, porém aberto ao público, como visto anteriormente. Segundo Gonçalves e Carneiro (2012), os SCs podem ser

considerados espaços privados com uma coletividade isolada. Outras autoras também chegaram a definir o que seria o espaço dos SCs: um espaço privado de uso coletivo (SPOSITO, 1998), espaço semipúblico (CARLOS, 2004) e espaço pseudopúblico (PADILHA, 2006). De maneira geral, os SCs são espaços privados, pois são construídos e administrados por uma empresa ou grupo empresarial, que oferecem serviços e atividades abertas ao público, e este pode transitar em seu interior, consumindo tudo ofertado nesse espaço. Vale destacar que o público para qual os serviços e atividades são ofertados dentro dos SCs é silenciosamente selecionado pelo padrão monetário, de maneira que o público-alvo destes empreendimentos já é bem definido desde a sua concepção.

Desta forma, os SCs se tornaram novas centralidades dentro do espaço urbano, por conta de toda a sua força atrativa de fluxos. Para além disso, Carlos (2007, p. 66) entende que podemos chamar estas novas centralidades de “móveis”, pois “se associam os novos espaços de lazer e o novo centro econômico com suas novas formas urbanas e multifuncionais”. Estrategicamente pensados para incentivar o consumo, seja de produtos ou do espaço, os SCs dentro do espaço urbano acabam, também, por influenciar no que Sobarzo Miño (2004, p. 111) chama de “raridade do espaço” dentro das cidades. O autor explica que este termo se refere à “estratégia por transformar, recriar, mudar formas e conteúdos de parcelas da cidade, para integrá-las no circuito da compra e venda, com vistas ao desenvolvimento ou consolidação de novos padrões de consumo de espaço para residências, lazer ou trabalho”.

O termo raro, neste contexto, se dá ao fato de o espaço ter se “tornado raro” para que ele passe a valer mais (LEFEBVRE, 1976, p. 107 *apud* SOBARZO MIÑO, 2004, p. 111), pois no espaço urbano essa raridade tem o sentido antônimo da palavra, espaços raros são, na verdade, espaços cada vez mais comuns nas grandes cidades por conta da repetição de padrões arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos (*ibid*).

O consumo e o lazer, principalmente no espaço urbano, vão ganhando novas formas, apesar de serem práticas antigas. Estas novas formas estão ficando cada vez mais predominantes e, talvez, em breve, sejam a principal forma de consumir, tanto produtos como espaços e lazer. A partir deste fenômeno, Caldeira (2000, p. 258) explica que estas novas formas surgidas nas cidades podem ser chamadas de enclaves fortificados, pois

Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão. São flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos

sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. Em outras palavras, em contraste com formas anteriores de empreendimentos comerciais e residenciais, eles pertencem não aos seus arredores imediatos, mas a redes invisíveis. (CALDEIRA, 2000, p. 258).

Por terem estas características, estes espaços tendem a ser direcionados e consumidos pelas classes mais altas da sociedade, com poder aquisitivo, um público mais homogêneo buscando frequentar espaços onde somente um seletivo grupo de pessoas se sentem confortáveis, evitando interações indesejadas e/ou os perigos e imprevisibilidades das ruas (*ibid*, p. 259). Para Sobarzo Miño (2004, p. 116), esta dinâmica, apesar de não se manifestar de maneira igual em todas as áreas, acaba por fragmentar o espaço urbano, visto que os enclaves, praticamente, não possuem relação com as áreas próximas, e também contribui para que haja uma hierarquização dos lugares.

Os SCs, diante disso, representam os novos espaços de lazer e consumo criadores de uma sociabilidade fragmentada que modificou o público, pois antes o lazer e o consumo eram buscados no centro das cidades, um centro único. Entretanto, nos dias atuais, as novas centralidades criadas pelos SCs fizeram os indivíduos circularem em espaços privados onde a sociabilização é reduzida, pois representam uma prática fragmentada feita para uma parcela da população (SOBARZO MIÑO, 2004, p. 123).

É possível observar estes fenômenos no espaço urbano de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, no Nordeste brasileiro, onde podemos encontrar os mais variados tipos de SCs. O primeiro SC do Ceará, o Shopping Center Um, foi inaugurado em 1974, em Fortaleza, no bairro Aldeota, área leste da cidade. Entretanto, até este período, esta área da cidade não era considerada nobre, isso porque a cidade possuía uma área central, onde estava concentrada a maior parte do comércio e onde o lazer nos espaços públicos atraía pessoas de todas as localidades. “O termo centro urbano designa ao mesmo tempo um local geográfico e um conteúdo social” (CASTELLS, 1983, p. 311), por isso o bairro chamado Centro, na cidade de Fortaleza, era muito frequentado pela população.

O Centro era o local onde era possível encontrar bens materiais e imateriais dificilmente encontrados em outros pontos da cidade, o que gerava um grande fluxo de pessoas direcionadas a este bairro. Por isso, a cidade de Fortaleza se caracterizava como uma cidade monocêntrica, por conta do processo de urbanização centralizador ocorrido no século XX (DANTAS, 2009, p. 213).

A partir da construção e consolidação de novos centros comerciais e de serviços nos chamados bairros nobres (Aldeota, por exemplo), como os SCs, a partir da década de 1970,

começou a se desenvolver na cidade novas centralidades, tornando Fortaleza uma cidade policêntrica, fazendo o Centro manter relações diferenciadas com os novos centros que estavam surgindo e também com o restante da estrutura urbana da cidade (DANTAS, 2009, p. 215).

Com isso, as classes mais ricas da cidade deixaram de frequentar o Centro, passando, então, a ser uma área desvalorizada. Com o crescimento populacional, como explica Costa (2009, p. 157), este núcleo central foi sofrendo cada vez mais com o adensamento, provocando uma seleção de atividades, com destaque para as atividades comerciais, e afastou a população mais abastada para outras áreas que já começavam a se destacar como área nobre. A cidade de Fortaleza, assim, passou a ser dividida em duas áreas distintas, como explica Dantas (2011, p. 51),

A bibliografia desta temática fala de uma cidade que se divide em duas: parte leste e parte oeste. A primeira caracteriza-se como zona de habitação nobre, na qual se concentram, cada vez mais, as atividades comerciais e administrativas. A segunda se reforça como lugar de habitação das classes menos abastadas (acompanhando a estrada de ferro e se concentrando ao lado das indústrias) e permanece completamente dependente do Centro. (DANTAS, 2011, p. 51).

No passado, o Centro da cidade era o principal local dos clubes elegantes, praças arborizadas, grandes casas de espetáculos, como o Theatro José de Alencar, e cinemas, ou seja, uma grande área de lazer (SILVA, 2009, p. 112). Entretanto, o que antes era um dos principais pontos de lazer das classes de maior poder aquisitivo de Fortaleza, foi sendo ressignificado ao longo do tempo e passou a ser local de consumo e circulação das classes de menor poder aquisitivo, diminuindo, assim, as áreas de lazer na cidade (DANTAS, 2011, p. 52). Ainda de acordo com Dantas (2011, p. 53), para suprir as reivindicações das classes mais pobres por lazer, a prefeitura de Fortaleza, a partir dos anos 1980, passou a construir polos de lazer para este segmento da população, em áreas como a da praia do bairro Barra do Ceará e nas praias do Futuro MARNIELLY.

A partir do final do século XX, novos SCs e novos locais oferecendo mais opções de serviços foram surgindo na cidade, criando novas centralidades onde se inseriram. Atualmente, segundo os critérios da ABRASCE (2021), existem 19 SCs no Estado do Ceará, sendo 14 deles na cidade de Fortaleza, embora existam novos não listados no site da Associação, fazendo deste número total de SCs no Estado do Ceará um pouco maior (TABELA 2).

Com o primeiro SC sendo construído no início dos anos 1970, nos anos seguintes o número de SC cresceu e promoveu, inclusive, a regionalização destes empreendimentos, primeiro dentro da própria cidade de Fortaleza, depois para a sua Região Metropolitana e para algumas outras cidades no interior do Estado (FIGURA 12 e 13).

**Tabela 2** – Shopping centers do Estado do Ceará

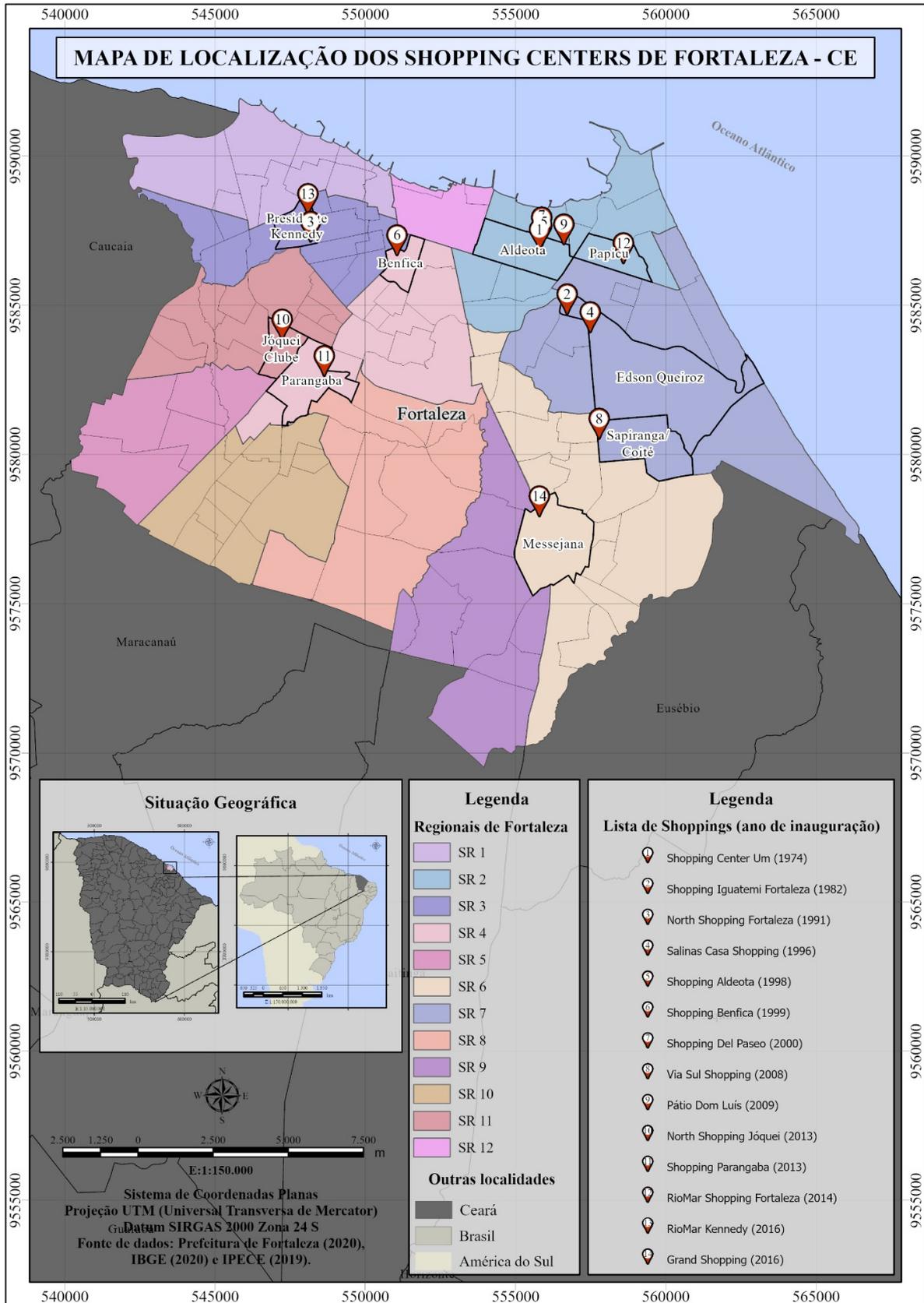
Cidade	Shopping center (ano de inauguração)
Fortaleza	Shopping Center Um (1974); Shopping Center Iguatemi Fortaleza (1982); North Shopping Fortaleza (1991); Salinas Casa Shopping (1996); Shopping Aldeota (1998); Shopping Benfica (1999); Shopping Del Paseo (2000); Via Sul Shopping (2008); Pátio Dom Luís (2009); North Shopping Jóquei (2013); Shopping Parangaba (2013); RioMar Shopping Fortaleza (2014); RioMar Kennedy (2016); Grand Shopping (2016);
Juazeiro do Norte	Cariri Garden Shopping (1997);
Maracanaú	North Shopping Maracanaú (2003);
Caucaia	Iandê Shopping Caucaia (2012); Outlet Premium Fortaleza (2014);
Sobral	Sobral Shopping (2013);
Eusébio	Shopping Eusébio (2014).
Maranguape	Maranguape Shopping Mall (2015);
Pacajus	Viramar Shopping Center (2020);

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Existem outros SCs em Fortaleza e em outras cidades do Ceará não listados pela ABRASCE, seja por não atender aos critérios da Associação para ser considerado de fato um shopping, seja por não ter o selo de associado a ela, como o Viramar Shopping Centers (em Pacajus) e o Maranguape Shopping Mall (em Maranguape), por isso o total de SCs pode ser ainda maior.

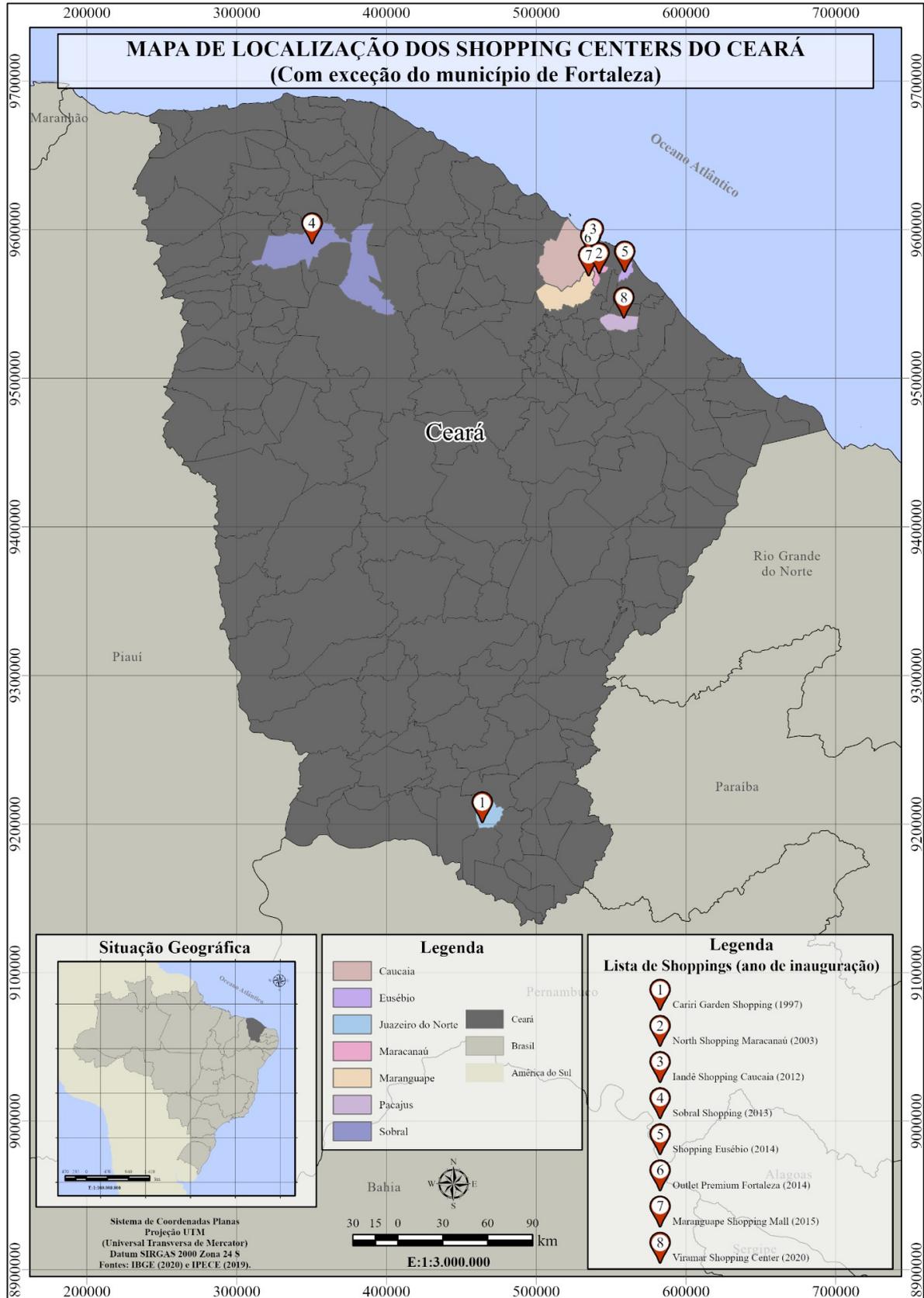
A ampliação da presença dos SCs em Fortaleza seguiu a lógica da produção e reprodução do espaço urbano, influenciado pelo alto custo da terra urbana e pela escassez de lotes para grandes estabelecimentos nas áreas já muito ocupadas, fazendo os investidores começarem a procurar grandes vazios cujo preço do lote era bem inferior (SILVA, 2009, p. 123-124).

Figura 12 – Mapa de localização dos Shopping Centers em Fortaleza – CE



Fonte: Elaborado pela autora.

**Figura 13 – Mapa de Localização dos Shopping Centers do Ceará**  
(Com exceção do município de Fortaleza)



Fonte: Elaborado pela autora.

Um exemplo disso na capital cearense é o Shopping Center Iguatemi Fortaleza, construído em uma área de mangue, próximo ao Parque do Cocó (parque natural), a partir do aterro e da terraplanagem da área, elevando o nível de várzea do Rio Cocó (*ibid*, p. 124) e influenciando na infraestrutura urbana, visto que túneis e avenidas foram construídos e/ou revitalizados para facilitar o acesso ao Shopping, algo muito comum nas proximidades de vários outros empreendimentos deste tipo na cidade.

A forte presença dos SCs representou, também, uma forte concorrência para os antigos e tradicionais locais de lazer na cidade, como praças, praias e outros locais de lazer público. Com destaque para os espaços públicos, foi observado o esvaziamento nestes locais, pois muitas pessoas acabaram por preferir a comodidade e a segurança oferecidas pelos SCs. Além disso, os SCs se tornaram um novo lócus de sociabilidade dentro da cidade, atraindo diversos públicos, desde jovens até idosos.

### **3.3 Shopping Centers de Fortaleza – CE como espaço de lazer para idosos: dinâmicas e estratégias**

Os SCs, ao longo do tempo, foram ganhando papel de destaque na capital cearense, primeiro como centro de compras, onde são encontradas as principais lojas e marcas nacionais e até internacionais. Com o desenvolvimento da cidade, o crescimento urbano, aumento no fluxo de pessoas e veículos, além do aumento da insegurança em ambientes públicos, os SCs se tornaram espaço de lazer para uma parte da população. Assim, com a demanda cada vez maior por lazer nestes ambientes, os SCs seguiram a tendência já observada em outros locais, passando a ofertar atividades e espaços de lazer para o público.

Inicialmente, a população jovem representava o principal foco das ações de lazer em SCs, mas com o envelhecimento populacional e a presença cada vez mais crescente dos idosos nesses empreendimentos, os responsáveis pelo setor de lazer nos SCs já vêm começando a dar atenção para este público, algo antes não comum. Assim, o lazer para idosos em SCs vem se tornando mais necessário. Os SCs, lugar de tendências, modernidade, começam a abrir novos espaços para o público idoso, para garantir que estes consumidores em potencial se sintam à vontade em frequentar estes empreendimentos.

Pensando nisso, foram elaboradas uma sequência de pontos para serem observados em alguns empreendimentos de Fortaleza (APÊNDICE A) e uma entrevista (APÊNDICE B), tendo como público-alvo os gestores ou responsáveis pelo setor de lazer nos SCs. A partir do total existente na capital cearense (14), foi estipulada uma amostra de 30% deles para serem analisados e realizadas as entrevistas a fim de se obter as informações desta pesquisa.

A escolha dos SCs se baseou na localização em bairros com quantidades elevadas ou muito elevadas de população idosa na cidade de Fortaleza (como mostrado no mapa da página 47). Foram feitas visitas em dias da semana e turnos diferentes durante cerca de um mês para a observação de alguns aspectos no espaço. As entrevistas foram feitas de maneira virtual, por conta da pandemia da COVID-19 e, também, por conta da agenda de compromissos dos entrevistados. Tanto os SCs analisados por meio das observações como os participantes da entrevista não terão seus nomes divulgados e, quando necessário, serão identificados como SC 1, SC 2, SC 3 e SC 4, ao longo deste tópico.

Assim, entre junho e julho de 2021, as visitas aos SCs escolhidos foram feitas e foi possível observar uma série de considerações sobre a questão do lazer e sobre os idosos neste tipo de empreendimento. O primeiro ponto observado em cada SC foi se existe algum tipo de espaço destinado ao idoso. Nos SCs 1 e 4, não havia nenhum tipo de espaço específico destinado

a idosos. No SC 2, antes da pandemia, havia um espaço, como uma sala ampla, destinada para atividades como artesanatos e oficinas para idosos, porém, durante a pandemia, este espaço foi substituído e, atualmente, funciona como uma sala voltada para artesanatos direcionada a todas as faixas etárias. No SC 3, também havia um espaço voltado para artesanatos de idosos, mas, diferente do SC anterior, os artesanatos não eram feitos neste espaço, funcionava como uma espécie de loja. Nenhum idoso foi visto nestes espaços dos SCs durante a observação.

Fora os destacados, não havia nestes SCs outros espaços dedicados ao público idoso. Seguindo os pontos de 2 a 5 do roteiro de observação, pode-se tirar algumas conclusões sobre o motivo disso. Em todos os SCs visitados, havia a presença de idosos frequentando os ambientes, principalmente as praças de alimentação e outros espaços de convivência, fazendo compras ou buscando algum serviço, como atendimento médico ou pagamento de boletos.

Foi possível observar no SC 1 uma grande presença de idosos em todos os momentos de observação e é interessante destacar que em seu interior, era perceptível a quantidade de lojas e serviços tendo como público-alvo os idosos, tais como: diversas clínicas dos mais variados tipos, farmácias, áreas de massagens, lojas de colchões e travesseiros, lojas de consertos de roupas, relógios e calçados, quiosques e lojas de alimentos sem lactose, sem açúcar ou sem glúten, lojas de artigos religiosos e produtos naturais.

A maior parte dos idosos vistos em todos os SCs visitados, ao longo do período de observação da pesquisa, frequentavam os SCs no período da manhã e da tarde, com mais destaque para o período da tarde, e nos dias de semana (segunda a sexta-feira). Coincidentemente, são os períodos menos agitados dentro dos SCs. Muitos destes idosos estavam acompanhados por familiares mais novos, amigos/parentes da mesma faixa etária ou sozinhos, fazendo compras, acompanhando crianças em espaços de lazer, comendo na praça de alimentação (FIGURA 14) ou conversando em espaços de convivência.

Quanto ao gênero, observou-se um número equilibrado de homens e mulheres. A maior parte das idosas faziam compras acompanhadas, utilizavam serviços ou descansavam em alguma área de convivência. Já os idosos, em sua maioria, acompanhavam outras pessoas em atividades de lazer, utilizavam serviços (clínicas, lotéricas, lojas de conserto) ou comiam na praça de alimentação.

Por conta do contexto da pandemia, os SCs 2, 3 e 4 ainda não estavam com programações culturais ou sociais voltadas para o público idoso durante o período de observação. Algumas programações culturais divulgadas eram para o público infanto-juvenil. No SC 1, havia algumas programações musicais e feira de artesanatos marcadas (FIGURA 15),

não havia faixa etária definida, porém este foi o SC onde mais se observou a presença de idosos, logo, seriam os principais (possíveis) participantes destas programações.

**Figura 14** – Praça de Alimentação de um dos Shopping Centers visitados



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

A maior parte da divulgação das atividades culturais e sociais nos SCs se dá por meio das redes sociais e de cartazes fixados dentro do próprio SC. Assim, somente quem tem acesso à internet ou frequenta (ou conhece algum frequentador) os SCs conseguem ter conhecimento sobre estas programações. Por isso, para muitos idosos que frequentam poucas vezes ou não têm acesso às redes sociais, possivelmente, estes eventos passam despercebidos.

Dentro dos ambientes dos SCs, foi possível perceber uma grande interação dos idosos com elementos e atividades voltadas para o público mais jovem, como frequentar cinemas ou utilizar áreas destinadas para fotos. A convivência com pessoas das mais variadas idades é intensa, mesmo não sendo proposital; isso acaba por aproximar os idosos da juventude e de seu estilo de vida. Por fim, foi observada a questão da acessibilidade, interna e externa, dos SCs.

Internamente, todos os SCs visitados têm ótimas estruturas, com espaços amplos e bem sinalizados. Em alguns corredores de um deles (SC 3) entretanto, foi possível observar o

piso deslizante, o que pode ser um risco para os idosos. Apesar disso, todos contam com diversas escadas rolantes, elevadores, rampas (FIGURAS 16 e 17) e vagas de estacionamento reservadas. A acessibilidade não é apenas para idosos, mas também para pessoas com deficiência.

**Figura 15** – Cartazes de divulgação da programação do Shopping Center



Fonte: Acervo pessoal da autora.

**Figuras 16 e 17** – Estrutura interna de Shopping Centers de Fortaleza



Fonte: Acervo pessoal da autora.

As entrevistas realizadas com os gestores/responsáveis pelo setor de lazer nos SCs aconteceram após o período de observações, cuja os pontos observados estão organizados na

tabela abaixo para melhor visualização (TABELA 3). Dos quatro SCs escolhidos para a observação e para as entrevistas, somente dois deles participaram da etapa da entrevista; o SC 3 não conseguiu participar em tempo hábil para a pesquisa, porém uma parte das informações que seriam coletadas pela entrevista estão no site do SC, então, serão relatadas ao longo do texto juntamente com as respostas dos SCs 1 e 2; e o SC 4 não respondeu a nenhuma das tentativas de contato.

**Tabela 3 - Síntese das observações**

PONTOS OBSERVADOS	SC1	SC2	SC3	SC4
1. há um espaço destinado ao idoso.	■	■	■	■
2. há idosos frequentando o shopping.	■	■	■	■
3. há idosos frequentando o espaço do idoso.	■	■	■	■
4. o que os idosos costumam fazer no shopping.	Compras, socialização e serviços.			
5. em quais ambientes costumam ter mais idosos.	Praça de alimentação, espaços de convivência ou serviços			
6. os idosos estão sozinhos ou acompanhados.	Acompanhados			
7. há atividades previstas no shopping para o público idoso.	■	■	■	■
8. existe divulgação do espaço do idoso ou das atividades voltadas para este público.	■	■	■	■
9. tem mais homens ou mulheres idosas frequentando.	Mulheres			
10. há interação entre as gerações.	■	■	■	■
11. há acessibilidade interna para o público idoso.	■	■	■	■

Sim  
 Sim, mas estava desativado/não havia no momento  
 Não

Fonte: elaborado pela autora.

A primeira pergunta tratava sobre a faixa etária, escolaridade e bairros de residência dos idosos frequentadores dos SCs. O SC 1 não possuía estas informações; o SC 2 relatou que, por meio de informações coletadas através de formulários internos anteriores, a faixa etária dos idosos que frequentam seus ambientes varia entre 60 e 80 anos, sendo a maioria mulheres, residentes nos bairros do entorno dos empreendimentos; ambos SCs não possuíam informações sobre a escolaridade dos idosos frequentadores.

A proximidade de um SC da residência pode ser um fator decisivo para o idoso frequentar tal ambiente, pois é nesta faixa etária que problemas de mobilidade podem começar a aparecer e ter um SC próximo pode ser mais atrativo para visitas e consumo. Além disso, o fato de mulheres idosas frequentarem mais os SCs do que homens idosos nos mostra o público feminino sendo, em todas as idades, o mais atraído pelos serviços, produtos e facilidades de um SC; grande parte das lojas e serviços oferecidos nos SCs são claramente voltados para este público.

A segunda pergunta abordava as atividades ou setores dos SCs mais frequentados pelos idosos. O representante do SC 1 relatou a busca de idosos por, em sua maioria, serviços

variados, como supermercado, farmácias, salão de beleza, lotérica ou consumo na praça de alimentação. Mais uma vez o público feminino se destaca.

O SC 2 relatou que, desde a sua inauguração, a presença de idosos nas dependências do empreendimento vem crescendo ano a ano. Em 2016, foi criado o Espaço Mais Idade, ativo até antes do início da pandemia, onde eram desenvolvidas atividades inclusivas como uma forma de contribuir para a socialização e bem-estar dos moradores idosos do entorno do SC. Assim, os participantes tinham a chance de conhecer novas pessoas e aprimorar habilidades com programações culturais ocorridas semanalmente e incluíam oficinas e cursos de artesanatos, bordado, crochê, limpeza de pele, corte de cabelo e aula de dança. Era uma forma de o SC contribuir para uma ressignificação do envelhecimento, com mais qualidade de vida e inclusão social para os idosos participantes. Desde o início da pandemia, este espaço está fechado e sem previsão para ser reaberto.

Além disso, o SC oferece diversas atividades de entretenimento, onde se destaca a grande presença de um fiel público idoso no chamado Humor na Praça (shows de humor gratuito na praça de alimentação às terças-feiras). Este público também busca bastante serviços oferecidos pelo SC, como lotérica, supermercado, clínicas médicas, órgãos públicos e lojas. No SC 3, os idosos encontram bastante serviços oferecidos, marcam presença nos eventos culturais, de entretenimento, musicais e de saúde que ocorrem ao longo do ano. Além disso, existem exposições de arte disponíveis, espaços de convivência e praça de alimentação, onde é possível observar a presença de idosos.

A terceira pergunta feita buscava saber se já era possível perceber um aumento no número de frequentadores idosos nos SCs e quais dias da semana este público se fazia mais presente. Todas as respostas foram similares, o público idoso frequenta mais os SCs em dias da semana (de segunda a sexta-feira), durante o horário comercial, principalmente entre o fim da manhã e o período da tarde; assim, as respostas estavam de acordo com o observado durante as visitas aos SCs. O SC 2 destacou, além disso, que neste momento não está sendo possível mensurar estes dados como antes por conta do cenário de pandemia e das orientações sanitárias ainda vigentes.

A quarta pergunta feita buscava informações sobre a existência de espaços/ações/projetos voltados para o lazer de idosos. O SC 1 relatou que as principais ações voltadas para o público idoso são para o âmbito da saúde, como postos de vacinação, posto do

Hemoce, espaço para teste de glicemia e aferição de pressão arterial; e também voltado para o âmbito religioso, como missas realizadas dentro do empreendimento.

O SC 2 destacou que, além do Espaço Mais Idade, possui uma parceria com o Instituto João Carlos Paes Mendonça de Compromisso Social (IJCPM) para a realização, anualmente, de uma ação social em prol de idosos institucionalizados em abrigos do entorno do SC. Intitulada “Um Sonho pra Chamar de Meu”, a campanha convida clientes e a sociedade para adotarem cartinhas de 'vovôs' e 'vovós', que escrevem seus pedidos ao Papai Noel, e a concretizarem esse desejo. Os pedidos envolvem desde bens materiais até simples gestos afetivos, como uma visita ou um abraço, destacou o SC 2. Já foram realizadas 5 edições, atendendo mais de 500 idosos, na faixa etária de 65 a 90 anos, do Abrigo Olavo Bilac e do Lar Torres de Melo (ambos em Fortaleza). Esta ação, inclusive, garantiu ao SC uma certificação de Instituição Amiga do Idoso, em 2017, entregue pela Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social (STDS), do Governo do Estado do Ceará.

Além disso, o SC 2 conta com o chamado “Senhor Desconto”, um clube de vantagens, voltado, exclusivamente, para idosos a partir de 60 anos. A iniciativa oferece benefícios de descontos em lojas cadastradas do SC e foi pensada, especialmente, para este público e seu consumo no empreendimento. Há também no SC 2 um outro espaço dedicado ao público idoso chamado “Senhor Espaço”, um local voltado para convivência e troca de experiência, onde é disponibilizado pebolim, TV, jogos e área de socialização para cronograma de atividades guiadas, entretanto, as atividades neste espaço também estão suspensas desde o início da pandemia.

O SC 3 destaca no site alguns projetos/ações realizadas em seu interior com intensa participação de idoso ou voltadas, exclusivamente, para este público. O Projeto Fábrica do Bem oferece oficinas gratuitas de artesanatos com materiais reciclados; o Projeto Fique Bem realiza atividades físicas de baixo impacto com um educador físico, duas vezes por semana; e o Projeto Viver Bem, voltado, especificamente, para o público idoso, com reuniões mensais, entretenimento e descontos especiais para os participantes.

A quinta pergunta, sobre planos para novos espaços, ações ou projetos voltados para o lazer de idosos dado o cenário de envelhecimento populacional no Brasil, foi respondida pelo SC1 e o SC2. Ambos responderam que, no momento, a atenção está voltada para a retomada segura das atividades para todas as idades dentro do ambiente de cada SC, porém seguirão buscando opções e possibilidades de lazer com olhar especial para o público idoso.

A sexta pergunta foi sobre as estratégias existentes para atrair/manter a frequência do público idoso nos SCs. No SC1, a principal estratégia é manter os projetos e continuar com

as ações existentes para melhor servir ao público idoso. No SC2, com a grande oferta de atividades e serviços, a estratégia é sempre agregar valor na experiência do público idoso e, atualmente, ampliar cadastros e benefícios oferecidos. Mesmo com a dificuldade de contato com os responsáveis pelo setor de lazer dos outros SCs procurados para esta pesquisa, não atendendo às solicitações de entrevista ao longo dos meses em que foram procurados, foi possível entender a lógica e as estratégias deste tipo de empreendimento para o público idoso a partir das respostas dos SCs entrevistados. Em geral, o envelhecimento populacional já começa a ser sentido neste setor, dada a presença e frequência cada vez maior de idosos.

Os idosos frequentam os SCs nos horários menos movimentados, mas isso não quer dizer que não haja contato intergeracional. Os jovens e adultos ainda são maioria no público frequentador de SCs, então sempre vão haver pessoas de várias faixas etárias no ambiente. Assim, os idosos conseguem observar, ter contato com o estilo e o modo de vida de pessoas mais jovens; essa é uma possibilidade de o idoso se manter atualizado das novidades sociais e tecnológicas. Essa proximidade com outras gerações, dos mais variados estilos, pode trazer ao idoso um sentimento de pertencimento à sociedade, melhorando a autoestima e a convivência com as novas tendências que sempre surgem.

O ambiente dos SCs é convidativo, toda a estrutura foi feita e pensada para passar ao consumidor a sensação de conforto e segurança não mais encontrada em vários pontos das cidades, pontos estes que, em alguns casos, eram locais de lazer e socialização nos tempos de juventude de muitos idosos. Por isso, os SCs já conseguem perceber o aumento deste público em seus espaços; e não somente para idosos, os SCs se tornaram um local de passeio e socialização para todas as faixas etárias. Assim, cada vez mais, novas atividades e facilidades vêm sendo implementadas nos mais diversos SCs da cidade ao longo dos anos para manter a frequência dos consumidores.

Para os idosos, isso é ainda mais atrativo, pois, como foi visto ao longo das entrevistas, são oferecidos diversos benefícios visando facilitar e estimular ainda mais a presença de pessoas idosas nos SCs. Os fatores proximidade e acessibilidade são essenciais para os idosos. A maior parte do público idoso de cada SC, de acordo com as entrevistas, são residentes dos bairros adjacentes. É sabido, como apontam os estudos feitos para esta pesquisa, que existe um público-alvo em cada SC, de acordo com a renda. Apesar de ser um espaço aberto ao público, não é um espaço destinado para qualquer público; então, a partir das observações, foi possível perceber qual classe social frequenta mais cada SC, dependendo da localização de

cada um. Naqueles localizados nos bairros mais nobres, foi possível observar que haviam mais idosos frequentando comparado à presença em SC de bairros de classe média, por exemplo.

Com todo o estudo feito, é possível tecer algumas explicações para estas diferenças, como: nos bairros mais nobres, a qualidade e condição de vida é melhor, então os idosos destes bairros têm mais facilidade de acesso a serviços de saúde de melhor qualidade e podem ser exemplos de idosos que mantêm uma vida saudável e ativa por mais tempo, além disso, podem possuir uma rede de apoio familiar mais ampla frente a outros bairros. Já nos bairros de classe média, todos os fatos citados acima podem (ou não) existir em níveis menores, comprometendo a facilidade e a vontade dos idosos de frequentar espaços como os de SCs. Nos bairros mais pobres da cidade, que não possuem e são mais distantes dos SCs, a situação pode ser ainda mais destoante e, nesse caso, os SCs, para muitos idosos destes bairros, não devem ser ou não são cogitados como uma possibilidade de espaço de lazer disponível.

Entretanto, em uma realidade onde o envelhecimento populacional já é certo, os SCs já estão começando a pensar e criar ações e projetos que envolvam e atraiam, cada vez mais, o público idoso. Em um futuro próximo, os idosos serão um público ainda mais considerável nos SCs e, como foi observado ao longo da pesquisa e das entrevistas, os SCs já começaram a montar estratégias para eles. Já existem no quadro de atividades, ações e projetos voltados para idosos nos SCs, pensados para estimular, além do consumo, a inclusão social, o envelhecimento ativo, autonomia e qualidade de vida. Atualmente, já são encontrados em muitos SCs da cidade atividades que se enquadram nos mais variados tipos de lazer estudados nesta pesquisa, trazendo benefícios comprovados para uma melhor vivência da velhice.

Durante a pandemia da COVID-19, iniciada no ano de 2020, os SCs passaram bastante tempo fechados, como uma forma de evitar aglomerações, e os idosos, um dos maiores grupos de riscos desta doença, foi aconselhado a ficar em casa e evitar contato com muitas pessoas. Assim, no momento atual, os SCs caminham para voltar ao cenário existente antes da pandemia e para, desta forma, reiniciar estratégias e pensar nos próximos passos.

A tendência observada é a de que os idosos terão mais espaços, serviços e ações dentro dos SCs nos próximos anos. Isso contribuirá para o fluxo de idosos neste tipo de ambiente ser mais intenso e influenciar outros aspectos da sociedade, fazendo com que o envelhecimento ativo seja mais estimulado entre as pessoas, contribuindo para um contato maior entre as mais diferentes gerações, difundindo o direito dos idosos e estimulando o respeito àqueles com tantas histórias e conselhos de vida valiosos para os mais jovens.

## 4 CONCLUSÃO

Em uma realidade onde o envelhecimento da população vem crescendo, ações e estudos sobre as possibilidades e consequências em torno disto são essenciais. Já é possível observar no Brasil os primeiros sinais desta mudança em nossa pirâmide etária. Em um curto período de tempo, nossas principais taxas demográficas tiveram drásticas alterações e as projeções para o futuro já nos avisam: a população brasileira está envelhecendo.

Desde o final do século passado, as taxas de natalidade, mortalidade e fecundidade vêm caindo. Diversos motivos explicam tal queda nestas taxas, desde motivos culturais a motivos econômicos. O acesso a métodos contraceptivos, inserção da mulher no mercado de trabalho, melhoria nas condições de saúde pública e saneamento básico, dentre muitos outros pontos podem ser apontados como freios para as taxas demográficas brasileiras. Ao mesmo tempo, a expectativa de vida no país vem crescendo ano a ano, reflexo das mudanças socioeconômicas e comportamentais da população.

Vale lembrar que estas alterações não ocorreram de maneira igual em todo o país, afinal, o Brasil é um país de proporções continentais e a desigualdade entre as regiões sempre existiu. Assim, este processo de alterações nas taxas demográficas ocorreu primeiro nas regiões mais ricas e, dentro destas regiões, entre a população mais abastada. Progressivamente, a pirâmide etária de cada uma das outras regiões foi se alterando.

Observando as projeções para o futuro, o envelhecimento populacional no Brasil será marcado pela feminização, pois a tendência é o número de mulheres idosas ser maior que o número de homens idosos. Um dos principais motivos para isso é o fato de que as mulheres tendem a ser mais cuidadosas com a saúde do que os homens, fazendo elas viverem mais. Outra tendência do envelhecimento populacional no país é o aumento da dependência de idosos sobre a população economicamente ativa.

Com a queda nas taxas de natalidade e fecundidade, em um futuro não tão distante, a população idosa será maior que a população infantil, um cenário de estreitamento da base e ampliação do topo da nossa pirâmide etária. Isso trará inúmeras consequências para o país, pois estes idosos dependerão da população adulta para garantir seus direitos, já que é a população economicamente ativa movimentadora da economia e garantidora da geração de impostos necessários à manutenção dos serviços públicos.

Os gastos com saúde pública e previdência serão ainda maiores, enquanto os gastos com educação, por exemplo, poderão ser reduzidos, por conta da diminuição no número de crianças, o que por um lado poderá representar uma educação de melhor qualidade no país. Por

isso, ações contribuintes de um bom funcionamento socioeconômico do país no futuro já vêm acontecendo.

Algumas leis e ações já foram criadas, em diversos níveis (municipal, estadual e federal), como por exemplo a Política Nacional do Idoso; são direitos já adquiridos que garantem a dignidade de muitos idosos brasileiros. Para o futuro, algumas mudanças e implementações precisam ser feitas, algumas delas já vêm acontecendo. A Reforma da Previdência de 2019, por exemplo, trouxe uma série de alterações no futuro da aposentadoria no país, como mudanças no tempo de contribuição e na idade mínima para se aposentar. Mesmo envolta em polêmicas por conta de algumas mudanças drásticas em alguns pontos delicados, a Reforma foi aprovada e já entrou em vigência.

No Ceará, com destaque para a capital Fortaleza, o envelhecimento populacional pode ser observado analisando e comparando os dados demográficos do passado e os atuais. Espacializando os idosos em Fortaleza, observamos uma grande concentração nos bairros com maior densidade demográfica e/ou bairros de classes mais altas. Os investimentos em saúde, saneamento básico e infraestrutura foram os principais motivos desta concentração nestas áreas.

A qualidade de vida dos idosos se tornou um tema bastante discutido na sociedade na busca de ampliar e melhorar as condições de vida do idoso no Brasil. Além da saúde, previdência e infraestrutura, o lazer também ganhou destaque, pois representa um importante fator para um envelhecimento ativo e saudável. O lazer passou a ser considerado um direito oficial no Brasil após a Constituição de 1988 e, de lá para cá, muita coisa mudou.

Para entender a importância do lazer para o idoso, é necessário entender o que é o lazer. De maneira geral, é o tempo dedicado para o divertimento ou relaxamento entre período de trabalho. Para os idosos, com a chegada da fase da aposentadoria, o tempo para o lazer se amplia e diversas possibilidades surgem. Existem diversos tipos de lazer, definidos por importantes estudiosos do tema, e cada tipo possui uma finalidade que pode garantir ao idoso uma vida mais ativa, física e/ou mentalmente.

Por isso, o envelhecimento ativo ganhou destaque e, em muitos países, é tido como meta a ser alcançada. Envelhecer ativamente pode garantir ao idoso uma maior longevidade, autonomia, qualidade de vida e a possibilidade de se manter inserido na sociedade, além disso manter o corpo e a mente ativos, mesmo na velhice, evita ou adia o surgimento de problemas de saúde. A inclusão social dos idosos pode evitar uma série de outros problemas comuns nesta fase da vida, como o isolamento e a depressão, por exemplo. Inserir as pautas do envelhecimento ativo na sociedade incentiva os idosos a buscar novas atividades e estimula o respeito entre as gerações, que podem conviver praticando a mesma atividade.

O lazer em Fortaleza passou por diversas mudanças ao longo do tempo. Em um passado não tão distante, as praças, clubes e equipamentos públicos de lazer eram muito frequentados, principalmente pelas classes mais ricas. Os festejos religiosos e a tradicional conversa na calçada também eram muito comuns. Nos dias de hoje, este cenário se alterou devido às mudanças na sociedade e na cidade. Destacando o lazer para idosos, foco deste trabalho, Fortaleza possui alguns projetos e ações voltadas para este público, como “Fortaleza – Cidade Amiga dos Idosos” e o projeto “Saúde, Bombeiros e Sociedade”, ambos promovem um envelhecimento ativo, inclusão social e socialização entre os participantes.

O Centro da cidade, antes considerado o principal espaço de lazer para as classes abastadas da população, se tornou um lugar focado no comércio e bastante ocupado pelas classes mais pobres. Isso acabou contribuindo para o afastamento da população mais rica para outras áreas da cidade, criando, assim, novos locais de lazer. Muitos destes locais são privados, como os Shopping Centers (SC), que se tornaram um espaço de lazer de destaque na cidade.

A relação entre o consumo e o lazer foi sendo construída ao longo do desenvolvimento do capitalismo no mundo e foi potencializada com o surgimento dos SCs. O advento dos novos meios de comunicação difundiu, por meio da publicidade e do marketing, a ideia de que o lazer poderia ser consumível, como um produto a ser comprado. Assim, acabou surgindo uma diferenciação do lazer: lazer ativo, praticado, e o lazer passivo, consumido. Com um grande potencial atrativo para o consumo, os SCs desenvolveram suas atividades para serem considerados centro de lazer, concentrando em um só lugar as duas atividades e convertendo, em muitos casos, o ato de consumir em uma atividade de lazer.

Equipamentos presentes em muitas cidades médias e grandes no mundo todo, os SCs são, atualmente, um dos principais representantes do capitalismo no meio urbano. Desde seu surgimento, o comércio passou por transformações, antes eram apenas ruas comerciais, evoluindo para galerias comerciais e chegando aos SCs atuais. O primeiro SC surgiu nos EUA, em um momento onde o consumo estava cada vez mais incentivado na sociedade estadunidense. A criação de um estacionamento nestes equipamentos foi essencial para que eles se destacassem e se espalhassem por todo lugar.

No Brasil, o primeiro SC foi instalado em São Paulo, estado possuidor, até hoje, do maior número de SCs do país, garantindo também à Região Sudeste o título de região com maior número de empreendimentos deste tipo. No Ceará, a primeira cidade a receber um SC foi Fortaleza, até hoje a cidade com o maior número de SCs do Estado. Aos poucos, outras cidades cearenses foram recebendo seus primeiros SCs.

Os SCs têm um grande poder de atrair fluxos de pessoas e onde se instalam promovem algumas alterações no meio urbano. Instalados estrategicamente em local pré-definido e planejados para passar ao consumidor uma sensação de conforto e segurança e estimular o consumo, os SCs aparecem como um ponto central dentro de uma cidade. Assim, onde estão instalados, os SCs criam uma nova centralidade.

Apesar de serem um espaço privado aberto ao público, nem todos são considerados bem-vindos como frequentadores desses ambientes, existem classes sociais específicas para quais os SCs são destinados, logo, cria-se uma hierarquização dentro do espaço urbano, com locais destinados para os ricos, onde os pobres não são aceitos.

Em Fortaleza, à medida que a cidade crescia, foi possível observar o papel dos SCs na criação de novas centralidades em seu espaço urbano. O Centro de Fortaleza é a principal área da cidade, onde as classes mais altas moravam e se dirigiam em busca de lazer e outras atividades, logo, a capital cearense era uma cidade mononuclear. Com o afastamento da população mais rica para outras áreas, por conta da presença da população pobre que começou a ocupar o Centro, novas áreas nobres surgiram e, em uma delas, foi instalado o primeiro SC da cidade.

Desde então, novos SCs surgiram em Fortaleza e foi possível observar a criação de uma nova centralidade em cada área onde eram instalados. Algumas áreas ainda possuem mais influência que outras, de acordo com a importância e prestígio do SC ou do bairro na cidade. No entorno dos SCs, os fluxos de pessoas e veículos são intensos, em muitos casos, obras foram feitas para facilitar o acesso a essas áreas, como no entorno do Shopping Iguatemi Fortaleza e a construção de uma Estação do Metrô de Fortaleza, com saída na calçada do Shopping Benfica.

A facilidade de acesso é uma das características atraentes do público consumidor, de jovens a idosos. Durante a pesquisa para este trabalho, alguns SCs de Fortaleza foram observados e alguns responsáveis pelo setor de lazer destes SCs, um dos focos deste trabalho, foram entrevistados. Os resultados em cada uma dessas etapas se complementaram e forneceram uma boa visão da atual relação entre SC, lazer e idosos em Fortaleza.

Ao longo das observações, foi possível perceber a presença do público idoso feminino sendo superior ao masculino e que a maior parte dos idosos frequentadores de SCs fazem isso em dias da semana e no período da manhã ou da tarde, com destaque para o período da tarde. Por mais que os SCs representem uma forma de contato intergeracional entre jovens e idosos, estes ainda procuram horários menos movimentados nestes ambientes. Muitas das atividades e espaços direcionados a este público acontecem e funcionam neste horário mais frequentado por eles.

Sobre isso, nem todo SC visitado possuía um espaço voltado para o público idoso, mas todos possuíam algum tipo de ação ou projeto voltado para ele. Alguns SCs se destacaram com espaços oferecendo oficinas, cursos e a possibilidades de socialização entre os participantes, algo bastante benéfico para a saúde mental dos idosos e contribuinte para a difusão do envelhecimento ativo.

A maior parte das atividades direcionadas para o público geral e para os idosos nos SCs é divulgada por meio de cartazes fixados em pontos estratégicos no interior de cada estabelecimento ou por meio de redes sociais. Logo, os idosos que já costumam frequentar os SCs têm mais chances de ter conhecimento da programação frente aos que ainda não têm esse costume, pois muitos idosos têm dificuldades com os meios tecnológicos. Uma possível solução para isso seria um local ou projeto dentro dos SCs fornecendo dicas ou oficinas sobre o mundo tecnológico e as redes sociais; os tutores poderiam ser jovens, promovendo, assim, o contato entre as diferentes gerações e a troca de experiências.

Durante as entrevistas realizadas, algumas informações observadas ao longo do período de visita aos SCs foram confirmadas, como o fato de mulheres idosas serem maioria e o horário/dias da semana em que os idosos estão mais presentes. Alguns SCs já conseguem perceber como a questão do envelhecimento populacional está começando a alterar o público consumidor, fazendo a presença de idosos ser cada vez maior. Muitos deles já têm ações pensadas e programadas para este público, feitas estrategicamente para manter fiel o consumidor idoso.

Mesmo já havendo planos para o futuro, em relação a este público, o momento atual, em todos os SCs entrevistados e analisados, é de recuperação do público perdido desde o início da pandemia da COVID-19. O setor de comércio, principalmente os SCs, foi bastante afetado durante este período, pois precisaram ficar fechados boa parte dos anos de 2020 e 2021. Isso tudo somado ao fato de que os idosos eram um dos principais grupos de risco da doença e orientados a não sair de casa, dificultando o desenvolvimento da pesquisa, havendo a necessidade de várias adaptações ao longo do tempo.

Desta maneira, ficará para pesquisas futuras a investigação junto aos idosos sobre o que eles acham e esperam do lazer em SCs da cidade. Entender o pensamento deste público é essencial para atender as suas demandas e suas necessidades, atraindo-o cada vez mais para estes espaços. É preciso, também, entender quem é e de onde vem o idoso frequentador destes ambientes, suas condições de saúde e desejos para o lazer e o envelhecimento ativo.

É certo que o envelhecimento populacional trará grandes mudanças para a sociedade brasileira e, quanto antes sejam realizadas ações voltadas para amenizar o impacto

desta mudança na nossa estrutura etária, facilitará essa transição para uma realidade com um número maior de idosos. Além disso, poderá chegar um período de incentivos necessários à natalidade, para garantir o funcionamento de todos os setores da sociedade e o atendimento às necessidades do povo brasileiro.

A promoção do envelhecimento ativo deverá ser ainda mais intensa e a oferta de opções de lazer para os idosos precisará ser ampliada. Idosos saudáveis representam menos gastos com saúde por mais tempo. A aposentadoria também precisa de um destaque maior, visto a dependência de muitos idosos e de suas famílias pobres desse dinheiro para ter uma vida minimamente digna.

Os SCs já vêm sendo um dos principais representantes do lazer em espaços privados e a tendência é que isso não se altere no futuro próximo, mantendo a atenção para o atendimento às necessidades do público idoso. Com uma maior promoção do envelhecimento ativo, os espaços de lazer serão cada vez mais procurados pelos idosos e os SCs terão um grande potencial para atender às demandas deste público. Independente de espaço privado ou público, o lazer para idosos será mais comum e o público será cada vez maior. A sociedade e as cidades terão que se adaptar. O respeito e a defesa a um envelhecimento ativo garantirão um envelhecimento digno para todos nós.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. 615 p.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **A transição demográfica e o crescimento populacional no mundo**. 2012. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2012/05/20/a-transicao-demografica-e-o-crescimento-populacional-no-mundo-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/#:~:text=A%20literatura%20demogr%C3%A1fica%20mostra%20que,por%20volta%20do%20ano%201800>. Acesso em: 12 set. 2020.
- ASSIS, Mônica de. Envelhecimento Ativo e Promoção da Saúde: Reflexão para as ações educativas com idosos. **Revista Aps**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 1-16. 2005. Disponível em: <https://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/Envelhecimento.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- ASSIS, Mônica de. **O aumento do padrão de vida da humanidade nos últimos 200 anos**. 2018. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/03/30/o-aumento-do-padro-de-vida-da-humanidade-nos-ultimos-200-anos-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 12 set. 2020.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SHOPPING CENTERS (ABRASCE). **Números dos Estados**. 2021. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://abrasce.com.br/numeros/estados/>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 8.842**, de 04 de janeiro de 1994. Institui a Política Nacional do Idoso. Brasília, DF: Presidência da República, 1994. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm). Acesso em: 03 nov. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Institui o Estatuto do Idoso. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 09 nov. 2020.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.
- CAMARANO, Ana Amélia. Introdução. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. 615 p.
- CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. **Texto para Discussão nº 858**. Rio de Janeiro: Ipea, 2002. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4401](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4401). Acesso em: 25 set. 2020.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão e. Como Vive o Idoso Brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004. p. 25-73.

CAMARANO, Ana Amélia. Quão além dos 60 poderão viver os idosos brasileiros? In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além Dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004. p. 77-105.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Introdução. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004. p. 01-23.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço urbano**: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007. 123p.

CARVALHO, José Alberto Magno de. GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 19(3): 725-733, mai-jun, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15876.pdf>. Acesso: 15 jan. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 590 p.

CHEMIN, Beatriz. F. **Constituição e lazer**: uma perspectiva do tempo livre na vida do (trabalhador) brasileiro. Curitiba/PA: Juruá, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Saúde perdeu R\$ 20 bilhões em 2019 por causa da EC 95/2016**. 2020. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1044-saude-perdeu-r-20-bilhoes-em-2019-por-causa-da-ec-95-2016>. Acesso em: 17 nov. 2020.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Planejamento e Expansão Urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **De Cidade a Metrôpole**: (trans)formações urbanas em fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009. Cap. 3. p. 143 - 186.

CUNHA, Paulo. **Expectativa de Vida**: xô morte!. 2008. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/expectativa-vida-xo-morte-435891.phtml>. Acesso em: 12 set. 2020.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011. 103 p.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. O Centro de Fortaleza na contemporaneidade. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **De Cidade a Metrôpole**: (trans)formações urbanas em fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009. Cap. 4. p. 187-227.

DIAS, Matheus. **9 tipos de amostragem probabilística e não-probabilística**. 2018. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: [https://www.opuspesquisa.com/blog/tecnicas/amostragem/#Amostragem\\_por\\_conveniencia\\_Nao-Probabilistica](https://www.opuspesquisa.com/blog/tecnicas/amostragem/#Amostragem_por_conveniencia_Nao-Probabilistica). Acesso em: 28 set. 2020.

DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel: sesc, 1994. 199 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 333 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974. Disponível em: [https://tuxdoc.com/download/joffre-dumazedier-sociologia-empirica-do-lazer\\_pdf](https://tuxdoc.com/download/joffre-dumazedier-sociologia-empirica-do-lazer_pdf). Acesso em: 15 set. 2021.

European Commission (EA). **New Paradigms in Ageing Societies**. 1999. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: [http://ec.europa.eu/employment\\_social/soc-prot/ageing/news/paradigm\\_en.htm](http://ec.europa.eu/employment_social/soc-prot/ageing/news/paradigm_en.htm). Acesso em: 29 nov. 2020.

FACCHINI, Leonardo Dell Antonio. **A indústria cultural brasileira: crescimento e influências**. 2011. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Ciências Econômicas) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/118959>. Acesso em: 01 out. 2021.

FONSECA, Itamara Lúcia da; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. Lazer e terceira idade: um estudo acerca dos espaços e equipamentos públicos no município de Parelhas/RN. **Turismo: Estudos e Práticas** - UERN, Mossoró/RN, vol. 1, n. 2, p. 61-79, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/19177>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FORTALEZA CIDADE AMIGA DO IDOSO. 2021. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.fortalezaamigaidoso.com.br/>. Acesso em: 25 out. 21.

FORTALEZA, Prefeitura de. **Fortaleza 2040: a cidade planejada pela cidadania**. A cidade planejada pela cidadania. 2021. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/fortaleza-2040/sobre-o-projeto>. Acesso em: 26 abr. 2021.

FREITAS, Mirtes. Cultura urbana de Fortaleza: reflexões sobre o lazer. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 17, n. 19, p. 121-150, 2004. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/154>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FRÚGOLI JR, Heitor. Os Shoppings de São Paulo e a Trama do Urbano: um olhar antropológico. In: PINTAUDI, Silvana Maria; FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Shoppings Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Editora Unesp, 1992. Cap. 4. p. 75-92.

GAETA, Antônio Carlos. Gerenciamento dos Shoppings Centers e Transformação do Espaço Urbano. In: PINTAUDI, Silvana Maria; FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Shoppings Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Editora Unesp, 1992. Cap. 2. p. 45-60.

GÁSPARI, Jossett Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. O Idoso e a Ressignificação Emocional do Lazer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Rio Claro, v. 21, n. 1, p. 69-76, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n1/a10v21n1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GIL, Ana Helena C. F.. O Shopping Center como Estruturação dos desejos. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, 1., 2006, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Edição do Neer Geografia/Ufpr, 2007. p. 1-13. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/ana-gil.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Cidália Domingues. ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO, ENVELHECIMENTO PRODUTIVO E ENVELHECIMENTO ATIVO: REFLEXÕES. **Estud. Interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 645-657, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/49428>. Acesso em: 24 nov. 2020.

GONÇALVES, Guilherme Quaresma; CARVALHO, José Alberto Magno de; WONG, Laura Lúcia Rodríguez; TURRA, Cássio Maldonado. A transição da fecundidade no Brasil ao longo do século XX – uma perspectiva regional. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s.l.], v. 36, p. 1-34, 30 dez. 2019. Associação Brasileira de Estudos Populacionais. <http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0098>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982019000100171&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100171&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 26 out. 2020.

GONÇALVES, Tiago Estevam; CARNEIRO, Tatiane Rodrigues. Espaço Público e Shopping Center na Cidade Contemporânea: novos significados do North Shopping em Fortaleza - ce. **Geografares**, [s.l.], p. 128-155, 28 fev. 2012. Universidade Federal do Espírito Santo. <http://dx.doi.org/10.7147/geo10.1573>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/271249025\\_Espaco\\_Publico\\_e\\_Shopping\\_Center\\_na\\_Cidade\\_Contemporanea\\_Novos\\_Significados\\_do\\_North\\_Shopping\\_em\\_Fortaleza\\_-\\_CE](https://www.researchgate.net/publication/271249025_Espaco_Publico_e_Shopping_Center_na_Cidade_Contemporanea_Novos_Significados_do_North_Shopping_em_Fortaleza_-_CE). Acesso em: 12 nov. 2021.

GONÇALVES, Tiago Estevam. **Shopping centers e o processo de metropolização em Fortaleza**. 2017. 447f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27186>. Acesso em: 27 out. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **PSBS se torna programa do Governo do Estado**. 2019. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.bombeiros.ce.gov.br/2019/03/01/psbs-se-torna-programa-do-governo/>. Acesso em: 01 out. 2021.

GRAÇA, Miguel Silva. Planeamento e regulação de equipamentos privados de uso colectivo: o centro comercial no centro do planeamento urbano. In: ENCONTRO ANUAL AD URBEM, 19., 2012, Coimbra. **Anais [...]**. Coimbra: Ad Urbem, 2012. p. 1-19. Disponível em: [http://www.adurbem.pt/images/stories/ficheiros/encontro\\_2012/2\\_miguel\\_silva\\_graa\\_.pdf](http://www.adurbem.pt/images/stories/ficheiros/encontro_2012/2_miguel_silva_graa_.pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Brasil em Síntese**. 2020a. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/>. Acesso em: 04 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1950**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. 354 p. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd\\_1950\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf). Acesso em: 18 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores de Desenvolvimento Sustentável**. 2017. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3733>. Acesso em: 13 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínuo (PNADc)**: trimestre: abr-jun/20. 2020c. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/conjuntura-economica/emprego-e-renda/2020/ie-pnadc-junho-2020.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Séries: Históricas e Estatísticas**. 2020b. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: [https://serieestatisticas.ibge.gov.br/lista\\_tema.aspx?op=0&de=36&no=10](https://serieestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=0&de=36&no=10). Acesso em: 23 out. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 146 p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

IPEA. **Conselho Nacional de Direitos do Idoso**. 2020. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/participacao/conselhos/conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt/132-conselho-nacional-dos-direitos-do-idoso/266-conselho-nacional-de-direitos-do-idoso>. Acesso em: 09 nov. 2020.

IPECE. **Anuário Estatístico do Ceará 2017**. 2017. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2017/infraEstrutura/habitacao/saneamento.htm>. Acesso em: 23 jul. 2021.

IPECE. **Projeções populacionais: Análise comparativa do Ceará com o Brasil no período de 2019 a 2060**. Enfoque Econômico nº 209. Fortaleza, 2019. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/2019/07/15/estudo-revela-estimativa-da-populacao-do-ceara-ate-2060-e-aumento-da-taxa-de-idosos-e-reducao-na-de-jovens/#:~:text=15%20de%20julho%20de%202019,9%2C4%20milh%C3%B5es%20de%20habitantes>. Acesso em: 17 ago. 2021.

IPECE. **Pesquisa revela que dos 9,1 milhões de habitantes no Ceará, 77,4% estão em áreas urbanas e 22,6% em áreas rurais**. 2021. Governo do Estado do Ceará. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/01/29/pesquisa-revela-que-dos-91-milhoes-de-habitantes-no-ceara-774-estao-em-areas-urbanas-e-635-da-populacao-tem-idade-ativa/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

JOSÉ, José de São; TEIXEIRA, Ana Rita. Envelhecimento ativo: contributo para uma discussão crítica. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa: Análise Social**, Lisboa, v. XLIX, n. 210, p. 28-54, jan-mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n210/n210a02.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2020.

KANSO, Solange. Processo de envelhecimento populacional - um panorama mundial. In: V Anais Workshop, 6., 2013, Viçosa. **Anais do VI Workshop de Análise Ergonômica do Trabalho, III Encontro Mineiro de Estudos em Ergonomia e VIII Simpósio do Programa**

**Tutorial em Economia Doméstica.** Viçosa: UFV, 2013. p. 1-23. Disponível em: <http://www.workshop-ded.ufv.br/wp-content/uploads/Solange-Kanso.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. 176 p. Tradução de Sérgio Martins.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 141 p. Tradução Rubens Eduardo Frias.

LEMOS, Celina Borges. O Shopping Center como Espaço Público na Experiência Urbana de Belo Horizonte. In: PINTAUDI, Silvana Maria; FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Shoppings Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras.** São Paulo: Editora Unesp, 1992. Cap. 5. p. 92-106.

LIMA, José Amaro Barcelos. Humanização do Espaço Urbano. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO. Rio de Janeiro: **Anais**, 2013. p. 1-16. Disponível em: <https://www.inovarse.org/filebrowser/download/15729>. Acesso em: 26 ago. 2021.

LOBATO, Lenaura de Vasconcelos Costa; COSTA, Ana Maria; RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon. Reforma da previdência: o golpe fatal na seguridade social brasileira. **Saúde em Debate**, [S.L.], v. 43, n. 120, p. 5-14, mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2019.v43n120/5-14/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

LUNARDI, Raquel; SILVA, Adriana Pisoni da. Planejamento Público urbano do lazer para idosos em Santa Maria – RS. **Disciplinarum Scientia**, [s. l], v. 4, n. 1, p. 141-156, dez. 2003. Série: Ciências Humanas. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1621>. Acesso em: 13 jan. 2021.

MARCELLINO, Nelson C. **Estudos do Lazer: uma introdução.** 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2002. 97 p.

MARCELLINO, Nelson C. (org.). **Lazer: formação e atuação profissional.** Campinas: Papirus, 1995a.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e Humanização.** 2 ed. Campinas: Papirus, 1995b. 83 p. Coleção Fazer Lazer.

MARINHO, Yasmim Bolzan; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. Espaços terciários varejistas antes da Primeira Revolução Urbana Moderna. In: LYRA, Ana Paula Rabello; FERREIRA, Gilton Luis; FERREIRA, Giovanilton Andre Carreta; LIRA, Pablo Silva (org.). **Cidade e Metrópole: coleção arquitetura e cidade.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. p. 152-166. Disponível em: [https://www.letrecapital.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Miolo\\_Cidade-e-Metropole\\_1a21.pdf](https://www.letrecapital.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Miolo_Cidade-e-Metropole_1a21.pdf). Acesso em: 13 out. 2021.

MARTINS, Everton. Entrevista: Técnica de coleta em pesquisa qualitativa. **Blog PPEC**, Campinas, v.8, n.1, ago. 2018. ISSN 2526-9429. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/blog/index.php/2018/08/15/entrevista/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MATTAR, Fauze Najib. **Administração de varejo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Disponível em: <https://facultatis.files.wordpress.com/2018/04/fauze-najib-mattar-administrac3a7c3a3o-de-varejo.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [s.l.], v. 19, n. 3, p. 507-519, jun. 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232016000300507&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232016000300507&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 02 nov. 2020.

OECD. **Reforms for an Ageing Society**. 2000. OECD. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: [https://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/reforms-for-an-ageing-society\\_9789264188198-en](https://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/reforms-for-an-ageing-society_9789264188198-en). Acesso em: 29 nov. 2020.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Envelhecimento populacional e políticas públicas: desafios para o Brasil no século XXI. **Espaço e Economia**, [s.l.], n. 8, p. 1-20, 13 set. 2016. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/espacoeconomia.2140>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/2140>. Acesso em: 15 nov. 2020.

OLIVEIRA, G. A. **Abordagem Ergonômica da Situação do Pedestre na Barra da Tijuca**. 2004. Dissertação de Mestrado em Artes, Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2004. 182 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization**; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf). Acesso em: 19 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Guia Global das Cidades Amigas dos Idosos**. Genebra: Organização Mundial da Saúde. 2007. 80p. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43755/9789899556867\\_por.pdf;sequence=3](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43755/9789899556867_por.pdf;sequence=3). Acesso em: 26 ago. 2021.

PADILHA, Valquíria. **Shopping center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

PADILHA, Valquíria. **Shoppings Centers: a catedral das mercadorias e do lazer reificado**. 2003. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280103#:~:text=Citation%3A,mercadorias%20e%20do%20lazer%20reificado>. Acesso em: 13 dez. 2020.

PARADELLA, Rodrigo. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 13 nov. 2020.

PINTAUDI, Silvana Maria. O Shopping Center no Brasil: condições de surgimento e estratégias de localização. In: PINTAUDI, Silvana Maria; FRÚGOLI JUNIOR, Heitor (org.). **Shoppings Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 16-43.

POPULATIONPYRAMID.NET. **Alemanha/Japão**. 2020. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.populationpyramid.net/pt/alemanha/1950/>. Acesso em: 18 set. 2020.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **A Cidade**. 2020. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/a-cidade>. Acesso em: 06 abr. 2020.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Fortaleza – Cidade amiga do Idoso: o projeto**. 2021. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.fortalezaamigadoidoso.com.br/o-projeto/>. Acesso em: 29 set. 2021.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **População Consolidada por Bairro Segundo a Faixa Etária, Fortaleza**. 2021b. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: [https://simda.sms.fortaleza.ce.gov.br/simda/populacao/faixa?ano\\_pop=2001&faixaEtaria=1&modo=bairro@ional=](https://simda.sms.fortaleza.ce.gov.br/simda/populacao/faixa?ano_pop=2001&faixaEtaria=1&modo=bairro@ional=). Acesso em: 12 out. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** [recurso eletrônico] – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

RAUTH, Jussara. PY, Lídia. A história por trás da Lei: o Histórico, as Articulações de Movimentos Sociais e Científicos, e as Lideranças Políticas Envolvidas no Processo de Constituição da Política Nacional do Idoso. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. 615 p.

REDE INTERAGENCIAL DE INFORMAÇÃO PARA A SAÚDE. **Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações** / Rede Interagencial de Informação para a Saúde - Ripsa. – 2. ed. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2008. 349 p. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/tabdata/livroidb/2ed/indicadores.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2020.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RIBEIRO, Oscar. O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v., n. 2, p. 33-52, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539987004>. Acesso em: 30 nov. 2020.

ROCHA, Sheila Marta Carregosa. As cidades do futuro: de idoso (a,s), com idoso (a,s) e para idoso (a,s). In: MAGALHÃES, Alex Ferreira *et al* (org.). **Cidades: dilemas, desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Uva, 2020. p. 65-86. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/346790136\\_Cidades\\_dilemas\\_desafios\\_e\\_perspectivas](https://www.researchgate.net/publication/346790136_Cidades_dilemas_desafios_e_perspectivas). Acesso em: 25 ago. 21.

SANCHES, Andreia et al. **A vida desde 1820**. 2010. Disponível em: <https://acervo.publico.pt/multimedia/infografia/a-vida-desde-1820>. Acesso em: 12 set. 2020.

SANTOS, A. M. M.; COSTA, C. S.; CARVALHO, R. E. O crescimento dos shopping centers no Brasil. **BNDES Setorial**. 1996. Disponível em: [https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/3583/1/BS%2004%20O%20crescimento%20de%20shopping%20centers%20no%20Brasil\\_P.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/3583/1/BS%2004%20O%20crescimento%20de%20shopping%20centers%20no%20Brasil_P.pdf). Acesso em: 11 mar. 2020.

SANTOS, Angela Moulin S. Penalva. Planejamento urbano: para quê e para quem?. **Revista de Direito da Cidade**, [S.L.], v. 4, n. 1, p. 51-94, 20 jun. 2012. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/rdc.2012.9699>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/9699>. Acesso em: 21 nov. 2020.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 1 ed. São Paulo: Nobel, 1987. 176p.

SANTOS JÚNIOR, Wilson Ribeiro dos. Shopping Center: uma imagem de espelhos. In: PINTAUDI, Silvana Maria; FRÖGOLI JUNIOR, Heitor (org.). **Shoppings Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Editora Unesp, 1992. Cap. 3. p. 61-74.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Desenvolvimento Humano, por Bairro, em Fortaleza**. Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>. Acesso em: 21 set. 2021.

SILVA, Ana Dyenice Carlos da. Espaços Públicos: Requalificação dos Espaços de Lazer na Área Central da Cidade de Fortaleza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Espírito Santo. **Anais [...]**. Espírito Santo: Anais do VII CBG, 2014. p. 1-12. Disponível em: [http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404351835\\_ARQUIVO\\_ARTIGO-CGB.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404351835_ARQUIVO_ARTIGO-CGB.pdf). Acesso em: 24 set. 2021.

SILVA, Carlos Henrique Costa da; LEME, Everton Ricardo Jampietri; SANTOS, Joe Andrew Mateus. CIDADE, COMÉRCIO, CONSUMO E LAZER: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS SHOPPING CENTERS. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 87-105, jul. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>. Acesso em: 4 jun. 2020.

SILVA, José Borzacchiello da. Formação Socioterritorial Urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **De Cidade a Metrópole: (trans)formações urbanas em fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. Cap. 2. p. 87-142.

SILVA, Regina Balbino da Silva. **O Lazer popular nos espaços à beira-mar em Fortaleza-CE**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. Cap. 2. p. 31-42. (Educação a Distância). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 02 set. 2018.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**, Diamantina, v. 1, n. 2, p. 1-25, out. 2012. Disponível em: [http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX\\_fatima.pdf](http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf). Acesso em: 26 out. 2020.

SOBARZO MIÑO, Oscar Alfredo. **Os Espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. 221 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105050#:~:text=Os%20espa%C3%A7os%20p%C3%ABlicos%20de%20Presidente,visando%20o%20entendimento%20da%20cidade.&text=As%20reflex%C3%B5es%20sobre%20a%20produ%C3%A7%C3%A3o,e%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20vida..> Acesso em: 25 mar. 2021.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana**. Revista Território. Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, n. 4, 1998.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1988. 80 p.

TASCHNER, Gisela B.. Lazer, Cultura e Consumo. **Rae - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 38-47, out./dez. 2000. Disponível em:

<http://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-40-num-4-ano-2000-nid-45692/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

TERRA. **Brasil é o segundo país com mais shoppings da América Latina**. 2018. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/brasil-e-o-segundo-pais-com-mais-shoppings-da-america-latina,4d41a7384256c6cf64208bd7d7f9f961ihlu78yc.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Miranda Forte. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 539-548, dez. 2012. Disponível em:

[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742012000400003](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742012000400003). Acesso em: 14 jul. 2020.

VELOSO, Ana Sofia T. **Envelhecimento, saúde e satisfação: efeitos do envelhecimento ativo na qualidade de vida**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão e Economia da Saúde, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/29711>. Acesso em: 29 nov. 2015.

WORLDOMETER. **População Mundial**. 2020. [s.l.] [s.n.]. Disponível em: <https://www.worldometers.info/br/>. Acesso em: 12 set. 2020.

WONG, Laura L. Rodríguez; CARVALHO, J. A.. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, jun. 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982006000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000100002). Acesso em: 24 nov. 2019.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES

- Observar se:

1. há um espaço destinado ao idoso.
2. há idosos frequentando o shopping.
3. há idosos frequentando o espaço do idoso.
4. o que os idosos costumam fazer no shopping.
5. em quais ambientes costumam ter mais idosos.
6. os idosos estão sozinhos ou acompanhados.
7. há atividades previstas no shopping para o público idoso.
8. existe divulgação do espaço do idoso ou das atividades voltadas para este público.
9. tem mais homens ou mulheres idosas frequentando.
10. há interação entre as gerações.
11. há acessibilidade interna para o público idoso.

## APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### ENTREVISTA SOBRE O LAZER PARA IDOSOS EM SHOPPING CENTERS DE FORTALEZA

**Público-alvo:** gestores/responsáveis pelo setor do lazer nos Shopping Centers de Fortaleza.

1. Vocês possuem alguma informação sobre a faixa etária, escolaridade e bairro de residência dos idosos que frequentam o shopping?
2. Quais setores/atividades são mais procurados pelos idosos que frequentam o shopping?
3. Já é possível perceber um aumento no número de idosos que frequentam o shopping?  
Existem dias da semana onde esse público se faz mais presente?
4. Existem espaços/ações/projetos voltados para o lazer de idosos? Se sim, quais e há quanto tempo?
5. Com o envelhecimento populacional no Brasil, existem planos para novos espaços/ações/projetos voltados para o lazer de idosos? Quais?
6. Existem estratégias para atrair/manter a frequência do público idoso no shopping?